

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



PARNASO BRASILEIRO.

OU

COLLECCÃO

DAS

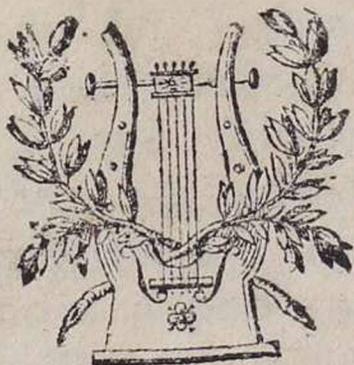
MELHORES POESIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

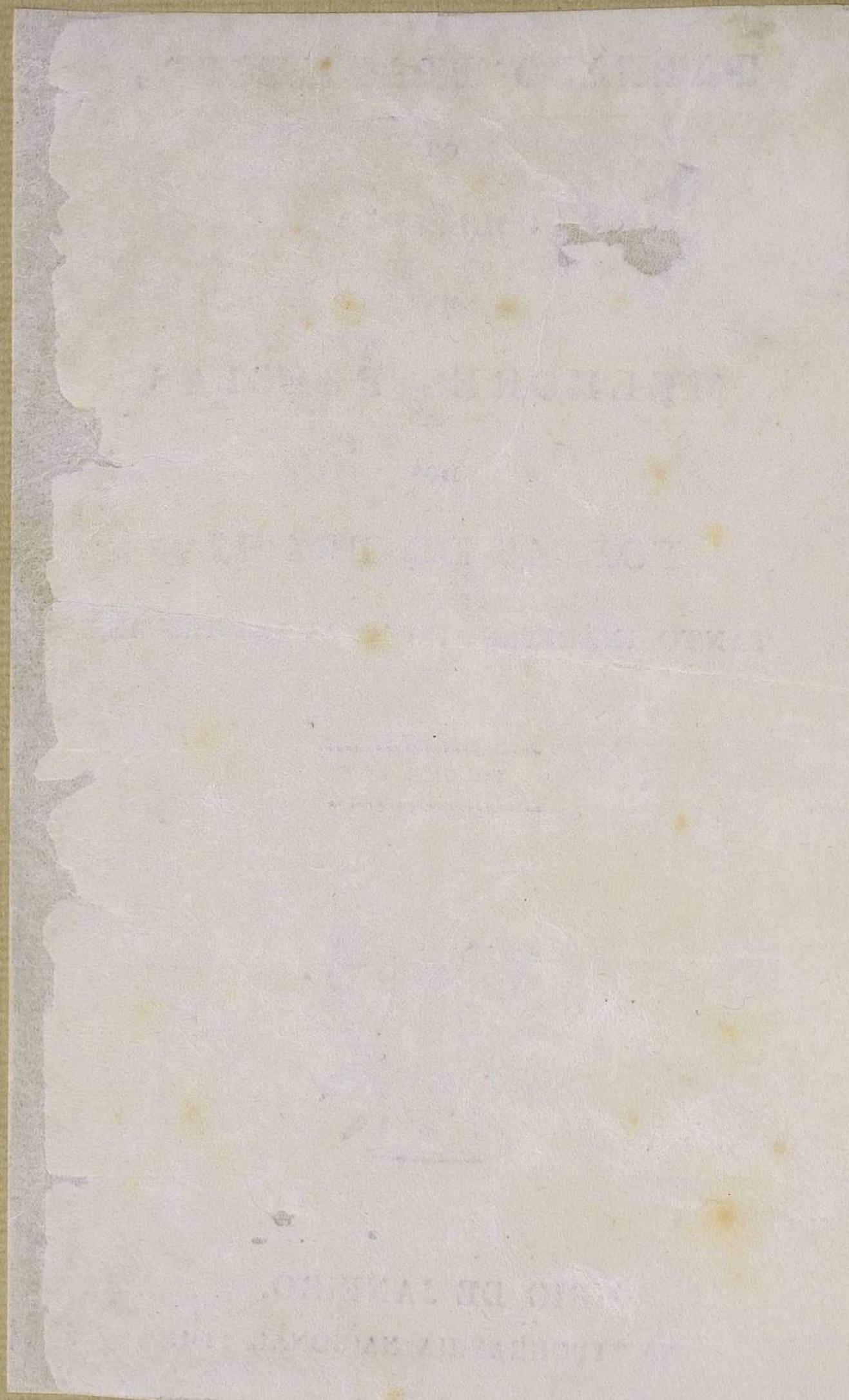
TANTO INÉDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

.....
VOLUME 2.^o
.....



RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1831.



AVISO.

O Bom acolhimento, que tem merecido o 1.º Volume do *Parnaso Brasileiro*, anima o seu Editor *Januario da Cunha Barboza* á proseguir nesta empresa de gloria Nacional, publicando o 2.º Volume, tambem dividido em 4 N.ºs de 8 folhas de impressão; cada hum dos quaes será annuciado logo que esteja pronto na *Typographia*.

Subscreve-se para esta obra nas casas dos Srs. *Veiga*, Rua da Quitanda esquina da de S. Pedro; *E. S. Plancher*, Rua do Ouvidor N.º 95, e na *Typographia Nacional*. O preço da subscrição he de 2000 rs. pelo Volume, pagos adiantados; e o de cada hum dos 4 N.ºs avulsos, he de 600 rs., quando não contenhão mais de 8 folhas de impressão.

Achão-se á venda nas mencionadas casas os N.ºs do 1.º Volume, e se vendem pelos preços annunciados.

Os Srs., que subscreverem, poderão mandar receber esta obra nas casas em que fizerem a assignatura, logo que pelos *Dia-rios* se annuncie a publicação de cada hum dos N.ºs do *Parnazo Brasileiro*.

Rio de Janeiro 17 de Outubro de 1831.



*Breve noticia sobre o Doutor Fr. José
de S. Rita Durão.*

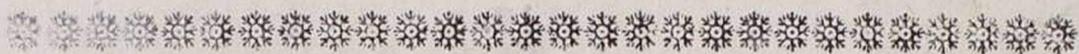
NASCEO este nosso Poeta Epico no Arraial de *Infi-*
cionado, da Provincia de Minas Geraes. A sua Familia
he distincta pelos raros talentos de muitos dos seus mem-
bros; e não pequeno elogio se lhe faz nesta parte dizen-
do-se que á ella pertencerão os illustres Naturalistas —
Doutor Joaquim Velloso de Miranda, e Coroneis *Antonio*
Velloso de Miranda, e *João Velloso de Miranda*, sobrinhos
do nosso *Doutor Durão*, que ainda por muitos annos
conservarão o credito Litterario do nosso Poeta, entregan-
do-se ás mesmas fadigas scientificas, e seguindo a mes-
ma estrada de gloria, por onde elle chegára á tão il-
lustre celebridade.

Em seus primeiros annos deo provas de que a Na-
tureza o criára com todas as proporções para honrar o
genio Brasileiro; e concluidos com muito aproveitamento
os estudos preliminares, que podia fazer em sua Patria,
passou esta planta á ser cultivada em terreno distante
mas onde os orvalhos da sabedoria, e os disvellos de
mais habéis agricultores a farião medrar, vicejar, e flo-
recer, como seus paes desejavão, consolando-se em sua
ausencia por esta idéa lisongeira aos que presão a glo-
ria das Letras, e por isso a procurão de tão longe. *Du-*
rão chegando á Portugal escolheo hum retiro para mais
folgadamente applicar-se ao estudo das sciencias, que
fazião o objecto de seus ardentes desejos; entrou na Com-
muniidade dos Religiosos Agostinhos movido pelo concei-
to, que gozavão de muita e profunda Litteratura; e de-
senvolvendo o seu Genio nos estudos á que se dera, pas-
sou a frequentar a Universidade de Coimbra, donde por
fim voltou depois de recebido o grão de Doutor em Theo-
logia. Mas o homem que aspira ser sabio não pára na

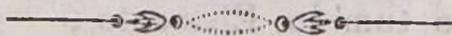
carreira em que se distingue, aiada que os seus loiros o advirão que tem deixado após si muitos Genios, ou menos favorecidos pela Natureza, ou mais tímidos á vista de trabalhos difficeis, porém honrosos. As sciencias florescerão na Italia, e *Durão* anhelava visitar o paiz classico da Litteratura, onde se salvarão os thesouros da Grecia, e onde tantos e tão illustres Romanos escreverão e fallarão para todo o mundo, e para todos os seculos. Elle se passou á Roma; e depois de huma residencia de alguns annos, regressou á Lisboa rico de erudição, e realisando todas as esperanças de seus primeiros annos, pelos seus não vulgares talentos, e constante applicação.

A sua linguagem era classica, porque a tinha dos Auctores puritanos. Fallava muitas linguas vivas; sabia com perfeição a Latina, Grega, e Hebraica, do que ainda existem bastantes monumentos em alguns dos seus escriptos. Concebeo o plano do seu Poema *Caramorú* (do qual agora damos alguns extractos), e o concluiu no brevisimo espaço de tres mezes. Ainda que esta circumstancia não interesse muito aos Leitores, por quanto só lhes importa a bondade da obra, quer seja longo, quer breve o periodo em que se compozera, todavia, ella serve de algum modo para fazer conhecidos os grandes talentos do Doutor *Durão*. Se o seu *Caramorú* não he huma perfeita Epopéa, nem por isso deixa de ser muito estimado pelos grandes rasgos de imaginação, e quadros de mão habil, iguaes aos melhores de *Camões*, de *Mausinho*, de *Corte Real* &c. Alguns Estrangeiros lhe dão por isso mesmo elogios; *Ferdinand Deniz* faz d'elle honrosa menção no seu Resumo da Historia Litteraria do Brasil, analisando muitas das suas bellezas; e nós nos gloriamos de possuir huma Epopéa Brasileira unida á outras de menor extensão, de igual merecimento, como por exemplo o *Uruguay* de *J. B. da Gama*.

O Doutor Fr. *José de S. Rita Durão* deixou, além do seu Poema *Caramorú*, outras composições em prosa, que fazem honra á sua memoria,



PARNASO BRASILEIRO.



EXTRACTOS DO POEMA CARAMORU'.

Descripção do Naufragio.

CANTO 1.º

9:

DA nova Lusitania o vasto espaço
 Hia a povoar Diogo, a quem bisonho
 Chama o Brasil, temendo o forte braço,
 Horrivel filho do trovão medonho:
 Quando do abysmo, por cortar-lhe o passo,
 Essa Furia sahio, como supponho,
 A' quem do Inferno o Paganismo aluno,
 Dando o Imperio das agoas, fez Neptuno:

10.

O grão Tridente, com que o mar commove,
 Cravou dos Orgãos na montanha horrenda,
 E na escura caverna, adonde Jove
 (Outro espirito) espalha a luz tremenda,
 Relampagos mil faz, coriscos chove;
 Bate-se o vento em horrida contenda,
 Arde o Ceo, zune o ar, treme a montanha,
 E ergue-lhe o mar em frente outra tamanha.

11.

O Filho do trovão, que em baixel hia
 Por passadas tormentas ruinoso,
 Vê que do grosso mar na travessia
 Se sórve o lenho pelo pégo undoso;
 Bem que, constante, a morte não temia,
 Invoca no perigo o Ceo piedoso,
 Ao ver que a furia horrivel da procélla
 Rompe a náó, quebra o leme, e arranca a vélla.

12.

Lança-se ao fundo o ignivomo instrumento,
 Todo o peso se alija; o passageiro,
 Para nadar no tumido Elemento,
 A taboa abraça, que encontrou primeiro;
 Quem se arroja no mar, temendo o vento;
 Qual se fia á hum batel, quem á hum madeiro;
 Até que sobre a penha, que a embaraça,
 A quilha bate, e a não se despedaça.

13.

Sete sómente no batel perdido
 Vem á praia cruel, luctando á nado;
 Offerece-lhe hum soccorro fementido
 Barbara multidão, que acóde ao brado;
 E ao ver na praia o Bemfeitor fingido,
 Rende-lhe as mãos o naufrago enganado:
 Tristes! que a ver algum qual fim o espera,
 Com quanta sede a morte não bebêra!

14.

Ja estava em terra o infausto naufragante,
 Rodeado da turba Americana;
 Vêm-se com pasmo, ao porem-se diante,
 E huns aos outros não crem da especie humana;
 Os cabellos, a cor, barba, e somblante
 Fazião crer aquella Gente insana,
 Que alguma especie de animal seria
 Desses, que no seo seio o mar trazia.

15.

Algum, chegando aos miseros, que á arêa
 O mar arroja extinctos, nota o vulto,
 Ora o tenta despir, e ora receia
 Não seja astucia, com que o assalte occulto;
 Outros do Jacaré tomando a idéa,
 Temem que acorde com violento insulto;
 Ou que, o somno fingindo, os arrebate,
 E entre as presas crueis no fundo os mate.

16.

Mas vendo a Sancho, hum naufrago que expira,
 Rota a cabeça n'huma penha aguda,
 Que hia tremulo a erguer-se, e que cahira,
 Que com voz lastimosa implora ajuda;
 E vendo os olhos, que elle em branco vira,
 Cadaverica a face, a boca muda,
 Pela experiencia da commua sorte
 Reconhecem tambem que aquillo he morto.

17.

Correm, depois de orello, ao pasto horrendo,
 E retalhando o corpo em mil pedaços,
 Vai cada hum famelico trazendo
 Qual hum pé, qual a mão, qual outro os braços:
 Outros na crua carne hão comendo,
 Tanto na infame gula erão devassos!
 Taes ha que os assão nos ardentes fòssos,
 Alguns torrando estão na chamma os ossos.

*Descripção de huma Aldêa de Selvagens
 do Reconcavo, &c.*

CANTO 2.º

58.

No Reconcavo ameno hum posto havia
 De troncos immortaes cercado á roda,
 Trincheira natural, com que impedia
 A quem quer penetral-o a entrada toda:
 Hum plano vasto no seo centro abria,
 Aonde, edificando á patria moda,
 De troncos, varas, ramos, vimes, canas,
 Formarão, como em quadro, oito cabanas.

59.

Qualquer dellas com móle volumosa
Corre direita em linhas parallelas ;
E mais comprida aos lados , que espaçosa ,
Não tem paredes , ou columnas bellas :
Hum angulo no cume a faz vistosa ,
E coberta de palmas amarellas
Sobre arvores se estriba altas , e boas ,
De seiscentas capaz , ou mil pessoas.

60.

Qual o velho Noé na immensa barca ,
Que a barbara cabana em tudo imita ,
Ferozes animaes provido embarca ,
Onde a turba brutal tranquilla habita :
Tal o rude Tapuia na grande arca ,
Alli dorme , alli come , alli medita ,
Alli se faz humano , e de amor molle ,
Alimenta a mulher , e afaga a prole.

61.

Dentro da grã choupana á cada passo
Pende de lenho a lenho á rede extensa ,
Alli descanço toma o corpo lasso ,
Alli se esconde a marital licença :
Repousa a filha no materno abraço
Em rede especial , que tem suspensa :
Nenhum se vê (que he raro) em tal vivenda ,
Que a mulher de outrem , nem que a filha offenda.

62.

Alli , chegando a esposa fecundada
A' termo ja feliz , nunca se omite
De pôr na rede o pai a prole amada ,
Onde o amigo , e parente o felicite ;
E como se a mulher sofrera nada ,
Tudo ao pai reclinado então se admitte ,
Qual fora , tendo sido em modo serio
Seo proprio , e não das mãis o puerperio.

63.

Quando na rede encosta o tenro infante ,
 Pinta-o de negro todo , e de vermelho ,
 Hum pequeno arco põe , frecha volante ,
 E hum bom cutello ao lado : e em tom de velho.
 Com discurso pathetico , e zelante
 Vai-lhe inspirando o paternal conselho ;
 Que seja forte diz , (como se o ouvisse)
 Que se saiba vingar , que não fugisse.

64.

Da-lhe depois o nome , que apropriã
 Por similhaça , que ao infante iguala ,
 Ou com que o espera celebre algum dia ,
 Se não he por defeito que o assinala :
 A algum na fronte o nome se imprimia ;
 Ou pintão no verniz , que tem por gala ,
 E segundo a figura se lhe observa ,
 Dão-lhe o nome de féra , fructo , ou herva.

65.

Trabalha em tanto a mãe sem nova cura ,
 Quando o parto conclue , e em tempo breve ,
 Sem mais arte que a provida natura ,
 Sente-se lesta , e sã , robusta , e leve :
 Feliz gente , se unisse com Fé pura
 A sóbria educação , que simples teve !
 Que o que a nós nos faz fracos , sempre estimo ,
 Que he mais , que pena ou dor , melindre e mimo.

66.

Vai com o adulto filho á caça , ou pesca
 O solícito pai pelo alimento ;
 O peixe á mulher traz , e a carne fresca ,
 E á terra prole a fructa por sustento :
 A nova provisão sempre refresca ,
 E dá nesta fadiga hum documento ,
 Que quem nega o sustento á quem deo vida ,
 Quiz ser pai , por fazer-se hum parricida.

Que, se acontece que a enfermar-se venha,
 Concorre com piedade a turba amiga;
 E por dar-lhe hum remedio, que convenha,
 Consultão-no entre si com gente antiga:
 Buscão quem de herba saiba, ou cura tenha,
 Que possa dar alivio ao que periga;
 Ou talvez sangrão n'hum febre ardente,
 Servindo de lanceta hum fino dente.

Mas vendo-se o mortal ja na agonia,
 Sem ter para o remedio outra esperanza,
 Estima a bruta gente acção mui pia
 Tirar-lhe a vida com a maça ou lança:
 Se morre o tenro filho, a mãe seria
 Estimada cruel, quando a criança,
 Que pouco antes ao Mundo della veio,
 Não torna ao seo lugar no proprio seio.

Tal era o povo rude, e tal usança
 Se lhe vê praticar no vicio illuso:
 Tudo nota Diogo, na esperanza
 De corrigir por fim tão cego abuso.
 No lugar da cabana, em que descansa
 Menos da gente, e multidão confuso,
 Põe-lhe a rede Gupéva, que o convida,
 De rica e mole pluma entretecida.

*Primeira intrevista de Diogo e de
Paraguaçu.*

CANTO 2.º

77.

.....
.....
Acaso soube, que a Gupéva viera
Certa Dama gentil Brasileira,
Que em Taparica hum dia comprehera
Boa parte da lingua Lusitana;
Que Portuguez escravo alli tratara,
De quem a lingua, pelo ouvir, tomara.

78.

Paraguaçu gentil (tal nome teve)
Bem diversa de gente tão nojosa;
De cor tão alva, como a branca neve;
E donde não he neve, era de rosa:
O nariz natural, boca mui breve,
Olhos de bella cor, testa espaçosa;
De algodão tudo o mais com manto espesso,
Quanto honesta encobrio, fez ver-lhe o preço.

79.

Hum Principal das terras do contorno
A' bella Americana tem por filha,
Nobre sem fasto, amavel sem adorno,
Sem gala encanta, e sem concerto brilha:
Servia aos Carijós, que tinha em torno,
Mais que de amor, de objecto a maravilha;
De hum desdem tão gentil, que á quem a qhava,
Se mirava immodesto, horror causava.

80.

Foi destinada de seos paes valentes
 Esposa de Gupéva: mas a Dama
 Fugia de seos olhos impacientes,
 Nem prenda lhe aceitou, porque o não ama;
 Nada sabem de amor barbaras gentes,
 Nem arde em peito rude a amante chamma;
 Gupéva, que não sente o seo despeito.
 Tratava-a sem amor, mas com respeito.

81.

Deseja vel-a o forte Lusitano;
 Porque intérprete a lingua, que entendia,
 E toma por mercê do Ceo sob'rano
 Ter como entenda o idioma da Bahia:
 Mas quando esse prodigio a vista humano,
 Contempla no semblante ao louçania,
 Pára hum, vendo o outro; mudo e quedo,
 Qual junto de hum penedo outro penedo.

82.

Só tu, Tutelar Anjo, que o acompanhas,
 Sabes quanto a virtude alli se arrisca,
 E as fúrias da paixão, que accende estranhas
 Essa de insano amor doce faisca:
 Ansias no coração sentio tamanhas,
 (Ansias, que nem na morte o tempo risca)
 Que houvera de perder-se naquell'ora,
 Se não fora Christão, se Heroe não fora.

.

85.

“ Bella (lhe disse então) gentil Menina,
 (Tornando em si do pasmo, em que estivera)
 Sorte humana não he, mas he Divina,
 Ver-me a mim, ver-te a ti na nova esfera;
 Ella a frase, em que fallo, aqui te ensina:
 Ella, se não me engana o que a alma espera,
 Hum fogo em nós accende, que de resto
 Eterno haja de arder, se arder honesto.

86.

“ Desde hoje , se a meos olhos corresponde
 O meigo olhar das lucidas pupilas ;
 Se amor he ; porque amor quem he que o esconde ?
 Se por elle essas lagrimas distillas ;
 Com que chamas meo peito te responde
 Com mão de esposa poderás sentillas , :
 Disse , e estendendo a mão , offereceo-lha ;
 Ella , que nada diz , sorrio-se , e deo-lha .

87.

Fõe-lhe de fuga os olhos , que abaixara ;
 E ou de amante , ou tambem de vergonhosa ,
 Hum tão bello rubor lhe tinge a cara ,
 Como quando entre os lirios nasce a rosa :
 Tres vezes quiz fallar , tres se calara ;
 E ficou de soçobro tão formosa ,
 Quanto elle ficou cego ; e em tal porfia
 Nem hum , nem outro então de si sabia .

88.

Mas reflectindo logo o Heroe prudente ,
 Fixou no coração com fé segura
 Não cumprir as promessas de presente ,
 Antes que lhe entre n'alma a formosura :
 Rende-lhe o seo amor , mas innocente ;
 E faz-lhe prometter , que com fé pura ,
 Em quanto se não lava , e regenera ,
 Em continencia viveráõ sincera .

89.

“ Esta fé , (diz-lhe) Esposa em Deos querida ,
 Guardar-te hoje prometto em laço eterno ,
 Até banhar-te n'agoa promettida ,
 Por candida affeição de amor fraterno :
 Amor , que sobreviva á propria vida ,
 Amor , que preso em laço sempiterno ,
 Arda depois da morte em maior chamma ;
 Que assim trata de amor , quem por Deos ama .”

“ Esposo (a Bella diz) teu nome ignoro,
 Mas não teu coração, que no meo peito
 Desde o momento, em que te vi, que o adoro:
 Não sei se era amor já, se era respeito:
 Mas sei do que então vi, do que hoje exploro,
 Que de dous corações hum só fol feito.
 Quero o Baptismo teu, quero a tua Igreja,
 Meo povo seja o teu, teu Deos meo seja.

“ Ter-me-has, caro, ter-me-has sempre a teu lado;
 Vigia tua, se te occupa o somno;
 Armada sahirei, vendo-te armado;
 Tão fiel nas prisões, como n'hum throno:
 Outrem não temas, que me seja amado,
 Tu só serás Senhor, tu só meu dono: „
 Tanto lhe diz Diogo, e ambos jurarão,
 E em fé de juramento as mãos tocarão.

*Bellissima pintura da desesperação das Jo-
 vens Selvagens por occasião da volta
 de Diogo para a Europa.*

CANTO 6.º

Dizendo assim, com calma vò luctando
 Formosa não de Gallica bandeira,
 Que a terra ao parecer vlnha buscando,
 E a praia mette sobre a propria esteira:
 Vem seguindo a canoa, e sinais dando,
 Até que aborda a embarcação voleira:
 E da paz dando a mostra conhecida,
 A's praias da Bahia a não convida.

35.

A *Gupêva* entretanto , e *Taparica*
 Dava o ultimo abraço ; e á forte *Esposa*
 A intenção de levalla significa
 A ver da Europa a região famosa :
 Suspensa entre alvoroço , e pena fica
Paraguaçu contente , mas saudosa ;
 E quando o pranto na sentida fuga
 Começava a saudade , amor lho enxuga.

36.

He fama então que a multidão formosa
 Das Damas , que Diogo pertendião ,
 Vendo avançar-se a náó na via undosa ,
 E que a esperança de o alcançar perdião :
 Entre as ondas com ansia furiosa
 Nadando o Esposo pelo mar seguião ;
 E nem tanta agoa , que fluctua vaga ,
 O ardor , que o peito tem , banhando apaga.

37.

Copiosa multidão da náó Franceza
 Corre a ver o espectáculo assombrada ;
 É ignorando a occasião da estranha empresa ,
 Pasma da turba feminil que nada ;
 Huma , que ás mais precede em gentileza ,
 Não vinga menos bella , do que irada ;
 Era *Moema* , que de inveja geme ,
 E já visinha á náó se apega ao leme.

38.

“ *Barbaro* (a *Bella* diz) tigre , e não homem....
 Porem o tigre por cruel que breme ,
 Acha forças amor , que em fim o domem ;
 Só a ti não domou , por mais que te ame :
 Furias , raios , coriscos , que o ar consomem ,
 Como não consumis aquelle infame ?
 Mas pagar tanto amor com tedio , e asco....
 Ah ! que o corisco hes tu... raio.... penhasco.

39.

Bem poderas, cruel, ter sido esquivo,
 Quando eu a fé rendia ao teu engano;
 Nem me offenderas a escutar-me altivo,
 Que he favor, dado á tempo, hum desengano:
 Porem deixando o coração cativo
 Com fazer-te á meos rogos sempre humano,
 Fugiste-me, traidor, e desta sorte
 Paga meo fino amor tão crua morte?

40.

Tão dura iugratidão menos sentira,
 E esse fogo cruel doce me fora,
 Se á meo despeito triunfar não vira
 Essa indigna, essa infame, essa traidora:
 Por serva, por escrava te seguira,
 Se não temera de chamar Senhora
 A vil *Paraguayú*, que sem que o creia,
 Sobre ser-me infrior, he nescia e feia.

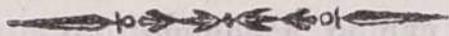
41.

Em fim tens coração de ver-me afflicta
 Fluctuar moribunda entre estas ondas,
 Nem o passado amor teu peito incita
 A hum ai sómente, com que aos meos respondas:
 Barbaro, se esta fé teu peito irrita,
 (Disse, vendo-o fugir) ah não te escondas,
 Dispara sobre mim teu cruel raio....,,
 E indo á dizer o mais, cahe n'hum desmaio.

42.

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
 Palida a cor, o aspecto moribundo,
 Com mão já sem vigor soltando o leme,
 Entre as salsas espumas desce ao fundo:
 Mas na onda do mar, que irado freme,
 Tornando a apparecer desde o profundo,
 — Ah Diogo cruel! — disse com magoa,
 E sem mais vista ser, sorveo-se n'agoa

Chorarão da Bahia as Nynfas bellas ,
 Que nadando a *Moema* acompanhavão ,
 E vendo que sem dor navegão dellas ,
 A' branca praia com furor tornavão :
 Nem pode o claro Heroe sem pena vellas
 Com tantas provas , que de amor lhe davão ;
 Nem mais lhe lembra o nome de *Moema* ,
 Sem que ou amante a chore , ou grato a gema.



*Descripção da tomada do Forte de Ville-
 gaignon aos Francezes , por Mendo de
 Sá , e seo sobrinho Estacio de Sá.*

CANTO 8.º

Mais não tolera a Lusa Monarquia ;
 Que ao Rei Christianissimo adherente ,
 Contra a rebelde heretica porfia
 Armada põe na America potente :
 Chefe Estacio de Sá prudente envia
 De válidos galeões com forte gente ,
 Que o Herege expulsando da enseada ,
 Deixe nova Cidade alli fundada.

Obzequioso abraçava o claro Mendo
 O valeroso Chefe seo conjuncto ,
 As forças da Bahia unido tendo
 A's que trouxera sobre o mesmo assumpto :
 Contra os esforços do Tamoio horrendo
 Accomette o rebelde em liga junto ,
 Incorporando á Armada Lusitana
 Vasto esquadrão da turba Americana.

41.

Chama-se Pão de Assucar o penedo,
 Em pyramide ás nuvens levantado,
 Onde de hum salto tinha ja sem medo
 A turba militar desembarcado:
 Nadava pelo mar vasto arvoredo
 Do Gentio em canoas habitado,
 E do ardente Francez luzida tropa,
 Que habil n'arte da Guerra fez a Europa.

42.

Destes o Luso campo accommettido
 De dardos, frechas, balas se embaraça;
 Em sombra o seio todo escurecido,
 As náos occultão nuvens de fumaça:
 E ao echo dos canhões entre o ruido
 Tudo está cego, e surdo em campo, e praça,
 E no horrivel relampago das peças
 Cahem por terra os bustos sem cabeças.

43.

Voão as náos de chammas occupadas,
 Enchendo a enseada do infernal estrondo,
 As canoas dos nossos abordadas,
 E os galeões, que em linha se vão pondo:
 Os golpes, que retinem das espadas,
 O golfo que arde em chammas em redondo,
 Erão na terra, e mar em sangue tinto,
 Hum abysmo, hum inferno, hum labyrintho.

44.

Depois que largo tempo em Marcio jogo
 Dura a batalha com commum perigo,
 Cessando o impulso do contrario fogo,
 Todo o estrago apparece do inimigo:
 Tinha cedido da cortenda logo,
 Receoso o Tamoio do castigo;
 E os Francezes, que as náos mal sustentavão,
 Em as penhas o asylo procuravão.

45.

Não cessa o bravo Sá contra o Gentio,
 E a forte tropa pelo mato avança;
 Por que abatendo o orgulho, e insano brio,
 Se apartasse o Sertão da infame alliança:
 Nem receia o Tamoio o desafio,
 Tendo no seu valor tanta confiança,
 Que fugindo da aldea ao mato, e gruta,
 A liberdade ao Portuguez disputa.

46.

Era aspero o combate, e lenta a guerra,
 E sem effeito o assedio ao Francez posto:
 E o barbaro embrenhado dentro a terra
 Tinha emboscada ao Portuguez disposto:
 Mendo que n' alma o grão cuidado encerra,
 Tendo de Estacio soccorrer proposto,
 Faz levas, busca náos, e a gente incita,
 E em auxilio dos seus partir medita,

47.

Já dobra o frio Cabo a esquadra ingente,
 E a vista do penhasco lança a amarra,
 Pasma o rebelde, vendo a armada á frente
 Occupar numerosa a estreita barra:
 Une-se a frota alli da Lusa gente.
 E os mutuos casos vanglorioso narra
 Irmão á irmãos, e o filho ao pai festivo
 Por ter chegado sam, e achado vivo.

48.

Chega aos braços de Estacio o forte Mendo,
 E por festiva salva estrepitosa
 Faz que vomite o bronze o fogo horrendo
 Contra a Ilha, que avistão, penhascosa:
 E largamente consultado havendo
 Os dous Chefes da empreza gloriosa,
 Contra o penedo tentão no mais alto
 A peito descoberto hum fero assalto,

49.

Vem-se entre as penhas formidaveis bocas
 De canhões, e mosquetes trovejando,
 E nas quebradas espantosas rócas
 Do barbaro Tamboio o immenso bando:
 Muitos alli das asperas barrocas
 Vão os nossos fuzís precipitando,
 Outros da rota penha em meio ás gretas
 Cobrião contra nós todo o ar de settas.

50.

Não cessava o rebelde bellicoso
 Com vi. o fogo o assalto rebatendo,
 Em quanto sobe o Luso valeroso,
 Trepando em furia no penedo horrendo;
 Quem no meio do impulso impetuoso
 Cahe, na ruina o proximo envolvendo;
 Quem, ferido da frecha, ou veloz bala,
 Do mais alto da penha ao mar resvala.

51.

Todo o penhasco em fogo se fundia,
 Em quanto o mar em roda em chammas ferve,
 Entre o fracasso, e fumo que sahia,
 De nada o ouvido vale, e a vista serve:
 A terra toda em roda estremecia,
 E sem que a agoa do incendio se preserve,
 Parecia ferver do fogo insano,
 Escondendo a cabeça, o Padre Oceano.

52.

Qual do Vesuvio a boca pavorosa,
 Quando rios de fogo ao mar derrama,
 Arroja ao ar com furia impetuosa
 Parte do vasto monte involta em chamma:
 A cinza cobre o Ceo caliginosa,
 Muge o chão, treme a terra, o pégo brama,
 E o mortal espantado, e tremebundo,
 Que que o Ceo caia, e que se funda o Mundo.

53.

Tal de Villegaignon na penha dura
 Do horrífico trovão freme a tormenta,
 E a chamma entre a fumaça horrenda e escura
 Do infernal lago as furnas representa:
 Porem do proprio fumo na espessura
 A pontaria, que o rebelde intenta,
 Evita o Portuguez, que ataca incerto
 A' escala vista, e á peito descuberto.

54.

E já no grão penedo tremulavão
 As Lusos Quinas pelo forte Estacio,
 E as Lises do penhasco se arrancavão,
 Donde a Villegaignon se ergue hum palacio:
 Pela roca os Tamoios se arrojavão;
 E o valor Luso, dando inveja ao Lacio,
 A guarnição Franceza investe á espada,
 E obriga em duro choque á retirada.

55.

O valente Francez, que a bellica arte
 Já com valor na Europa professara,
 O peito á fuga oppõe por toda a parte,
 E faz que volte o fugitivo a cara:
 E vendo Estacio só junto ao Estandarte,
 Que por Chefe dos Lusos se declara,
 Cuida de hum golpe terminar a empreza
 No General da gente Portugueza.

56.

Não desfalece o Capitão valente,
 E de hum e de outro lado accommettido,
 Rebate as ballas sobre o escudo ingente,
 E ar oja-se ao rebelde enfurecido:
 Lebrun despoja do mosquete ardente,
 Com que muitos de hum golpe tem ferido,
 Outros de ingreme posto ao mar despenha,
 E alguns expulsa da soberba penha.

57.

E ja fugia a timida caterva,
 Quando Rochefocó, que a pugna iguala,
 Donde a viseira descoberta observa
 Lhe aponta desde longe ardente bala:
 Cahindo o Heroe, na espada que conserva
 Adora humilde a Cruz, e perde a falla;
 Banha-se em sangue o chão, e em tanta gloria
 Regada a terra produzio victoria.

58.

Porque em quanto em seguillo divertido
 Abandona o Francez a fortaleza,
 Tiuha parte do exercito subido
 A dar fim com victoria á forte empreza:
 Admira Mendo o braço esclarecido;
 E bem que do sobrinho o valor préza,
 No juvenil ardor notou magoado
 O tomar Chefe as partes de Soldado,

59.

“ A' Patria (o nobre Sá diz lagrimando)
 Victima irás da fé, da liberdade,
 Vigor no sangue heroico á terra dando,
 Donde se erga immortal nova Cidade:
 O caso acerbo aos posteros contando,
 Tenhão seos Cidadãos da heroicidade
 Clara lição no Fundador primeiro,
 Gloria eterna do Rio de Janeiro. ”

60.

Tal nome deo á enseada no recordeo
 Do mez, que illustre foi por caso tanto,
 E a Cidade deixou com justo accordo
 A clara invocação de hum Martyr Santo:

.

*Breve noticia sobre a Senhora D. Beatriz
Francisca de Assiz Brandão.*

OS Amantes da Litteratura acharão nas seguintes Poesias de huma Brasileira, da Provincia de Minas Geraes, huma prova de que tambem o bello séxo, entre nós, he capaz de sentir e de expressar as bellezas que acendem o estro, e pungem a imaginação, ainda quando obstaculos, até hoje poderosos, parecião reduzil-o aos cuidados internos da familia. A Senhora *D. Beatriz Francisca de Assiz Brandão*, annuindo aos desejos, que lhe haviamos manifestado, de publicar algumas das suas excellentes producções, faz ver por isso mesmo quanto anhella concorrer para a gloria da Patria, chamando pelo seu exemplo as nossas patricias á celebridade da carreira Litteraria, que lhes não he vedada, e em que muitas se terião feito honrosamente conhecidas, se huma modestia mal entendida as não acanhasse na publicação de seus escriptos. Se nos fosse dado offerecer á luz publica algumas cartas, em que esta erudita Brasileira nos descobre o patriotico ardor, com que deseja ver florentes as bellas Artes, que tanto se casão com o nosso genio, e especialmente n'esta época, em que a Independencia, e a Liberdade desencolhem as suas azas, á vista de objectos, que devem ser cantados por Vates, que ja respirão hum ar mais saudavel, que o dos annos antecedentes, verião os nossos Leitores, quanto pode o amor das Lettras unido á hum talento como o da Senhora *D. Beatriz*, de quem podemos dizer, que aprendeo por si mesma, no silencio do seu gabinete, as regras de poetisar, e de escrever com gosto, e depurada critica, sobre materias, que parecião vedadas á delicadeza do seu séxo. O Parnaso Brasileiro enriquecendo-se cada vez mais, e as

Poesias, que se nos tem remettido de varias Provincias, he huma prova de que o gosto das bellas Lettras por ellas se propaga; e quando lhe accrescentamos as produções de huma Senhora, em que brilhão estro, natureza, e philosophia, regosijamo-nos de que a sua gloria se communique á muitas Senhoras Brasileiras, que reconhecemos dotadas de tão bellas qualidades. A Provincia de Minas Geraes, tão abundante sempre d'esses genios, que aformoseão a nossa Litteratura, deve vangloriar-se de possuir no bello séxo talentos tão dignos da estimação publica, como os da Senhora *D. Beatriz*. Sabemos que elles se cultivão hoje em honra, e proveito Nacional; e que as luzes colhidas á pouco, e com grande trabalho no retiro do gabinete, começam á diffundir-se pela mocidade de ambos os séxos, com incrível aproveitamento. E para prova de que as pessoas Litteratas se empenhão em fazel-as proficuas em gloria sua, e dos nossos patricios, sabemos, e declaramos que a Senhora *D. Beatriz*, na Capital da sua Provincia, rege hum Collegio de educação de Meninas Brasileiras, que sem duvida muito se adiantaráõ em conhecimentos, e virtudes domesticas, por isso mesmo que o merito da sua illustre Directora não se limita ás brilhantes produções do seo espirito, que agora offerecemos aos nossos Leitores.

SONETO.

*A's suas Patricias, por D. B. F. A. Brandão
tendo de idade 18 annos.*

Estas, que o meu Amor vos offerece,
 Não tardas produções de fraco engenho,
 Amadas Nacionaes, sirvão de empenho
 A' talentos, que o vulgo desconhece.
 Hum exemplo talvez vos apparece,
 Em que brilheis nos traços, que desenho:
 De excessivo louvor gloria não tenho,
 E se algum merecer de vós coméce.
 Raros dotes talvez vivem occultos,
 Que o receio de expor faz ignorados;
 Sirvão de guia meus humildes cultos.
 Mandai ao Pindo os vãos elevados,
 E tanto sejam vossos versos cultos,
 Que os meus nas trevas fiquem sepultados.

SONETO.

Da mesma Senhora.

Vôa', suspiro meu, vai diligente,
 Busca os Lares ditosos onde móra
 O terno objecto, que minha alma adóra,
 Por quem tanta aflicção meu peito sente.
 Ao meu bem te avisinha docemente;
 Não perturbes seu sono: nesta hora,
 Em que a Amante fiel saudosa chora,
 Durma talvez pacifico e contente.
 C'os ares, que respira, te mistura;
 Seu coração penetra; nelle inspira
 Sonhos de amor, imagens de ternura.
 Apresenta-lhe a Amante, que delira;
 Em seu candido peito amor procura;
 Ve se tambem por mim terno suspira.

SONETO.

Da mesma Senhora.

Que tens, meo coração? Porque ancioso
 Te sinto palpitar continuamente?
 Ora te abrazas em desejo ardente,
 Outr'ora gellas triste e duvidoso?
 Huma vez te abalanças valeroso
 A' supportar da ausencia o mal vehemente;
 Mas logo esmorecido, descontente,
 Abandonas o passo perigoso?
 Meo terno coração, eia, resiste,
 Não desmaies, não tremas; pode hum dia
 Iuda o Fado mudar o tempo triste.
 Supporta da saudade a tyrannia,
 Qu'inda verás feliz, como já viste,
 Raiar a linda face da alegria.

SONETO.

Da mesma Senhora.

De longo suspirar atenuados
 Os meos fracos sentidos vacilavão;
 Meos olhos brandamente se cerravão
 De lisongeiros sonos afagados.
 Em refulgente nuvem collocados
 Vi Fortuna e Amor, que me buscavão,
 E entre os raios de luz, que dardejavão,
 Ella mostra a riqueza, elle os agrados.
 No aureo cofre seo a Deosa errante
 Os mais raros thesouros me offerecia
 Por que anhella a gente delirante:
 Amor entre as mãos ambas suspendia
 Hum terno coração, puro, e constante:
 A joia accitei, que Amor trazia.

SONETO.

Da mesma Senhora.

De violentos contrastes embatido
 Meu terno coração ja mal resiste :
 Triste o dia amanhece, e a noite triste,
 Inda mais negra faz meu mal crescido.
 Trago á memoria o tempo decorrido,
 Memoria, que em minha alma sempre existe,
 Doce, terna lembrança, que persiste
 Para maior pesar em meu sentido.
 Recórdo, caro bem, os claros dias,
 Em que amantes, unidos, e contentes,
 Eu os teus, tu meus votos recebias,
 Tudo o tempo mudou: tristes e ausentes,
 Sugeitos á violentas leis impias,
 Zombão de nós os Fados inclementes.

SONETO.

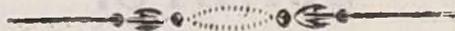
Da mesma Senhora.

Sólta embora, ó Fortuna, aurea madeixa:
 Não me enlevão teus dotes singulares;
 Trovejem contra mim nuvens de azares,
 Não alcanças de mim gloria nem queixa.
 Benigna abre o teu cofre, avara o feixa,
 Não me inspiras praseres nem pesares;
 Prodigue incensos sobre teus altares
 Baixa caterva, que ambição enfeixa.
 Inabalavel he minha alma amante,
 Não te adóra, nem teme: hum nobre instincto
 Despresar sabe teu favor volante.
 Meu peito sente affecto mais distincto;
 Hum instante de amor, hum doce instante,
 Vale mais que os thesouros de Corintho,

SONETO.

Da mesma Senhora.

Meu coração palpita acelerado,
 Exulta de praser, de amor delira,
 Novo alento meu peito ja respira,
 He mil vezes feliz o meu cuidado:
 O meu Tirce de mim vive lembrado,
 Saúdoso, como eu, por mim suspira;
 Que selecto praser á est'alma inspira
 A amorosa expressão do bem amado!
 Doce prenda dos meus ternos amores,
 Amada, suavissima escritura,
 Que em meu peito desterras vãos temores;
 Em igneos caracteres n'alma pura
 Grava, Amor, c'os farpões abrasadores
 Estes doces penhores da ternura.



EPIGRAMMA.

A sabia Ulna se afflige
 De me ver metrificar;
 Teme que possa eu chegar
 Por Poeta á enloquecer;
 E eu temo que ella enloqueça
 Com os desejos de o ser.

OUTRO.

A hum quadro muito mal copiado.

Por mão da bella Ulna desenhada
 Ve-se a próle gentil de Cassiopéa,
 Não ja na prima forma delicada
 Mais em *môna* infernal, hirsuta, e feia.
 O joven simi-deos, o heróe prestante
 (O'vil metamorphose, ingrata idea!)
 Transformado em *Lagarto* petulante, (1)
 Sobre hum *Cubrito* (2) *allado* hum porco caça,
 E com agudo espeto (3) o ameaça.
 Com tudo, errar Ulna eu uunca crera;
 O que julgo daqui he que Perseo
 C'a maldita cabeça, que troxera,
 Em vez de converter em rócha a fera,
Monstrificou-se, e a tudo o que era seu.

(1) A armadura parecia escamas.

(2) O Pegazo.

(3) Perseo devia petrificar a fera, e vencer o resto á espada; mas no quadro a pintora teve a habilidade de apresentar a fera como hum porco, e a espada como hum espeto.

Quadras da mesma Senhora.

Fulgente estrella influio
 No instante de meu ser,
 Apollo, e o Coro Aonio
 Presidirão meu nascer.

Na mais tenra puericia
 Com as Musas m'intretinha,
 Muitas vezes de meus brincos
 Erato apartar-me vinha.

Em pequena eburnea lira
 Debeis dedos ensaiando,
 Paixões, que não conhecia
 Innocente hia cantando.

Minha propensão foi crime
 Aos olhos, que me observavão,
 E para della apartar-me
 Ler Poetas me vedavão.

Novo e Velho Testamento
 Me fazião estudar,
 E o tremendo *Flos Sanctorum*
 Cheguei mesmo a decorar.

Eu soube os milagres todos
 Dos heroes da Sanctidade,
 Revelações, Penitencias,
 Martirios d'antiguidade,

Em tanto *Camões*, *Bernardes*,
Que com cautella guardava,
Nas horas do meu repouso
Anciosa meditava.

Adoçou-se o cativeiro,
Obtive mais liberdade,
Estendeo meu genio as azas
Nos annos da puberdade.

Alçou-se então contra mim
Da inveja a lingua ferina;
Meu estro foi reputado
Por fruto d'impia doutrina.

Nunca frivola vaidade
Em meus versos influia,
Nem torpe maledicencia
Da minha penna sahia.

A' face do Universo
Admirando a natureza,
Hum Ente Eterno venero,
Que a criou, e a embeleza.

Este principio em minh'alma
Jamais apagar poderão
As razões aparatosas
Dos genios, que o combaterão.

Adóro hum Deos infinito,
Hum Deos em bondade immenso;
Mas acreditar não posso
Que seja á paixões propenso.

Suas Leis elle me ha dado,
Dentro de minha alma as tenho;
Amando-o em meus semelhantes
Seus preceitos desempenho.

A' jejuns e disciplinas,
Ah! não posso accomodar-me;
Deos me dá força e saude,
Assim devo conservar-me.

He ir contra seus preceitos
Suas obras alterar?
P'ra outros fins certamente
Elle me quiz animar.

Se só cardos e cebollas
Deve ser o meu sustento,
Se de pão e agua da fonte
Que me nutra he seu intento?

Logo por ociosidade
Creou tantos animaes,
Tantos fructos exquisitos,
Tantas Vinhas e Olivaes.

Por que nos deu os sentidos
Se nos he o uso vedado?
Pode acaso hum Deos benigno
Ter-nos esse laço armado?

Acaso os bens, que criou
São para os iracionaes?
Estes limitão-se á hum ponto;
Nós somos universaes.

Só o ente, que discorre,
He capaz dos seus louvores;
E se aos brutos o igualamos,
Para quem fez Deos as flores?

Os brutos não aprecião
Delicias da vista e olfato;
Colher, cheirar huma flor
Eu nunca vi cão nem gato.

Meu Deos, meu Pai, eu sou grata,
Os teus bens conheço e présô;
Sei que o ente, que illustraste
Não merece o teu desprésô.

Podem sim minhas paixões
Da tua lei apartar-me;
Porem dentro de minh'alma
Tua voz sinto chamar-me

Adorar-te, ser sensivel,
Partir c'o pobre o meu pão,
Confessar os beneficios,
Estes teus preceitos são.

Nesta base estão firmadas
Minha crença, e minha fé;
No Livro da Natureza
Tuas Leis minha alma lê,

— 00 — 00 — 00 — 00 —

Quadras da mesma Senhora.

Vem surgindo a rubra aurora
 Nos braços da madrugada;
 De seu pranto borrifada
 Vejo a planta, vejo a flor.

Aligero bando entôa
 Doces hymnos innocentes,
 E em seus gorgeios cadentes
 Respirão prazer e amor.

Suave murmura a fonte
 Os brandos ramos se movem,
 Ao longe as vozes se ouvem
 Da Serrana e do Pastor.

Abre a roza matutina
 O virgineo rubro seio,
 Do Zefiro doce enleio
 Meiga negaça de Amor.

Doces perfumes exhalla
 A assucena pudibunda,
 E co' a angelica jocunda
 Compete em cheiro e candor.

Ternas rôlas, fidas aves,
 Em recios e carinhos,
 Unem rozados biquinhos,
 Participão mutuo ardor,

Ah! só eu beijar não posso
O meo bem, o idolo meo?
Amor fieis nos prendeo;
E he crime em nós amor!

Que lei dura assim condemna
A mais justa das paixões?
Ah! quem pode aos corações
Tão austeras leis impor?

Justo Deos, quando creaste
A sensivel raça humana,
Huma sorte tão tyranna
Lhe destinou teo amor?

Quando no Eden misterioso
Os nossos paes collocaste,
Quando o pomo lhes vedaste,
Vedaste tambem o amor?

A maior das tuas obras,
O Senhor da natureza,
Simb'lo da tua grandeza:
Objecto do teo rancor! ..

Como, ó Deos, combinar posso
Tão féra contradição?
Se he crime a doce paixão,
Não hes deste crime o author?

Tu os sentidos nos deste,
Tu nos fizeste sensiveis:
E de paixões invenciveis
Nos entregaste ao furor?

Ah! perdoa, eu me confundo:
 Tu queres nossa ventura;
 Tu prescreveste á ternura
 Laço de virtude e amor.

Leis humanas atropellão
 Tuas santas leis augustas:
 Formalidades injustas
 Nos regem á seo sabor.

Ambição, vil interesse,
 Caprixos, preocupações,
 Escravisão corações,
 Que nascerão para amor.

Sem união de vontades
 Eterna união persiste,
 E onde amor não existe
 Manda a lei, serve o temor.

Tirce.... ó Tirce, porque temes?
 Decedida he nossa sorte;
 Desatar só póde a morte
 Os laços do nosso amor.

Embora á nossa união
 Se opponha bruta avareza:
 He mais forte a natureza,
 He mais poderoso amor.

Mão cruel, mão vigorosa
 Te separa dos meos braços;
 Mas não quebra nossos laços,
 Mas não vence nosso amor.



Descripção de hum Naufragio, por Luiz Paulino, (da Bahia.)

Do vento açoutado
O Oceano geme;
Desarvóra o mastro
E nos rouba o leme

Já rasgada a vélla
Pelos ares vóa;
Nas ondas mergulha
Soçôbrada a prôa.

Materia inflamada
Do ar se despéga,
Clarão cor de enxôfre
A vista nos céga.

Raio combustivel
Nosso barco arromba,
No bojo dos mares
O écho ribomba.

Tres vezes Neptuno
Com ancia implorámos;
Neptuno está surdo,
Em vão o chamamos.

O terror e o susto
De nós se apodéra,
O medo da morte
Só em nós impéra.

Montões d'infelices
 Nas ondas sorvidos
 Intentão salvar-se
 Por entre alaridos.

Hum disputa ao outro
 A taboa partida,
 E qual mais ligeiro
 Vai perdendo a vida.

Acaba a contenda,
 A taboa fogio,
 Ao longo dos mares
 Boiando se vio.

Feliz o que vive
 Na solida terra,
 Que negra borrasca
 Jámais lhe faz guerra!

SONETO.

*Pelo mesmo, em Coimbra, ao Retrato de D.
Affonso Henriques, desarmando-se os
Portuguezes por ordem do
General Junot.*

A' teus Pés, Fundador da Monarchia,
Vai sêr a Lusa gente desarmada;
Hoje rende á traição a forte espada,
Que jamais se rendeo á valentia.
O' Rei, se minha dor, minha agonia
Penetrar podem sepulcral morada,
Arromba a campa, e com a mão mirrada
Corre á vingar a afronta d'este dia.
Eu fiel, qual tefoi Moniz, teu pagem,
Fiel sempre serei: grata esperança
Me sopra o fogo de immortal coragem;
E as lagrimas, que a dor aos olhos lança,
Recebe, Grande Rei, por vassalagem,
Aceita-as em protesto da vingança.

SONETO.

*Por Alvarenga Peixoto, no dia em que
sua filha completava 7 annos.*

Amada filha, he ja chegado o dia,
Em que a luz da razão, qual tocha acêsa,
Vem conduzir a simples natureza,
He hoje que o teu mundo principia.
A mão, que te gerou, teus passos guia,
Despresa offertas de huma vã belleza,
E sacrifica as honras e a riqueza
A's santas leis do Filho de Maria,
Estampa na tu'alma a Charidade,
Que amar a Deos, amar aos semelhantes
São eternos preceitos da verdade;
Tudo o mais são ideas delirantes,
Procura ser feliz na eternidade
Que o mundo são brevissimos instantes.

DESCRIÇÃO.

*Extrahida da vida Maritima, composta
pelo Padre José Gomes Gadelha
(de Pernambuco)*

Já sei, dividiste em vão
Os Povos que o mundo encerra:
Do mar triunfa a ambição:
Não ha mais que huma Nação:
Todo o mundo he huma terra.

Tu, cuja alta intelligencia
Jámais se póde enganar,
Não previste a consequencia,
Que desta infame sciencia
Poderia resultar.

Vidas postas em leilões,
Perdas de Fazenda, e d'honra,
Roubos, incendios, traições,
Coroados os Ladrões,
Entronisada a deshonra:

Tanta mulher sem marido,
Tantos pupilos sem pais,
Teu altar prostituido,
Novo Deos reconhecido,
E...ó Jupiter, que mais?

Alto: não passe á loucura
A paixão, que me domina.
A minha fé me assegura
Que não póde a creatura
Entrar na mente divina.

Salvo porém seu direito,
Continuo a ponderar
Por desafogo do peito,
O damno, á que está sujeito
Quem se aventura no mar

Mostra o tempo alegre rosto,
Apparece o vento amigo,
Solta-se o panno com gosto;
Porém não tarda o desgosto,
Quando está perto o perigo

De repente a embarcação
Por parte occulta se arromba.
Que triste situação!
Pedem todos confissão,
Grita o mestre, á bomba, á bomba!

Huns na bomba a repuxar,
Outros a brécha buscando,
O licor á borbulhar,
O navio a se agachar,
E á morte caminhando.

Já falla o Piloto frio
Ao Capitão sem discurso:
De balde intenta o desvio,
Engole o mar o navio;
Morrem todos sem recurso.

Ao fenomeno, que ouviste,
O do incendio he semelhante;
E sabei (se em terra o viste)
Que o mar tanto he mais triste,
Quanto mais he crepitante.

Inteira a composição
 Do navio he combustivel:
 Madeira, estopa, alcatrão,
 Linho, polv'ra, em conclusão
 Todo elle he fogo invisivel.

Se huma faisca se atêa,
 E logo não se occorreo;
 De improviso se incendêa,
 E cada hum na chamma fêa
 Prova a pena do Judeo,

Mas se nada disto sente
 E vai com vento feliz,
 Toca o baixo de repente,
 Obriga o resto da gente
 A ver a costa infeliz.

Outra vez sem precaução
 Tópa o Maurisco baixel;
 Lá vai em risco o Christão
 De ler no torpe Alcorão
 Em Berberia, ou Argel.

Se deste perigo escapa,
 Cahe nas podres calmarias:
 E seja Rei, seja Papa,
 Alli fica posto á capa
 Oito, quinze, ou vinte dias,

Nas demoras da viagem
 Consomem-se os mantimentos:
 O mar não tem estalagem.
 Mas ah! que eu já pinto a imagem
 Da guerra dos elementos.

Ver o Ceo subitamente
Cobrir-se de noite escura ;
Retalhar o raio ardente
O ar , que sofre impaciente
Do seu Imperio a rotura ;

D'Eolo o poder tremendo
Encrespando os largos mares
Ao fundo cáos descendo ,
As areas revolvendo
Sacudindo-as pelos ares ;

Roucos Aquilões berrando
Pelas insarsias zunindo ,
Muras , escotas quebrando ,
Duras vergas arrancando ,
Rotas véllas engolindo ;

O mar convulso da ira
Meneando a verde trança
Contra todos se conspira ,
Ao abysmo aqui se atira ,
A's nuvens alli se avança .

Entre o bom , e entre o máo
Não descobre meio alguem :
E a desmastreada não
Gemendo dentro do váo
Por quantas juncturas tem .

O Capitão macilento
O governo desampara ;
Corre , salta , cobra alento ,
Agastado contra o vento
Faz votos a Santa Clara .

Voão das lúbricas bordas
 Marujos rijos, ou fracos
 Para as tremulantes cordas,
 Mais ensopados que sordas,
 Mais ligeiros que macacos.

Entesa o Piloto o rabo
 D'albernós e solideo;
 E arrimando-se á hum cabo,
 Enche a boca de diabo,
 E põe os Olhos no Ceo.

Da bosina a voz escura
 Confundida co' o tropel,
 Que lá nos mastos murmura,
 Mostra imperfeita figura
 Da confusão de Babel.

Até do beliche salta
 Com agua benta n'um cope
 O Capellão, que não falta,
 E a trémula voz exalta,
 Dizendo: *Asperges me hysopo.*

Rompe a maritima escolta
 N'um triste clamor vehemente:
 Cada qual as costas volta
 Ao seu posto, vendo solta
 A morte em braços c' a gente.

Estas as causas primarias
 D'hum vario acerbo destino:
 Deixo as outras secundarias,
 Que são quasi necessarias
 No mar que he móto continuo.

—♦♦♦♦♦—

Quadro resumido da vida de Gregorio de Mattos Guerra.

NASCEO Gregorio de Mattos na Cidade da Bahia, em 7 de Abril de 1623. Forão seus pais, *Pedro Gonçalves de Mattos*, natural da Villa dos Arcos de Valdevez, em Portugal, e *Maria da Guerra*, Senhora de muito respeito e *Bahiana*, Baptisou-se na Cathedral com o nome de João, que depois á instancias do Prelado *D. Pedro da Silva e S. Paio* lhe foi mudado no chrisma pelo de *Gregorio*.

Seus Pais possuíão, alem de outras Fazendas, hum grande e bello Canavial na Patatiba, onde havião quasi 130 escravos de serviço repartidos por 2 Engenhos.

Gregorio foi o terceiro filho deste matrimonio; e feitos os seus primeiros estudos na Bahia, passou-se á Coimbra, onde principiou á manifestar os seus talentos, e com especialidade os da Poesia Satyrica, que mais cultivou por natural inclinação. Existe hum testemunho do seo merito, neste ramo da Litteratura, em huma carta escripta de Coimbra para Lisboa [pelo Desembargador *Belchior da Cunha Brochado*, na qual se lê: — anda aqui hum estudante Brasileiro tão refinado na Satyra, que com suas imagens, e seus trópos, parece que baila Nicmo as cançonetas de Apollo, —

Doutorou-se na faculdade de Leis; e passando-se á Corte á praticar com hum dos melhores Letrados, adquirio grandes creditos em difficultosos Arrazoados; servio depois o lugar de Juiz do Crime, e tambem o de Orphãos, como se colhe de huma douta sentença por elle proferida em 2 de Novembro de 1671, que traz *Pegas* no Tomo 7. á Jenação Liv. 1.º tit. 87, §. 24. *Gregorio* mereceo a attenção do Rei *D. Pedro II.* então Principe Regente.

Com promessa de hum lugar na Supplicação o mandavão ao Rio de Janeiro, para devassar dos crimes de *Salvador Correia de Sá e Benavides*; mas elle se escusou; e como quer que fosse, perdeu desde então a graça do Regente. Em seu descontentamento deixou a Corte; regressou á Patria em companhia do celebre *Thomas Pinto Brandão*, provido na Dignidade de Thesoureiro Mór da Cathedral. *D. Gaspar Barata de Mendonça*, primeiro Arcebispo da Bahia, o nomeou tambem Vigario Geral.

Em 1681, entrou á exercer, de Ordens Menores, os Cargos, que troxera da Corte, trajando porem habito secular em todo o tempo, que lhe ficava livre das obrigações Ecclesiasticas, o que deo lugar á sua ruina na estimação dos Governadores do Arcebispado, talvez ja indispostos contra elle por outros motivos.

O Arcebispo *D. João da Madre de Deos*, successor daquelle, que lhe confiára a vara de Vigario Geral, com fingida piedade, quiz persuadir á *Gregorio* que devia receber as Ordens Sacras, para se conservar nos Cargos Ecclesiasticos; e o nosso Poeta se recusou, respondendo. — que não podia votar á Deos aquillo, que lhe era impossivel cumprir, por fragilidade da sua natureza. Da sua falta de condescendencia nasceo o pretexto para se lhe tirar a murça e a vara, pretexto que se não achára até então, mais que a vingança de alguns offendidos fez valer em seu desafôgo.

Gregorio de Mattos casou-se então com *Maria de Povos*, viúva honestissima, e formosa, mais tão pobre, que seu Tio *Vicente da Costa Cordeiro* lhe fez doação de humas terras, para não hir totalmente sem dote aos braços de hum Esposo, á quem o deleixo e prodigalidade tinhão quasi consumido ja a herança paterna. Voltou *Gregorio* á sua primeira occupação da Advocacia, sempre com feliz successo pelo peso dos seus argumentos, clareza e laconismo de expressões; mas acompanhadas tão bellas qualidades de tantas extravagancias, originalidades, e satyrias, que por fim nem por este meio podia haver a indes-

pensavel subsistencia. São tantas as anedoctas que á este respeito delle se contão, que deixamos de as transcrever só por evitarmos a maior extensão deste resumo da sua vida. Nem a sua Esposa escapou ao seu genio extravagante, pois que desesperada pelo seu desmaselo, e pelas suas desenvolturas, bem faceis de se notar em quasi todas as suas composições poeticas, sahio para a casa de seu Tio. Este querendo restabelecel-a na amizade de seu marido, o achou bem disposto, só com a condição de que a receberia das mãos de hum Capitão do Matto, como escrava fugitiva. A dureza desta condição abrandou-se, tanto pelo empenho de se reconciliarem estes consortes, como pela certeza de que isto não passava de huma extravagante originalidade, mas de hum genio teimoso. Executou-se o acto pela fórma mais decorosa, que foi possivel. *Gregorio* pagou generosamente ao Capitão do Matto, e protestou, que todos os filhos que tivesse de tal matrimonio se chamarião *Gonçalos*, porque se dissesse que a sua casa era *de Gonçalo*.

No ocio em que se vio, por lhe desertarem os pleiteantes assombrados da sua penna ferina, e faltando-lhe a companhia de muitos amigos, que evitarão prudentes o comprometterem-se para com infinitas pessoas de respeito, grandemente feridas pelas suas satyras, nem sempre disparadas sobre vicios, mas tão artificiosas, que se procuravão e se lião por todos, *Gregorio* resolveu-se á peregrinar pelo reconcavo, até mesmo para pôr em mais segurança os seus dias, que ja perigavão em meio de tantos offendidos. A sua Musa desinquieta continuou á converter em inimigos a aquelles que achára prontos em acolhel-o na desgraça; e era tal o seu genio satyrico, que não duvidava perder o bom agasalho, que se lhe franqueava, com tanto que lhe não escapasse a occasião de fazer publicas as faltas que observava, ou que sómente se contavão, ataviando-as elle de côres tão engraçadas, que os innocentes se tornavão ridiculos, ainda conhecida a injustiça do maligno Poeta.

Governava então a Bahia *D. João de Alencastre*, secreto admirador das valentias poeticas de *Gregorio*, o qual com toda a diligencia fazia colher e copiar em livros para isso destinados, os versos, que quasi todos os dias sahião da sua penna. Mas porque tivesse em suas mãos o poder despotico daquelles tempos, e o seu amor proprio se dcesse por algumas satyras do nosso Poeta, resolveo-se á pol-o fóra da Bahia, valendo-se para isto de hum engano, em que *Gregorio* cahio de muito boa fé. Elle foi convidado por carta do Secretario do Governo *Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque*, á certo logar, para lhe communicar em amizade cousas de seu pessoal interesse; e obedecendo ao chamado de hum amigo, cahio na prisão, que lhe estava armada, e desta no exterminio para Angola.

Os conselhos prudentes, que lhe dera o Governador na hora do embarque, a decencia com que o tratára, e as recommendações, que á sua vista fizera ao Commandante do Navio, que o transportava, e em cartas dirigidas ao Governador de Angola *Pedro Jaques de Magalhães*, não desarmarão o seu genio, muito mais irritado pelo seu desterro, e perfidia da sua prisão; a sua dor nesta forçada viagem só era mitigada, ou pela musica, que elle insignemente professava, tangendo com especial gosto huma viola, que sempre o acompanhava, ou pelas satyras, que habitualmente fazia, até mesmo nas conversações mais innocentes.

Desembaraçado em Angola deo-se outra vez á advogar; e por alguns serviços, que prestára ao Governador em huma rebelião da tropa, não forão embaraçados os seus desejos de passar-se á Pernambuco. Posto naquella Capitania, governada então por *Cuetano de Mello de Castro*, demandou logo a presença deste fidalgo, o qual lastimado de o ver tão perseguido e pobre, lhe fez presente de huma bolça bem provida; e com palavras hum pouco severas, lhe intimou, que naquella Capitania cuidasse muito em cortar os bicos da penna, se o

queria ter por amigo. *Gregorio de Mattos* prometteo desempenhar este conselho, e não faltarão occasiões, em que deo provas de quē estava violentado por tal empenho. Seja huma dellas o seguinte caso.

Picadas de ciúmes duas pardas de máo trato, encontrarão-se junto da porta do nosso Poeta; e avivadas as paixões de huma e outra parte, descompunhão-se em vozes petulantes. Passarão-se das palavras ás mãos; e atracadas tenazmente, vierão á terra em bem ridicula attitude. Avisado pela grita sabio á vel-as o nosso Poeta, e dando com os olhos naquelle espectáculo deshonesto, rompeo á bradar: — *ah que de El-Rei contra o Senhor Caetano de Mello!* — Perguntado pelos circumstantes, que queixa tinha do Governador, respondeo: — *prohibio-me fazer versos quando se me offercem taes assumptos.* — Este argumento de respeito seria valioso; se *Gregorio de Mattos* o não ataviasse de malignidade, e delle senão esquecesse depois em varias satyras, que fizera á despeito da sua promessa.

Gregorio de Mattos cahio em fim mortalmente enfermo de febres; e apparecendo-lhe o Padre *Francisco da Fonseca Rego*, Vigario do Corpo Santo, para o dispor á morte, elle com o seu genio jovial e satyrico, despresou os seus avisos, talvez não convencido do grave perigo, em que se achava. Esta noticia chegou logo ao conhecimento do Illm.^o Prelado D. *Fr. Francico de Lima*, o qual como bom Pastor, promptamente se arrojou de huma legoa de distancia á procurar esta ovelha, que se dizia perdida do verdadeiro aprisco. Elle encontrou *Gregorio* muito docil aos seus conselhos; e para maior convencimento de que esta mudança era mais filha de reflexão, do que de respeito humano, achou o Prelado em huma folha de papel, e escrito com lettras ja mui tremidas, hum Soneto, em que o seu genio se manifestava arrependido das extravagancias de toda a sua vida.

Morreo por fim nos braços deste charidoso Prelado, e no meio de muitos amigos, que fazião grande apreço

dos seus rarissimos talentos. O seu corpo foi sepultado com muita honra no Hospicio de Nossa Senhora da Penha, dos Capochinhos Francezes, no mesmo dia, em que chegavão as noticias da Restauração do famoso Palmar á Pernambuco. Admira que delle não fallasse *Pitta*, Autor moderno, sendo o seu merito tão conhecido, e o seu nome tão respeitado pelos escritos, que todos ambicionavão possuir. A sua morte foi no anno de 1696, aos 73 annos de seu nascimento, deixando do seu consorcio hum só filho — *Gonçalo de Mattos*, que não herdou o estro de seu Pai, antes o sepultou em hum esquecimento indigno de tão abalisado Brasileiro.

As suas Poesias correm manuscriptas em 6 grossos volumes de 4.^o alguns dos quaes possuimos; mas he tal a sua desenvoltura, que não nos animamos á publicar mais do que as peças seguintes, podendo assegurar que foi unico nos rasgos satyricos, de que recheava todas as suas composições, e com tanta graça, que era temido por esta arma, e muitos em seu tempo se dizião seus amigos só para não incorrerem na sua Apolinea indignação.

*A' tres enforcados, dous negros e hum
mulato. — por Gregorio de Mattoz,
natural da Bahia.*

DECIMAS.

Jogarão á espadilha
Tres Cansarrões co'a Justiça;
E como o Demo os inguiça,
Hião sempre á cascarrilha.
Não acharão na cartilha
Cartas de geito e feitio
Para trunfarem com brio
Jogo fizerão nefando,
Que hum quarto d'hora jogando
Perderão seis mãos á fio.

Não sendo de perder fartos,
Pareceo total destrôço;
Perdido o dinheiro grosso,
Perderão tambem os *quartos*.
Mas depois de azares artos
Virão os tres jogadores,
Que a Justiça destra em flores,
Em jogando com marãos,
Sempre ganha com *tres páos*
Aos maiores *matadores*.

Ao tempo que os tres sentirão,
 Que o tal jôgo os embarranca,
 Todos se virão sem branca
 Mas sem *alva* não se virão:
 Do jôgo se despedirão
 Sentidos do espalhafato;
 Mas tão nús do esfólagato,
 Que de pura compaixão
 Lhes veio da Relação
 Huma fralda de barato.

Tanto alli se entristecerão,
 E tanto se traspassarão,
 Que a todos nos admirarão,
 Quando assim se *suspenderão*.
 Finalmente os tres morrerão
 Huma morte tão veloz,
 Que ao veneno mais atroz,
 Nenhuns tão presto acabarão,
 Como estes, quando cheirarão
 As entre pernas do *algoz*.

Jogar sobre mesa raza
 Com seis Desembargadores,
 Isso não que aos *matalores*,
 Nunca deixão fazer vaza.
 Se aos tres escaldou a braza,
 Aos mais sirvão de exemplar,
 E quando queirão jôgar,
 Juguem mas o truque não,
 Que os *tres páos* da Relação
 Sempre he truque de ganhar.

Com Bécas qualquer joguilho
 Sempre he mui prejudicial;
 Pois com jôgo tal ou qual
 A mão levão de codilho;
 Tem cartas de *garrotilho*,
 Por que tem cartas de *agarro*,
 E os que cuidando que he barro,
 Jogão com Ministro inteiro,
 Se esperão rodar dinheiro,
 Hão de rodar sobre hum *carro*,

Os que na Cidade vistes
 Tantos *quartos*, e tão artos,
 Entendei, que tão máos quartos
 Resultão d'horas tão tristes:
 E os que de vel-os fugistes
 Crede, que a hora não tarda
 A' quem, a má sorte aguarda
 Antes deveis entender,
 Que toda a casa ha de arder
 A' quem seus quartos não guarda.

Alérta, pardos do trato,
 A' quem a soberba embórca,
 Que póde ser hoje forca
 O, que foi hontem mulato;
 Alérta, que o aparato
 D'aquelle *pendente pé*,
 Que na parede se vê,
 Vos préga com voz sincera
 Que se sois o, que elle era,
 Podeis ser o, que elle he.

—●—

*Retrato de hum personagem pelo
mesmo Autor.*

Va de retrato
Por consoantes,
Que sou Timantes
De hum nariz de Tucano cor de pato.

Pelo cabello
Coméça a obra,
Que o tempo sóbra
Para pintar a giba do Camelo.

Causa-me engulho
O pellô untado,
Que de molhado
Parece que sahe sempre de mergulho.

Não pinto as faltas
Dos olhos baios,
Que versos raios
Nunca ferem senão em cousas altas.

Mas a fachada
Da sobrançelha,
Se me assemelha
A' huma negra vassoura esparramada.

Nariz de embono
Com tal sacada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono.

Nariz, que fall'a
Longe do rosto,
Que na Sé posto
Na Praça manda pôr a guarda em ala.

Membro de olfatos,
 Mas tão quadrado,
 Que hum Rei coroado
 O pôde ter por cópa de cem pratos.

Tão temerario
 He o tal nariz,
 Que por hum triz
 Não ficou cantareira de hum armario.

Você perdôe,
 Nariz nefando,
 Que eu vou cortando,
 E ainda fica nariz em que se assôe.

Ao pé da altura
 Do nazo oiteiro
 Tem o Sendeiro
 O, que boca nasceo, e he rasgadura.

Na gargantona
 Membro do gosto
 Está composto
 O orgão mui subtil da voz fauhona,

Vamos á giba....
 Mas eu que intento,
 Se não sou vento
 Para poder trepar la tanto á riba?

Sempre eu ensisto
 Que no Orisonte
 Deste alto monte
 Foi tentar o Diabo a Jesu Christo.

Chamã. h. Autores,
 Por fallar fresco,
 Dórs. m. u. esco,
 No qual *fabricaverunt peccatores.*

Havendo apostas
 Se he gente ou fera ,
 Se assentou que era
 Hum caracol, que traz a casa ás costas.

De grande arriba
 Tanto se entona ,
 Que ja blasona
 Que enjeitou ser canastra por ser giba.

O' pico alçado ,
 Quem la sobira ,
 Para que vira ,
 Se he Etna abrasador, se Alpe nevado!

Dos Santos Passos
 Na bruta cinta
 Huma Cruz pinta ;
 A espada he o pé da Cruz, e elle os braços.

Vamos voltando
 A dianteira ,
 Que na trazeira
 Vejo o assento açoitado por nefando.

Se bem se infere
 Outro fracaso ,
 Que em tal caso
 Não se açoita quem toma o *Miserere*,

Pois que seria
 Que eu vi vergões ?
 Serão chupões
 Que o bruxo do muchação lhe daria ?

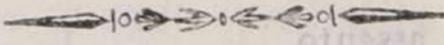
Seguem-se as perlas
 Sigão-se embora ,
 Por que eu por hora
 Não me quero embarcar em taes cavernas.

Se bem assento
Nos meus miolos,
Que são dois rolos
De tabaco ja podre, e fedorento.

Os pés são figas
A' mór grandeza,
Por cuja empreza
Tomarão tanto pé tantas cantigas.

Velha coitada,
Cuja figura
Na architectura
Da popa da Náo nova está entalhada.

Boa viagem,
Senhor Tucano,
Que para o anno
Vos espera a Bahia entre a bagagem:


SATIRA.

*Aos costumes da Bahia pelo mesmo
Aulor.*

Destes, que campão no mundo
Sem ter ingenho profundo,
E entre os gabos dos amigos
Os vemos em papa-figos
Sem tempestade, nem vento;
Anjo bento !

De quem com secretas lettras
Tudo o que alcança he por tretas
Bacolejando sem pejo
Por matar o seu desejo
Desde amanhã até a tarde,
Deos me guarde !

Quem passeia tão farfante,
Todo presado de amante,
Por fóra luvas, botões,
Insignias, armas, galões,
Por dentro pão holorento;
Anjo bento !

Destes beatos fingidos,
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fataes maganos
Sendo nas caras huns Janos
Fazem dos vicios alarde,
Deos me guarde !

Que vejamos têsso andar,
Quem mal sabe engatinhar,
Muito intêiro, e presumido,
Ficando o outro abatido
Com maior merecimento,
Anjo bento!

Destes avaros mofinos,
Que põe á mesa pepinos,
De toda a iguaria isenta
Com seu limão e pimenta
Por que diz, que queima, e arde,
Deos me guarde!

Que pregue hum douto Sermão
Hum alarve, hum asneirão,
E que esgrima em demasia
Quem nunca lá na *Sophia*
Soube pôr hum argumento;
Anjo bento!

Deste Santo emmascarado,
Que falla do meu peccado,
E se tem por Santo Antonio,
Mas em lutas com o demonio
Se mostra sempre cobarde;
Deos me guarde!

Que atropellando a Justiça
Só com virtude postiça
Se premêe o delinquente,
Castigando o innocente
Por hum leve pensamento;
Anjo bento!

—●—●—●—●—●—

SONETO

do mesmo Autor.

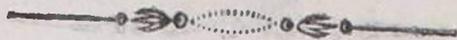
Neste mundo he mais rico o que mais rapa,
 Quem mais limpo se faz, tem mais carepa,
 Com sua lingua ao nobre o vil decépa,
 O velhaco maior sempre tem capa.
 Mostra o patife da nobreza o mapa,
 Quem tem mão, com que pegue, melhor trepa,
 Quem menos fallar póde mais incrépa,
 Quem dinheiro tiver, póde ser Papa.
 A flor baixa se inculca por tulipa,
 Bengala hoje na mão, hontem garlópa,
 Mais isento se mostra o que mais chupa;
 Terá a tropa de trapo, vaso, e tripa,
 E mais não digo, por que a Musa tópa
 Em apa, epa, ipa, opa, e upa.

Em louvor da Laranja.

SONETO.

do mesmo Autor.

Neste pomo, que a China agradecida
 A' Portugal tributa transplantado,
 Logra a vista o thesouro mais presado,
 Acha o gosto a delicia mais crescida.
 Rico e suave em gloria competida
 Se faz no mundo todo venerado;
 Ouro o pomo no dá, quando admirado,
 A fruta nectar he, quando comida.
 Aos dois sentidos com gentil destreza
 Igual suavidade e formosura
 Reparte na Laranja a Natura.
 Porque por excellencia da ventura
 A vista nella tem toda a riqueza
 O gosto nella tem toda a doçura.



MOTE.

A mais formosa, que Deos.

GLOSA.

Do mesmo Autor.

Eu com duas Damas vim
 Hontem de huma Romaria;
 Huma feia em demasia,
 Outra que era hum Serafim.
 E vendo-as eu vir assim
 Sós, e sem amantes seus,
 Lhes perguntei: Anjos meos,
 Quem vos pôs em tal estado?
 Disse a feia, que o peccado,
 A mais formosa, que Deos.

*A' hum Livreiro, que havia comido hum
 canteiro de alfaces, com vinagre.*

DECIMA.

Do mesmo Autor.

Levou hum Livreiro á dente
 De Alfaces todo hum canteiro,
 E comeo, sendo Livreiro,
 Desencadernadamente.
 Porem eu digo, que mente,
 A' quem disse o quer taxar,
 Antes he para no ar,
 Que trabalhou como hum Mouro,
 Pois mettê-lhas no couro
 Tambem e encadernar.



A' humas pancadas em hum Musico.

DECIMA.

Do mesmo Autor.

Huma grave entoação
 Vos cantarão Braz Luiz,
 Segundo se conta e diz
 Por sófía de Fa-bordão:
 Pelo compasso da mão
 Onde a valia se apura,
 Parecia sófía escura:
 Por que a mão nunca parava,
 Nem no ar, nem no chão dava,
 Sempre em cima da figura.



RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1831,

PARNASO BRASILEIRO,

OU

COLLECÇÃO

DAS

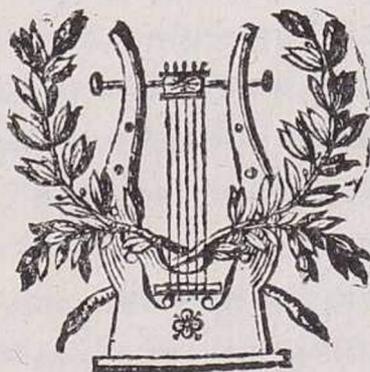
MELHORES POESIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INÉDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

.....
CADERNO 6.º
.....



RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1831.

PATRICK BRADY

32x

OU

COLLECCO

DAS

MELHORES POESIAS

DOS

POETAS DO BRASIL

TANTO INEDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

GABRIEL C.



RIO DE JANEIRO.

NA TIPOGRAPHIA NACIONAL 1831



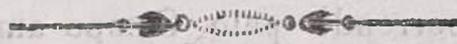
EPISTOLA AOS PISÕES

OU

ARTE POETICA DE Q. HORACIO FLACO.

TRADUZIDA EM VERSO RIMADO.

Esta Epistola, que foi impressa em Coimbra no anno de 1781, he de Bartholomeo Cordovil, natural do Rio de Janeiro, então estudante ali; e a publicou como traduzida por sua Esposa D. Rita Clara Freire de Andrada.



ARTE POETICA.

1.º

Sobre a simplicidade, e unidade da materia.

SE hum Pintor á cabeça humana unisse
PESCOÇO de Cavallo; e revestisse
Membros de toda especie de viventes,
Com pennas de mil cores diferentes,
De sorte que mulher de linda face
Em tórpe, e negro peixe rematasse;
NÃO reieis, Amigos, por ventura
Chamados para ver esta pintura?
Crede, Pisões, que muito propriamente
Hum quadro tal o livro represente,
Onde, quaes sonhos de hum enfermo, estejam
Vãs especies fingidas, e se vejam
Os pés desimilhantes da cabeça,
Sem que o todo confórme se pareça.

Ao Pintor, e Poeta, em toda á idade
Foi dada de ousar tudo a liberdade.

Temos esta licença certamente,

Que damos, e pedimos mutuamente;

Mas com tal condição, que não liguemos

Dois oppostos contrarios, nem juntemos

Tigre á cordeiro, nem Serpente ás aves.

As mais das vezes em principios graves,

Que tratar grandes coisas nos promettem,

Dois romendos de purpura se metem,

Que ao longe brilhão, quando de Diana

Ou Sacro bosque, ou Sacro altar s'explana,

Ou quando se descrevem de hum Ribeiro

As claras agoas, com as quaes ligeiro

Vai percorrendo pelo Campo ameno,

Ou arco pluvial, ou rio Rheno.

Mas disto o lugar proprio não he este:

Que val, que pintes bem verde cypreste

Se o que a pintura quer, e faz a paga,

Só quer o pintes tu, quando se alaga

No naufragio fatal salvando a vida

Na taboa, que restou da não perdida?

Grande talha começa-se de barro,

Girando a roda porque sahe hum jarro?

Sómente observa em fim simplicidade,

Em tudo o que fizeres, e unidade

Nós dos Poetas grande parte, (ouvi-nos,

O' Pai, e de hum tal Pai, ó filhos dinos,)

C'o apparencia do bom nos enganamos

Se acaso por ser breves trabalhamos,

Fazemo-nos escuros: a alma tira,

Os nervos corta, graça não respira,

Quem polido quer ser, e delicado.

O que muito s'eleva, fica inchado:

Quem da procélle tímido se afasta,

Por terra segurissimo se amassa.

Quem hum simples assumpto representa,

Por modo estranho, e varia-lo intenta,
 Pinta com o seu prodigioso ornato,
 Nas ondas javalí, delfim no mato.
 O temor de hum defeito em outro lança,
 A' quem da Arte os preceitos não alcança.
 Junto a Esgrima de Emilio artista habita,
 Que exprime em bronze as unhas bem, e imita
 Mólles cabellos; tudo o mais que resta,
 He de gosto tão máo, que nada presta.
 Se huma Obra semelhante eu compozera,
 E que o mesmo defeito ella tivera,
 Tão grande confusão teria disto,
 Como teria em publico ser visto
 Com disforme nariz, e os olhos bellos
 De negra côr, e negros os cabellos.

Vós que escreveis, buscai conveniente
 Materia ás vossas forças, e na mente
 Revolvei longo tempo, qual regeitem
 Vossos hombros levar, qual pezo aceitem.
 Se huma Materia assim for escolhida,
 Elegancia terá, e ordem luzida.
 Esta seja a virtude, e seja a graça,
 Ou eu me engano, que da ordem nasça;
 Que aquillo, que dizer se deve agora,
 Se vá dizendo já sem ter demora,
 Para tempo oportuno deferindo
 As coisas, que igual pressa estão pedindo.

2.º

Sobre o Estylo.

O Autor de hum Poema promettido,
 Seja parco tambem, e comedido
 Na escolha das palavra; esta préze,
 Est'outra não receba, e a despreze,
 Dirás egregiamente quando unidas

Forem duas palavras conhecidas ,
 Com tal sagacidade , que a que nasça ,
 Pareça ter de nova a mesma graça .
 Se acaso he necessario , que se indiquem
 Coisas novas por termos , que as expliquem ,
 E sejam até aqui desconhecidos ;
 Outros invente , ainda nunca ouvidos
 Dos antigos Céthegos : porem hade
 Sobriamente tomar-se a liberdade .
 Palavras , que de novo se fizerem ,
 Pódem credito ter , se ellas vierem
 Da grega fonte sempre dirivadas ,
 Por ligeira inflexão latinisadas .
 Se licença alcançou Plauto e Cecilio ,
 Porque não a terá Vario e Virgilio ;
 Eu mesmo algum delicto executára ,
 Se acaso poucos termos inventára
 Na minha lingua ; quando estamos vendo ,
 Que Ennio , e Catão primeiro isto fazendo ,
 O Patrio idioma tanto enriquecêrão ,
 Com as novas palavras , que á luz derão .
 Lícito foi ; e sempre permittido
 Será , que seja hum nome produzido ,
 Mas c'ò reinante cunho assigualado .
 Assim como das folhas despojado
 O bosque fica ; e aquellas que precedem ,
 Cahindo vão , e novas lhe succedem :
 Das palavras tambem se acaba a idade ;
 Outras vem , que na tenra mocidade ,
 Com bellas graças logo resplandecem
 Logo tomão vigor , logo florecem .
 A morte sobre nós tem seu direito ,
 E sobre tudo , o que nos he sujeito .
 Ou entre o mar na terra , e se fabriquem
 (Obra real) os pórtos em que fiquem
 Dos Aquilões as frotas abrigadas ,
 Ou sejam as lagóas esgotadas ;

X

E essas terras , que nada produzião ,
 Onde os remos as agoas dividião ,
 As Cidades visinhas vão nutrindo
 Ao ferreo grave arado o seio abrindo ,
 Ou ruinoso rio aprenda á força
 Melhor curso a seguir , e as agoas torça :
 Tudo , tudo são obras dos humanos ,
 Que vem a destruir os longos annos.
 Se não queremos pois , que o tempo ultraje
 As graças , e bellezas da lingoaje ,
 As palavras , que estão hoje esquecidas ,
 Tornarãõ a nascer ; e as applaudidas
 Terãõ por Lei do uso nova fórma ,
 Que elle dá ao fallar arbitrio , e norma.

Qual seja o verso , de que usar devemos ,
 Homero nos mostrou , quando escrevemos
 Das tristes guerras os cruos effeitos ,
 Dos Reis , e Capitães os grandes feitos.
 De versos desiguaes era a Elegia ,
 Nella o pranto sómente s'exprimia :
 Nos combates de Amor depois s'emprega ,
 Destes versos o Auctor ninguem allega.
 Os Grammaticos lidão com excesso ,
 Mas está no Juiz inda o Processo.
 He o jambo por Archiloco inventado ,
 De Satyrica raiva foi armado :
 Os Tragicos , e Comicos usárão
 Desta Casta de versos , porque achárão
 Ao mutuo discorrer accommodada ,
 Propria em mover a acção representada ,
 E o ruido vencer d'Expectadores.
 Deoses , Heroes , Athletas vencedores ,
 Os Cavallos nos jógos victoriosos ,
 As Bacchicas Canções , os amorosos
 Cuidado juvenis á Ode intente ,
 Huma Musa nos fez della presente.
 Se eu pois em cada genero , que escrevo ,

A propria cor não dou, que dar lhe devo;
 Se os propios caractéres não conheço,
 Por Poeta saudado ser mereço?
 Por que vergonha tórpe antes me inclino
 A seguir a ignorancia, do que ensino?

Não consente em seus versos a Tragedia
 Estylo similhante ao da Comedia;
 Nem o Comico estylo se reveste
 Da ceia sanguinosa de Thyeste.
 Cada genero tem decentemente
 Lingoagem, que lhe he propria, e competente,
 Com tudo alguma vez a causa he tanta,
 Que a Comedia tambem a voz levanta,
 O Colerico Chremes agastado
 Ralha c'o filho em tom mais elevado.
 As vezes a Tragedia a voz rasteja,
 Se pede a occasião, que isto assim seja!
 Nem Thelefo, e Pelêo ambos banidos,
 A' extremosa miseria reduzidos,
 Tumidas frases, termos empolados,
 Devem nunca exprimir; se magoados
 Deixar pretendem aos Espectadores
 C'o a triste narração das suas dores.

3.º

Dos movimentos d' alma.

Não basta em hum Poema a formosura,
 He preciso, que tenha tal doçura,
 Que huma tal persuasão nelle se pinte,
 Que as paixões, que quizer, mova ao ouvinte,
 O Semblante dos homens ri, e chora,
 Se vê rir, e chorar: se tu agora
 Queres que eu chore, chora tu primeiro;
 E então verás em mim o verdadeiro
 Pesar, que causarão tuas desgraças.

Mas Thelefo , e Peleo se o tempo passas
 Em mostrar hum character mal fingido ,
 A' somno , ou rizo , só serei movido.
 Vozes tristes convém á rosto triste ,
 Expressão de ameaço ao irado assiste ;
 O alegre sempre diz graciosidade ;
 Sempre mostra o severo seriedade.
 Capaz fórma a natura o nosso peito
 De sentir das fortunas todo o effeito.
 Ella he quem nos ajuda e impelle á ira ,
 Ella he quem nos abate , e nos inspira ,
 Que arrastre o rosto , que a tristeza opprime :
 Dá palavras á lingua , com que exprime
 Do nosso coração os movimentos.
 Se os discursos do Actor forem isentos
 Daquelle estilo , e tom , que propriamente
 Deve ser ás fortunas competente ,
 Nobres , Plebêos darão altas rizadas.
 Sejam taes differenças ponderadas :
 Se quem falla he Heróe , ou Divindade
 Velho prudente , ou ignea mocidade ,
 Matrona auctorizada , ou ama amante ,
 Cultor de pobre campo ; ou viajante
 Mercador , que discorre pelo mundo ;
 Se he d' Assyria , ou de Colchos oriundo ,
 Se em Thebas , ou se em Argos foi creado.
 Ou tu debes seguir da fama o brado
 Ou fingir entre si cousa coherente.
 Se o honrado Achilles torna a ser patente
 Na Scena , seja activo , inexoravel ,
 Seja ardente , colerico , incansavel ;
 Não obedeça ás Leis , não as venere ,
 Na justiça das armas tudo espere.
 Inflexivel , feroz Medea seja ,
 Ino banhada em lagrimas se veja ;
 Perfido Ixion , Ió vagabunda ;
 E Orestes em tristeza furibunda ,

Se no Theatre introduzir te atreves
 Hum novo Personagem, nunca debes
 Desmintir seu character; qual se veja,
 No principio, no fim tambem tal seja.
 Sem que nunca discrepe em parte alguma
 Hum ponto só: porém nota, que he huma
 Grande difficuldade pretenderes
 Dignamente formar os characteres,
 Que todos de inventar tem liberdade.
 Será muito maior facilidade
 Da Iliada argumentos deduzires,
 Do que será na Scena referires
 Outros nunca tratados, nem ouvidos.
 Farás teos os assumptos conhecidos
 Nos tragicos limites, se evitares
 Episodios usados, e vulgares.
 Nem servilmente traduzir procures
 Palavra por palavra, nem te apures
 Em ser imitador escrupuloso,
 Entrando em lance, donde vergonhoso
 Possas sahir, a ti te deshonrando,
 E as Leis do teu Poema violando.

Não cantes, como fez antigamente
 Hum Ciclyco escriptor turgidamente:
 — De Priamo a fortuna, e a nobre guerra,
 Cantando espalharei por toda a terra —.
 Póde nada cantar do que repete,
 Quem tanto á boca cheia nos promette?
 Para parir os montes se preparão,
 Ridiculo ratinho á luz deitarão.
 Quanto melhor principio aquelle ensina,
 Que com nescio furor nada machina!
 — Canta o Varão, ó Musa minha amada,
 Que ao depois de ser Troia conquistada,
 Costumes observou de muitas gentes,
 E vio muitas Cidades differentes —.
 Não quiz, que o fumo á chamma pre edesse,

Só para que ao depois dizer pudesse
Sobre o Cyclope, e Anthiphates cruentos,
Scylla, e Carybdes lucidos portentos.
A volta de Dyomedes não começa
Da morte de Meleagro, nem se apressa
Em dizer, que de Troia a guerra avára
Nos dois óvos de Leda começara.
Ao fim da sua acção ligeiro corre,
E faz com que o Leitor, de quem discorre
Que estas cousas já sabe, vá sómente
Ao meio dos successos diligente:
Despreza tudo o mais, que lhe desvia
As graças, e ornamentos da Poesia:
Na Epopeia he tão grande a magestade,
Liga tanto c'ò a fabula a verdade,
Pelo fertil engenho de que he cheio
Que une o principio ao fim, e o fim ao meio.
Attende o que eu, e o povo desejamos:
Se queres, que assentados nós te ouçamos,
Até que erguido o panno já se tenha,
E que os *vivas* o Coro a pedir venha,
Nota os costumes bem de toda a idade;
Conforme os annos pinta a variedade,
Que nas indoles faz a natureza.
Hum menino, que sabe com destreza
Fallar, e responder; que os passos guia
Seguros pelo chão, tem alegria
Em brincar com iguaes; e inconsiderado
Tão depressa está bem, como enfadado.
O moço a quem a barba ainda falta,
Do Aio livre já contente salta,
Porque gosta de cães, e de cavallos,
E de sofrer, pois são os seus regalos
No campo Marcio duros exercicios;
Como cera se dobra para os vicios,
O bom conselho he d'elle aborrecido;
Do que he util não cuida em ser provido,

Prodigo em gasto, altivo, e cobiçoso,
 Ligeiro larga o que lhe foi gostoso.
 Trocada a inclinação, que muda a idade,
 O animo viril busca amizade,
 Busca riquezas, só á honra serve,
 Sempre commette cousa, que o preserva
 De não se arrenpender. De mil cuidados
 Os velhos andão sempre rodeados;
 Ou seja porque lidão anciosos
 Em ajuntar riqueza; e ambiciosos
 Abstem-se de gastar os bens ganhados;
 Ou seja porque timidos, gelados
 Em tudo o medo os traz, e no negocio
 Irresolutos sempre cheios de ocio,
 Em conceber as esperanças lentos,
 A tudo o que he inercia sempre attentos,
 Só de viver amantes cobiçosos,
 Intrataveis com todos, e queixosos;
 Do seu passado tempo louvadores,
 E dos mais moços rigidos censores.
 Trazem mil bens os annos quando crescem,
 Muitos males porém quando elles descem.
 Olha que hum moço nunca represente
 Papel, que for ao velho competente:
 Nem na scena appareça algum menino
 Com costume, que seja de homem dino.
 Dá character fiél a cada idade,
 Ou que tenha apparencias de verdade.

4.º

Da representação, e recitado.

Ou he no theatro a acção representada.
 Ou se recita, como já passada.
 As cousas que nos vem pelos ouvidos,
 Os animos não deixão tão movidos,

Como aquellas, que pelos olhos entrão,
 Testemunhas fiéis que mais concentão
 Em todo o Expectador por modo breve,
 O que por si julgar, e aprender deve.
 Não consintas, que á scena cousas venhão,
 Que dentro do theatro lugar tenham.
 Dos nossos olhos muita cousa afasta,
 As quaes, que Actor facundo as narre, basta.
 Nunca Medea os filhos despedace
 Na presença do povo; em sua face
 Não coza claramente Atrêo malvado
 As entranhas humanas: transformado
 Não seja Cadmo em serpente, ou Progne em ave.
 He tão extranho da materia grave,
 O que mostras assim, e he tão alheio,
 Que não só to não soffro, mais não creio.

Devem ser do teu Drama sempre os actos
 Nem mais nem menos do que cinco exactos,
 Se queres que elle torne a ser pedido,
 E sempre dos ouvintes applaudido.
 Nunca nelle algum Numen appareça
 Na solução do nó salvo se desça
 A dissolver o enredo a Divindade
 Em sobre natural necessidade.
 Nunca falle na Scena muitas vezes
 O quarto Actor, mas pouco, e raras vezes.
 De hum só Actor o coro faça o officio:
 Entre os actos tambem tenha exercicio
 Em ligar co'a materia quanto cante,
 E que proprio lhe seja, e semelhante.
 Amizades fomenta, os bons proteja,
 Applaque o irado, adóce o que braveja:
 Das iguarias louve a temperança;
 A saudavel justiça, a segurança
 Das sabias Leis; da Paz louve a doçura,
 Conserve no segredo huma fé pura,
 E aos Deoses rogue, que á fortuna aparte

Se os bens do altivo, aos miseraveis farte.

Não era a flauta antiga, como agora,
Ornada de latão, competidora
Da trombeta não era, mas delgada,
Simples, por poucos furos aspirada,
A acompanhar o coro assim servia,
Do pequeno theatro o espaço enchia.
O povo inda não tão multiplicado,
Mas vergonhoso, honesto, e moderado,
Em grande multidão não se ajuntava.
Depois que começou o que triunfava
Os campos, a estender com as batalhas,
E as Cidades cingir d'amplas muralhas;
Depois que foi nas festas celebrado
Com vinho o Genio, e o dia assim gastado,
Sem castigo ficou, foi mais extensa
Dos versos, e da musica a licença.

E que cousa esperar se poderia,
Se honesto Cidadão se confundia
No theatro com rustico habitante,
E o livre de trabalhos, e'o ignorante?
Assim flautista antigo aos sons modestos
Lascivia unio, requebros deshonestos,
E as roupas arrastrou pelo tablado.
O simples som da Lyra foi mudado,
No coro da Tragedia foi metido
Precipitado estilo nunca ouvido:

A hum gráo subio tão alto de eloquencia,
Que não tinha a Poesia intelligencia,
Ou por que uteis doutrinas dar quizesse,
Ou para que futuros predissesse,
Inventou-se lingoagem relevante
A' Tripode de Delfos semelhante.

Aquelle, que a Tragedia compozera,
E que hum vil bode em premio recebêra
De Satyros campestres nús hum coro,
Sobre o theatro pos, mas com decoro

Deo de picantes graças liberdade,
Sem ferir da Tragedia gravidade,
Por que era necessario hum modo novo,
Que atraísse, que contivesse o povo,
Que ao depois de acabado o Sacrificio
Ao vinho s'entregava, e a todo o vicio.
Mas convém, que estes Satyros saltantes
Na Scena graciosos, e picantes
Saibão ligar o serio com jocoso,
De sorte que hum Heroe, ou Deos pod'roso,
De oiro, ou purpura á pouco inda vestido,
Não passe deste estilo a ser ouvido
Na tabernaria comica baixeza,
Nem tambem por seguir sempre a grandeza,
A humildade evitando, ás nuvens chegue.
E ainda que nas satyras s'empregue
A Tragedia, não sofre a indignidade
De versos, que não tenham magestade,
E ficaria muito envergonhada
Com Satyros obscenos misturada,
Do mesmo modo, que Matrona honesta
Em os dias, que são de alegre festa,
Dançaria obrigada do preceito,
Se á Satyras, Piões, eu fosse affeito,
O estilo simples não somente amára,
E as cousas por seo nome declarára;
Mas tambem seguiria cuidadoso
O nobre estilo, simples, e pomposo,
Que somente á Tragedia pertencesse;
De maneira que bem se percebesse,
Que havia differença conhecida,
No que diz Davo, ou Pythias atrevida,
Que a bolsa a Simo alimpa destramente,
E no que diz Sileno aio, e servente
De Bache. Os argumentos em tirára
De historia conhecida, e os disfarçára
De tal sorte, que todos julgarião,

Que fazer outro tanto poderião,
 Mas que tentando-o sempre em vão suassem.
 Tão novas graças e bellezas nascem
 Da contextura, e ordem, que polidas!
 Fazem ainda as fabulas sabidas
 Por meo conselho em versos delicados,
 Como se em Roma fossem educados,
 E no seo coração fossem nascidos,
 Não se exprimão os Faunos, que trazidos
 Forão dos bosques, nem tambem pretendão
 Usar de injurias, pelas quaes offendão
 Com termos vis, infames, e grosseiros
 Cidadãos, Senadores Cavalleiros,
 Similhante Auditorio não recebe
 Com paciencia o que aprova a baixa plebe.

5.º

Da Versificação.

Longa syllaba tem depois da breve
 O Jambo pé veloz; presteza leve
 Mandou que então trimetro se chamasse,
 Posto que de seis pés iguaes constasse
 Dos puros jambos pouco tempo dura
 A uniforme primeira contextura,
 Pois buscou d'Espondeos a gravidade,
 Por que ha nelles mais nobre suavidade:
 Mas que nunca o lugar, onde estivesse,
 O pé segundo, e quarto lhe cedesse.
 Nos trimetros famosos, e preclaros
 Ou d'Acio, ou d'Ennio os jambos são mui raros,
 Só do tardo Espondeo, que o verso opprime
 No Drama usarão. Réos de torpe crime
 Ou se fizerão pela nimia pressa,
 E ao depois não limarão cada peça,

Ou porque d'Arte as regras ignorarão.
 São poucos os que o gosto fino acharão
 De julgar sobre a metrica harmonia.
 Por isso estes Authores de Poesia
 Acharão com favor nimia indulgencia.
 Fiado eu nisto então com negligencia,
 Se escrever, quebrarei estes preceitos?
 E devo ao mundo expor os meus defeitos
 Por seguro me dando, e acautelado
 De ser pelos Ouvintes perdoado?
 Saber somente as regras não me serve,
 Inda que eu todas com cuidado observe;
 Certamente a censura evitaria,
 Mas louvor só com ellas não teria.
 Vós, ó Pizões, de noite, e dia lede
 Os Gregos exemplares, e relede;
 Mas os nossos avós admirarão
 O méτρο, e ditos bons, que em Plauto acharão,
 Se o que sabemos hoje he verdadeiro,
 Que o fino distinguimos do grosseiro,
 E taes ouvidos, e compasso temos,
 Que a regrada harmonia percebemos,
 Por bondade se admira esta elegancia
 Que só merece o nome de ignorancia.

6.º

Da origem das peças Dramaticas.

De huma tragica especie inda não vista,
 Diz-se que Thespis foi primeiro Artista,
 E que Actores mostrou desfigurados
 Pelas fezes de vinho, com que untados
 Os rostos tinham, quando recitavão,
 E sobre o carro os versos seos cantavão.
 Deo mais honesta mascara aos Actores,
 Deo vestidos talares, e melhores

Eschylo ao depois deste, levantando
Mediano theatro, e o Drama ornando
De alto coturno, e estilo magestoso
Torna a antiga Comedia, e copioso
Applauso se lhe deo depois que veio:
Mas das Leis mereceo o justo freio,
Quando em vicio cahio a liberdade,
Com ellas perde a vil mordacidade
De infamar torpemente o Coro a todos.
Nada no drama por diversos modos
Nossos Poetas de intentar deixárão;
Nem menos fama, e honras alcançárão,
Aos Gregos não seguindo, só louvando
Os assumptos Romanos, e inventando
As fabulas pretextas, ou togadas.
Nem do Lacio serião mais louvadas
As armas, e o valor, do que a eloquencia
Propria ao Drama, se houvesse a paciencia,
Que a nós Poetas tanto desanima,
Que he dar ás nossas obras tempo, e lima,
O' Vós de Numa estirpe descendente,
A' aquelle reprende, que não intente
Riscar muito o poema, e sepultal-o
Em si por longos dias, e limal-o
Dez vezes finalmente, até que tenha
A melhor perfeição, que lhe convenha.

Por Democrito crer, que na Poesia
O genio muito mais, que arte valia,
E que do alto Helicon era excluido,
Quem não tivesse o cerebro ferido,
Por isso muitos nem a barba fazem,
Nem cortão unhas, escondidos jazem,
Não vão aos banhos na certeza estando,
Que logo linão de Poetas alcançando
Conceito, e nome em tudo quanto obrarem,
Se ao barbeiro Licinio não deixarem
A cabeça rapar; cabeças loucas,

Para as quaes tres Antyciras são poucas.
 Simples de mim! que em cada primavera
 Quero a bile purgar, se o não fizera
 Eu fôra dos Poetas o mais raro;
 Mas tal não quero, que me custa caro.
 Da pedra de amollar farei o officio,
 Que sem ter de cortar o beneficio
 Ao ferro corte dá. Nada escrevendo,
 Os preceitos, que ensino hirás tu vendo.
 Mostrarei as riquezas da Poesia,
 Aos Poetas verás quem forma, e cria;
 Verás o que he, ou não digno da Muza,
 Por qual véreda o vicio te conduza,
 E qual a estrada, que a virtude aponte.

7.º

Reflexões sobre a Poesia.

O BOM SENSO HE NECESSARIO AOS
 POETAS.

De bem escrever saber primeiro he fonte.
 A moral, e Socratica doutrina
 Ampla materia te descobre, e ensina;
 Nunca faltão as vozes sem violencia,
 Se se faz no discurso a diligencia
 De bem se conceber o que s'escreve.
 Quem conhece o que á Patria, á amigos deve,
 Com quanto affecto o Pai ha de tratar-se,
 E quanto ao irmão, e hospede mostrar-se,
 Qual seja do conscripto o exercicio,
 Qual do Juiz, e Capitão o officio,
 Esse he que mostrará bem retratado
 O character, que he proprio á cada estado.
 Aquelle, que imitar quer doutamente,
 Por meo voto ha de ter sempre presente

Da vida, e dos costumes o modelo,
 E o toque lhe extrair fiel, e bello,
 Tendo a Comedia quadros delicados
 De expressões, de costumes bem pintados,
 Inda que arte lhe falte, metro, e graça,
 Com ella o povo muito mais engraça,
 Do que com versos pobres de substancia,
 Cheios de nada, e só de consonancia.
 Engenho aos Gregos deo a Musa; aos Gregos
 Deo sublime linguagem, por que cegos
 Só se mostrarão em querer louvores.
 Hoje porém só longos contadores
 Os meninos Romanos ser pretendem,
 E a libra em partes cem partir aprendem.
 Diga o filho de Albino: se tiramos
 De cinco huma onça só, que fica? Vamos.
 Quatro. Está bem, já podes estar certo,
 Que sabes os teos bens reger com acerto.
 Huma onça agora ás cinco accrescentemos,
 Quantas fazem? Responde. Seis fazemos,
 Ora os animos sendo entorpecidos
 Da vil cobiça, e della só possuidos,
 Quem haverá, que versos manifeste
 Dignos de cedro, dignos do Cypreste?

8.º

Da mistura do util, e agradavel.

Ou querem os Poetas dar deleite,
 Ou querem dizer coisa, que aproveite,
 Ou ajuntar o util ao que agrada,
 Se instruires, estima a brevidade,
 Para que logo a perceber-se venhão
 Os preceitos, que dás e se retenhão.
 Quando hum vaso está cheio, logo engeita
 Todo o licor, que dentro se lhe deita.

Se divertir quizeres, só prepara
 As feições verosimeis, e repara,
 Que não se fie do Comico argumento
 Tudo quanto elle quer por ornamento.
 V r do Ventre de Lamia, que he tirado
 Vivo hum menino, sendo devorado,
 He cousa que na Scena se não mova.
 O Corpo Senatorio não approva
 Assumptos, que não sejam proveitosos.
 O dos Nobres despreza os rigorosos.
 Quem tecer huma acção, que instrua, e agrade,
 Seo nome levará á Eternidade,
 Os mares passará, e de dinheiros
 Hão de ricos ficar socios livreiros.

9.º

Ha faltas nos Poetas, dignas de perdão.

Com tudo alguma falta se perdoa,
 Nem sempre o tom, que a mão deseja, sôa
 Quando toca na corda; antes pedindo
 Hum baixo som, hum tiple está ferindo.
 Nem sempre a seta fere ao que ameaça.
 Por isso quando hum' obra tem bem graça,
 E tem muitas virtudes, não me offendem,
 As leves faltas, que da incuria pendem,
 Ou da humana fraqueza não prevista.
 Pois que hei de censurar? Quando hum copista
 Na mesma falta cahe, de que tem sido
 Já por continuas vezes advertido,
 Faz sua culpa de perdão indina.
 Se acaso o instrumentista desafina
 Nas mesmas cordas sempre, incita a riso.
 O Poeta tambem a quem diviso
 Em seos versos cabir na mesma falta,

He para mim hum Chérilo, que esmalta
 Em dous, ou tres lugares seos escriptos
 Com passos na verdade bem descriptos,
 Mas dos quaes me admiro escarnecendo.
 Pelo contrario me enfureço, em vendo
 Que vai Homero ás vezes dormitando;
 Porem para o seo grande engenho olhando,
 Como em tal obra foi tão extendido,
 Nem sempre estar alerta he permittido.

A Poesia, e Pintura tem por certo
 Huns pedaços, que agradão mais de perto,
 E outros, que de longe são melhores.
 Não receia dos olhos julgadores
 A aguda perspicacia, quem conhece,
 Que esta ser vista ás claras appetee,
 E que pequena luz á aquella assista.
 Huma agrada huma vez sómente vista,
 Mas outra agradará vista dez mezes.

10.º

*Não se sofre mediocridade na
 Poesia.*

Dos Irmãos, o mais velho, não desprezes
 Estas minhas lições, inda que norma
 Em teo Pai tenhas, que do bom te informa
 E tenhas por ti já sabedoria.
 Algumas cousas sofrem mediania.
 Pode hum Jurisconsulto, hum Advogado
 Não ser, como Messala, tão ornado,
 Nem ser como Casselio tão sciente,
 E ter com tudo applausos entre a gente.
 Mas Poetas, que forem medianos,
 Nem os Deoses os sofrem, nem humanos,
 Nem colunas nas publicas estradas.

Assim como nas mesas delicadas
 Discorde sinfonia, oleo corrupto,
 E já com dormideiras dissoluto,
 E sardonico mel se aborrecia,
 Porque, sem coisas taes, bem se podia
 Hum banquete fazer: do mesmo modo,
 Se o inventado poema, que só todo
 Em alivio dos animos s'emprega,
 Hum pouco descachindo, elle não chega
 Ao gráo mais excelente de bondade,
 Hirá cahir na opposta extremidade,
 Não vai ao campo Marcio, quem ignora
 O jogo d'armas, quieto se demora;
 Quem o trocho não sabe, a barra e a péla,
 Só dever se contenta, e se acautela,
 De que o povo se ria impunemente,
 E só nos versos, quem não he sciente,
 Atreve-se á fazel-os presumido.
 E por que não? Por livre não sou tido?
 Acaso não sou nobre, e rico vivo,
 De máo procedimento sempre esquivo?

11.º

Socorros necessarios para formar hum bom Poeta.

Pelo que toca a ti tenho por certo,
 Que não dirás as coisas sem acerto,
 Nem as farás sem bom discernimento.
 Tanto confio em teu entendimento!
 Com tudo se algum dia composeres,
 Ao Juiz Mecio mostra o que escreveres,
 Mostra á teu Pai, e eu tambem o veja.

Nove annos encerrado o livro esteja;
 Estando occulto, póde ser limado;
 Mas emenda não tem, se he publicado.

A palavra que sahe huma vez fóra,
Nem torna, nem se escusa a culpa agora.

O Sacro Orphêo, interprete divino
Domou da gente o animo ferino,
Que no trato, e somente cruel era,
E por isso se diz que rebatêra
Os sanhudos leões, os tigres duros,
Não menos, que Amphião fundára os muros
Da Cidade de Thébas; e levava
Apôs da voz da Lira, que soava,
As pedras; e que á rogos as movia
Para onde a vontade lhe pedia.
Houve esta sapiencia antigamente.

A Poesia ensinava a toda a gente
Do publico apartar o bem privado,
Distinguir o profano do Sagrado,
Enfrear as lascivas liberdades;
Regra aos casados dar, molir Cidades,
E fazer sabias Leis em taboa escritas.
Nome divino, e honras infinitas
Os Vates, e seos versos alcançarão.
O insigne Homéro com Tyrtêo chegarão
Depois destes; nos peitos accendêrão
Hum animo Mavorcio. Em versos derão
Oraculos fatidicas respostas.

Nelles forão de Natureza expostas
Occultas producções; foi alcançada
Dos Reis por verso a graça desejada.
Os dramas se inventarão finalmente,
Para alivio daquelle, que se sente
Com trabalhos continuos opprimido.
Não tenhas pejo em ser por ti seguido
O douto Apollo, e em ser a Musa amada.

Questão foi já de muitos disputada,
Se obra em verso a arte mais, se a natureza,
Huma sem outra nunca tem belleza,
Sempre será de igual necessidade,

Que com laços estreitos de amizade
 Huma, e outra se ajudem mutuamente.
 O Athleta, que estuda diligente
 Para chegar á meta, que he prescrita,
 Desde menino muito se exercita,
 Sofreo muitos calores, muitos frios,
 Buscou de Baccho, e Venus os desvios.
 O Flautista primeiro que se adestre
 Em cantar Canções Pithias, soffreo mestre
 E do estudo soffreo a austeridade.
 Só para ser Poeta nesta idade,
 Basta que diga “ nobres versos faço :
 “ O ultimo não sou, que venço o espaço,
 “ He feio para mim, se me demoro,
 “ E o que não aprendi, dizer que ignoro. ”

Assim como o que vende apregoando,
 Ao povo tenta a que lhe vá comprando;
 Assim o lucro tenta ao lisongeiro,
 Se o Poeta tem bens, e tem dinheiro.
 Pois se tem fertil mesa, se elle fica
 Por fiador de pobres, se se applica
 Em valer aos vexados com litigios,
 Será hum dos mais celebres prodigios;
 Se souber felizmente ao lisongeiro
 Distinguir do que amigo he verdadeiro.
 Se algum presente a algum tiveres dado,
 Ou promettido, nunca convidado
 Seja pois para ouvir o teu poema;
 Porque dirá com alegria extrema,
 “ Bravissimo, he bem dito, he bem pensado. ”,
 Pallida a face mostrará pasmado,
 Chorar de ternura, dará saltos,
 Batendo o pé, fará applausos altos.
 Assim como os chamados por dinheiro
 A carpir nos enterros, verdadeiro
 Pesar fingem, mostrando-o mais magoados,
 Do que aquelle, que tem os enojados:

Assim também os vis adulaadores
 Costumão dizer inda mais louvores,
 Do que diz o que tem sinceridade.

Dizem que os Reis querendo c'o amizade
 Honrar alguém, primeiro o experimentavão
 Com muito vinho, que á beber lhe davão,
 A ver se lhe estorquião o segredo.

Tu se versos fizeres, sempre medo
 Tem de enganos de ouvintes simulados,
 Com péiles de Raposas disfarçados.

Se lessees a Quintilio huma Poesia,
 Amigo, muda aqui, e allí, diria.

Se lhe instasses então, já o tenho feito;

Risca tudo outra vez, teimára, e torna

C'os mal torneados versos á bigorna.

E se visse porém, que apadrinhal-os

Tu antes te inclinavas, que á emendal-os;

Comtigo mais palavras não gastava,

Nem com trabalho vão se fatigava,

Deixando liberdade para amares

Tu só os teos escritos, sem achares

Rival algum, que te metesse susto.

O Critico prudente, sabio, e justo,

Reprende os versos frouxos, culpa os duros

E risca os que não tem ornatos puros:

Corta os que são de pompa ambiciosos,

Aos escuros dá luz, aos duvidosos

Tira tudo o que tem de ambiguidade;

E aponta tudo o que mudar se hade.

Outro Aristarcho em fim mostrar-se deve,

Nem diz "ao meo amigo em coisa leve

Porque hei de desgostar!,, As leves faltas

Passão á ter o grão de culpas altas,

Se huma só vez o lisongeiro engana.

Do máo Poeta, como gente insana,

O sabio só fugir sempre procura.

Da lepra, da tiricia, da loucura,

Furiosa, ou fanatica, tem medo.
 O bando de rapazes sempre ledo
 He só quem o persegue acompanhando.
 E se acaso altos versos vomitando,
 Lhe succeder cahir em cova, ou poço,
 Bem como descuidado cahe n'um fosso
 O Caçador nos melros embebido:
 Ninguém se mostre então compadecido,
 Inda que esteja em alta voz clamando
 “ Quem me acode,,. Se eu visse, que lançando
 A corda alguém t'ral-o pretendia,
 Opondo-me ao soccorro, lhe diria:
 “ Quem sabe, se elle mesmo foi disposto
 “ A buscar esta queda por seo gosto
 “ E Socorro não quer? ,, Por prova clara
 De Empedocles a morte lhe contára,
 Que por Deos immortal só quiz ser tido,
 O qual de hum frio horror accommettido,
 Precipitar-se foi no Ethna ardente.
 Seja licito pois, seja decente
 Matarem-se os Poetas; dar a vida
 A' aquelle á quem for ella aborrecida,
 Certamente he matal-o: aquelle insano
 Não foi huma só vez, que quiz tal damno.
 Se do risco elle fosse então livrado,
 Nem por isso o veriamos curado,
 Nem ser humano só pretenderia.
 Em seo peito guardado ficaria
 De tão fallada morte affecto activo.
 Não posso atinar bem, porque motivo
 De versar foi-lhe imposta a pena dura,
 Se foi por profanar a sepultura,
 Onde as cinzas paternas se enterrarão,
 Ou se foi porque acaso o encontrarão
 Em algum impio crime, commettido
 No lugar onde o raio foi cahido.
 Seja o que for, he louco furioso,

Que a maneira de hum Urso impetuoso,
Quando da cova as grades arrebenta,
Com versos insofriveis affugenta
Ignorantes, e doutos; c'o a leitura
Dos versos mata áquelle, á quem segura,
Qual tenaz sanguisuga não se aparta,
Sem que tenha de sangue a pélle farta.



Breve noticia sobre a vida do Douctor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

Nasceo este nosso Poeta na Villa de S. João d'El-Rei, da Provincia de Minas Geraes, e desde os seus primeiros annos deu provas de que seria hum genio, que honraria a Litteratura Brasileira. Concluidos os seus estudos preparatorios, tanto em sua Patria, como no Rio de Janeiro, passou á Portugal, e na Universidade de Coimbra começou á ser respeitado pelos seus talentos, distinguindo-se no estudo da Jurisprudencia, em que se graduara. Achava-se ali estudando quando o Marquez de Pombal reformou aquella Universidade, e *Manoel Ignacio da Silva Alvarenga* publicou então excellentes Poesias, pelas quaes se conhece, que já da Patria levava grande cabedal de Litteratura, e depurado gosto, de que então se servira, e á que talvez só faltasse opportuna occasião para o seu emprego, e melhor desenvolvimento. A Ode feita á mocidade Portugueza, na reforma da Universidade, que já publicamos no 1.º Tomo do *Parnaso*: e o Poema Heroi-Comico — o *Dezertor das Letras* — de que ainda daremos alguns extractos, são provas deste nosso juizo.

Recebido o grão de Bacharel Formado, regressou á Lisboa, onde o estudo das Bellas Letras, e a communicação com os homens mais grados em saber, de tal sorte pungirão a sua emulação, e arrebatarão o seu genio, que elle foi respeitado no numero dos bons Poetas, que ainda fazem conhecido na Republica das Letras o reinado de D. José, com o Ministerio de Pombal. As suas Poesias, inaugurando-se a Estatua Equéstre daquelle Rei, dão-lhe hum distincto lugar entre os bons Poetas, que então se esmerarão em suas composições. Apesar do prejuizo, que dominava a Corte Portugueza sobre o accidente da cor parda, *Silva Alvarenga* era convidado ás mais brilhantes sociedades, e nellas acolhido com a estimação e respeito, que lhe merecião as suas raras qualidades. Elle fazia o encanto e admiração dos que o communicavão, ou pelos seus discursos facétos, eruditos, e cheios de bem ajuizada critica; ou pelas suas Poesias, em que á sua fertil imaginação se juntava o desempenho dos preceitos dos melhores Mestres; ou finalmente pela dexteridade e gosto, com que na roda dos seus amigos tangia huma Rabéca, exercicio este á que se afeiçoára desde menino. Algumas das suas Poesias dirigidas á *J. B. da Gama*, então favorecido do Ministro Pombal, e empregado em seu gabinete, fazem ver, que o merito Litterario, ainda mais que a sympathia de patricios, ligava em particular estimação estes dous Poetas, que tanta honra fazem ás Musas Brasileiras.

Silva Alvarenga voltou ao Brasil, e descançou algum tempo na sua Patria, seguindo a vida de Advogado, e ensinando Rethorica aos estudantes seus patricios, cujos talentos julgou acertado aproveitar, por hum trabalho que tanto se casava com o seu amor ás Bellas Letras. Sem nunca esquecer-se do seu amigo *J. B. da Gama*, remetteu-lhe o seu *Templo de Neptun* (1.º Tomo do Parnaso,) como derrota da sua em; e depois a *Grotta Americana* (no mesmo 1.º

Tomo.) Passou-se depois ao Rio de Janeiro por ter sido despachado, da Corte, Professor Regio de Rethorica e Poetica, emprego que exerceo por toda a sua vida, com grande aproveitamento da Juventude. Elle encontrou particular estimação no Vice-Rei *Luiz de Vasconcellos e Souza*, que no Brasil protegia decididamente os Litteratos, acolhendo-os em suas partidas de Poesia e Musica, e animando-os em huma Academia Litteraria, da qual, em seu governo, alguns trabalhos uteis apparecerão, e onde tão distincto Protector foi recommendado á posteridade por muitos versos deste nosso Poeta.

Parece que a Providencia quizera contrastar o brilhante Vice-Reinado de *Vasconcellos*, com o taciturno do *Conde de Resende*, que lhe succedera; pois que á franqueza e jovialidade d'aquelle, seguiu-se a desconfiança e melancolia deste. A intriga, então acastellada nos Claustros, ralando-se pela inveja de ver roubarem-lhe os louros das Sciencias, que os Frades ainda querião exclusivamente monopolisar, aproveitou o ensejo; e interessando em sua baixa viangança a imbecilidade do hum Vice-Rei suspeito, fez ver como criminosos aquelles, que por suas Letras illustravão a Patria. O despotismo Colonial folgou de achar na estúpida denuncia de hum malvado Rabula, que o odio fradesco iniciára na mais vil intriga, hum pretexto para aferrolhar para mais de dous annos, e com inaudita barbaridade, não só o nosso Poeta *Silva Alvarenga*, como tambem outros muitos socios da Academia Litteraria do Rio de Janeiro, que na *Franciscana* se appellidava satyricamente *Club de Jacobinos*. Foi tal a sanha dos seus victoriosos perseguidores, que elles não poderão sahir dos seus humidos e escuros subterraneos, se não depois de se repetir mui positivamente de Lisboa a ordem de soltura.

Silva Alvarenga occupou-se de novo em ensinar Rethorica, e em advogar sempre com credito e geral estimação, até se sentindo os effeitos da vida sedentaria

â que se habituára por huma especie de melancolia contrahida em sua injusta prisão, terminou a sua vida no dia 1.º de Novembro de 1814.

Silva Alvarenga, voltando de Lisboa foi Coronel de Milicias dos homens pardos da sua Comarca do Rio das Mortes; era de cor e semblante carregado, de falla pausada, estatura alta, repleta, e forte. O seo gosto e delicada critica em Litteratura fazem-se conhecer em suas poesias, e sentia-se complacientemente no seo trato familiar. A estimação que elle consagrava aos seus discipulos, em quem lobrigava talentos e genio, era hum asomo do merito, em que depois apparecerião, e talvez huma recommendação respeitavel para quem sabia apreciar as raras qualidades de tão distincto Philologo. Fôra huma honrosa empresa publicar em huma só colleção, as muitas e boas Poesias, que sahirão da penna de *Silva Alvarenga*, e que avulsas correm o mundo Litterario estampadas em diversas Epocas; mas ja que não podemos pagar este tributo de gratidão á memoria de hum Mestre e de hum amigo, á quem devemos instrução e amizade, contentamo-nos em salvar o seu nome de hum indigno esquecimento, para que seja conhecido entre os dos bons Poetas, que honrão o Parnaso Brasileiro.

SATIRA.

Aos Vícios. (por Siloa Alvarenga.)

*Est modus in rebus, sunt certi denique fines,
Quos ultra, citraque nequit consistere rectum.*

Horat. Lib. I. Satir. I.^a

A Satira grosseira por qual caminho novo
Deixou os feios crimes, com que assustava o povo?
Baccho enrolando a parra nos tempos da vendima,
De fêzes tinto o rosto, dictou obscena rima:
Vio Thespis menos torpes os Satyros violentos
E da tragica Scena lançou os fundamentos:
Da plebe iniqua e rude já com melhor destino
A satira passou para o paiz Latino,
Quando o feroz Lucilio c'o o braço levantado
Ferio grande e pequeno c'um azorrague hervado:
Tão grande liberdade foi logo reprimida,
E, sendo mais honesta, não foi menos temida,
O espelho, que não mente, mostra a Horacio,
Fez Persio, e Juvenal tremar depois o Lacio.
Veio Regnier e veio Despreaux com artificios,
E fez que alguém se risse ao ver seos proprios vicios;
E a nossa antiga gente julgou por impiedade
Zombar dos prejuizos que reinão na Cidade;
Confundindo o Libello, que as justas Leis offende,
Com a Satira Urbana, que os vicios reprehende:
Mas esse véo grosseiro, que as luzes encobria,
Rasgou-se, e deo logar ao mais sereno dia.
Quanto se deve á Mão, que rege o Sceptro Augusto!
Cahio a Estupidez; podemos rir sem susto:
Se a querem levantar os timidos sequazes,
Já sofre piparotes, e palhas dos rapazes.
Animo agora, oh! Musa, que as Letras tem Mecenas:
Não temos que invejar de Roma, nem de Athenas,
No meio he que a virtude tem firme o seu lugar,
Quem vai pelos extremos não a deseja achar.

Triste, cançado, e magro o sordido avarento
Harpagou as moedas ajunta cento á cento:
Não fuma a chaminé, na casa reina a fome;
Quem póde adivinhar o que, e quando come.
Conta-se que huma vez por festa do Natal
Comprou dez réis de nabos: oh! época fatal!
Quebrou-se.... oh! dia triste, dia de graves danos,
Quebrou-se-me a panella, que tinha quarenta annos?
Oh! nabos, oh! desgraça, oh! infeliz panella,
Que tão pouco duraste! ficou-me esta tigella,
E pondo-a sobre as brazas, rebenta; no estampido
Cobre de negras cinzas o Velho espavorido,
E para maior magua quiz o inimigo fado
Que de carvões volantes fosse o calção tostado.
Depois de tantas perdas fez voto, e com razão
De nunca mais gastar nem lenha, nem carvão:
De dia conta os sacos, de noite posto á vella,
Espreita, e de si mesmo recêa, e se acautella.
Treme ao leve ruido do vento, que sussurra;
Tem o seo Deos guardado na chapada burra:
E' justo o que lhe agrada, e só lhe agrada o Ouro,
Que adora, e que o faz pobre no meio do thesouro:
Mata a rabuge o cão, e o miseravel gato
Vive, por que em descuido pilha por sorte um rato,
Que usuras descaradas! que furtos, que rapiua
Achou da vil trapaça na detestavel mina!
Ao triste devedor no Inverso desabrido
Despe insolente as filhas, quer tudo convertido
Em Ouro n'um leilão passado á quem dêr mais;
Vê sem remorso o pranto, ouve sem pena os ais:
Menos inexoravel em seus caprichos cegos
Achiles vio morrer junto das náas os Gregos.
Escravo da riqueza, miserrimo usurario,
Inda, c'o a morte á vista, recusa o necessario:
Hum caldo de galinha restau:a a Natureza;
Hum caldo! ha neste mundo quem faça tal despeza!
Moeda despendida ou tarde, ou nunca torna;

A tóce que me afflige, curo com agoa morna;
 E para a ter á mão, achei hum facil meio,
 Pois n'um pequeno vidro a aquento aqui no seio;
 E sem carvão, nem lenha, nem outras invenções,
 Dos Medicos me rio nas minhas defluxões.
 Harpagon, Harpagon, trôpego, triste, e velho
 Contempla o teo estado; eu te apresento o espelho:
 Mas ah! que tu desmaias ao ver-te em tal figura,
 Espectro descarnado n'uma caverna escura
 Já para respirar te faltão os pulmões;
 Vigílias, frios, fome, cuidados, e afflicções,
 Nos braços te lançarão da morte enfurecida:
 Responde: Que acção boa fizeste em tua vida?
 Que premio conseguiste por dias tão cançados?
 Enchi aquella burra de dobras, e cruzados.
 Oh! que inuteis fadigas, que sordidos trabalhos,
 Para ter hum capote com mais de mil retalhos!
 Capote de Arco Iris, gala de todo o anno,
 Que nem tu mesmo sabes qual foi o antigo pano;
 E o ventre que escondido nos ossos mais trazeiros
 Vio em longas dietas passar trinta Janeiros!
 E que querias tu? que eu fosse hum dos casquilhos,
 Que gastão o cabedal em chitas, e polvilhos;
 Ou pródigo glotão, que passa o dia inteiro
 Rodeado de copos, bebendo o seu dinheiro?
 Que sem lançar as contas ás minhas fracas rendas,
 Juntasse os caçadores de cêas, e merendas?
 Não: essa boa gente comigo não faz vasa;
 Eu gósto de banquetes, mas nunca em minha casa:
 Os lucros vão menos, não ha ganhar vintem;
 E aquillo, que se poupa, he só o que se tem
 Por isso o novo herdeiro promette á boa fé
 Gastar em carruagem quanto ajuntaste á pé.

Quem he este que passa vaidoso em seo caminho?

He do avaro Harpagon o pródigo sobrinho,
 Que alegre vio morrer o sórdido avarento,
 De forças exaurido por falta de alimento:

Co' as chaves abraçado o Tio inda espirava,
 Quando elle grandes coisas na idéa já formava:
 Eis hum palacio erguido, bordados reposteiros,
 Que por argolas correm á voz dos escudeiros:
 Revestem-se as paredes de peregrinas côres,
 Que sobre os ricos panos varrião os labores:
 Seges, bestas, lacaios, que tem seus apellidos,
 Que imitão a seu amo, fazendo-se atrevidos.
 Ao sumptuoso ao grande luxo o fasto iguala,
 Os teus quadros, oh! Rubens, adornão esta sala:
 Nest'outra que moldura não tem cada painel,
 Obra da sabia mão do illustre Rafael!
 Que falta mais? amigos, e amigos que vem logo
 Leval-o ás Assembléas, ao lupanar, ao jôgo.
 Cheira a cosinha ao longe: tres mestres occupados
 Dispõe por arte as massas, os môlhos, e os assados;
 Tres mestres! e são todos precisos nas funções,
 Para dar os banquetes ao gosto das Nações;
 Que fôra grão desar, e acção menos presada
 Pôr ao sombrío Inglez a mesa afrancezada:
 Tudo que he fino, e bom aqui aos montes acho,
 Como as coisas grosseiras nas vodas de Camacho: (*)
 Que faz destas mulheres tão grande ajuntamento,
 Que me parecem pobres á Porta de hum Convento?
 Tudo he gente vadia, que tem algum direito
 De arrecadar os roubos, que em casa se tem feito:
 Encobrem-se huos aos outros, e furta o bolieiro,
 Lacaio, comprador, mordomo, e cosinneiro.
 De dia, e noite o cercão cem mil aduladores,
 Que dos seus desvarios celebrão os louvores:
 — Vós sois homem de bem (lhe diz, sereno o rosto,
 Panurgo adulator), tendes juizo, e gosto;
 Quanto os seus bellos dons com vosco o Ceo reparte!
 Sois Alexandre, e Cezar, sois Hercules, e Marte,

(*) Alusão a hum gracioso episodio, que se lê na Historia do Ingenheiro Fidalgo D. Quixote de la Mancha, Part. 2.ª Cap. 20.

Sois Adonis, Narcizo..... e que heide dizer mais?
 Sois homem sem segundo, que á todos admirais:
 Do vosso nome a gloria, e as inclitas acções
 Celebra ao longe a fama por todas as Nações —
 Prosegue, e quando o vê bem cheio de vaidade,
 Expõe-lhe a sua triste cruel necessidade;
 E o ávido mancebo, que mais louvor deseja,
 De cem dobras a bolsa magnanimo despeja,
 Dobras por quem o tio, já macilento e fraco,
 Quiz antes ver a morte que desatar-lhe o sacco.
 Duvída que haja frio, ou tragadora fome;
 Sem pezo, nem medida tudo o que tem consome;
 Que muita gente sabe vencer a sorte dura,
 Mas perde as estribeiras no cume da ventura.
 Esgotão-se os thesouros, torna ao estado antigo,
 Todos os desconhecem, não acha hum só amigo;
 E os mesmos argonautas, por mofa, e por desdouro.
 Celebrão a conquista do Velocino d'ouro.
 Fil-o de porta em porta; que mendigar pretende:
 Que amargos fructos colhe, quem tarde se arrepende!
 Infeliz! que abatido em tão adversa sorte
 Até lhe faltão meios de abreviar a morte:
 Hum corda deseja, mas o desejo he vão;
 Porque hum corda custa metade de hum tostão.
 De excessos, e desgostos na esqualida presença
 Se ajuntão os algozes da palida doença:
 Coberto em fim de opprobrio, com fome, e sem real,
 Vai terminar seos dias á porta do Hospital:
 Lá ficão as Irmãs pobres na flor da idade,
 Expostas ao perigo da vil necessidade;
 E Eulipio o Barregão sem fé, sem lei, sem pejo,
 Soltando alegre as vélas no mar do seo desejo,
 Com dadivas, com roges, e ainda com violencia
 Coge-Çofar será da misera innocencia:
 E os vãos dissipadores de sua rica herança;
 Tudo, e até os seus nomes apagão da lembrança;
 E se alguém se recorda da pródiga loucura,

He para as iusultar na sua má ventura.
 Que tristes consequencias, que funebre retrato
 Mostra de seus costumes o pródigo insensato!

Creonte o atrabilario compõe de sorte o rosto,
 Que a todos enfastia c'ó o seu mortal desgosto;
 Affecta o ser sincero, e em falta de razões
 Mostra o seu desprazer no gesto, e nas acções;
 Encolhe o hombro ás vezes, e o modo seu me ensina
 Que ha rizo mais picante, que a Satira mais fina!
 Elle aborrece os Homens, mas elles com cuidado
 Da sua vista fogem, como de cão damnado:
 Sempre raivoso e féro, não tem mais grato estudo
 Do que inventar os meios de pôr veneno em tudo:
 Ao mesmo sexo amavel dirá, franzida a testa,
 Que a triste Velha he bruxa, que a moça he pouco honesta:
 Quem ha que escape á bilis, que o séca e que o devora?
 Se um canta, he porque canta; se um chora, he porque chora:
 Lidoro observa os astros? perde seu tempo em vão:
 Ticio estuda direito? será grande ladrão:
 Com gosto á Medicina Biophilo se applica?
 Não vale contra a morte sciencia, nem botica:
 Nicandro faz bons versos? he léve de miolo:
 Emilio não os faz? não tem que ver, he tolo.
 Tudo vos desagrada? e que dirão de vós,
 Que tudo escarneceis com vosso genio atroz?
 Ainda espero ver-vos com quatro bonifrates
 Reger mundo em sêco na casa dos Orates;
 Lá da vossa loucura dando as mais certas provas,
 Veremos fecundar vossas idéas novas.

Em tanto Atalafron, que em tudo acha belleza,
 Pretende ser distincto na graça, e gentileza;
 Tudo lhe causa gosto: que genio singular!
 Até se pôe a rir de ver os mais chorar:
 Sempre mordendo os beiços, estuda com cuidado
 Hum vagaroso andar, hum gesto adocicado:
 Conhece das pomadas o autor, e os nomes varies,
 Que podem bem formar dous grossos Dictionarios:

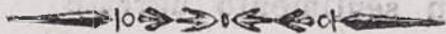
Polindo cada dia tres vezes as fivélas,
 Cuida que todo o povo só põe os olhos nellas;
 Este novo Nirêo busca ao entrar na Igreja
 Hum sitio descoberto, para que o mundo o veja:
 Tem gosto, e para as modas dá novas eleições;
 Sempre aos amigos falla, contando-lhe os botões
 Quanto ouve na Assemblêa, depois por seu nos vende;
 Galra de préssa, e muito, mas elle nada entende:
 Até, quando conversa, vós o vereis em pé
 Fazer passos de dança, rosmando hum *trio* — *lé*:
 Se tem de responder, primeiro entoará
 O lindo retornéllo *Laran-ta-rá-lá-rá*.

Tartufo Jacobêo, que déstro em novas manhas,
 Sabe contos de velhas, urdidos de patranhas:
 Dos Santos o logar crê que não he muito alto;
 Diz c'o as contas na mão, lá quer chegar de hum salto:
 Devoto beija o chão, fazendo mil tregeitos;
 Os olhos põe no Ceo, bate com força os peitos:
 Mas a inveja, a soberba, a intriga, e a ambição,
 São todas as virtudes, que tem no coração:
 Para qualquer maldade hum destes se aparelha,
 Lobo-Cerval coberto c'o a lã da mança ovelha;
 Que vezes lhe não foi nas impias mãos achado
 Fogo devorador, ou ferro ensanguentado!

Clitandro de outra parte, moço de engenho fino
 He contra o Jacobêo, mas faz-se libertino:
 As mais santas verdades são fábula aos seus olhos,
 Quiz evitar as pedras, cahio sobre os abrólhos:
 Serve-se em todo o caso do lume natural;
 Nem sei se elle acredita, que tem alma immortal:
 Mas longe o Libertino, longe o Devoto falso,
 De rizo menos digno, que de odio, e cada falso;
 Para vicios oppostos são varios os caminhos.
 Rulilo cheira á almiscar, Gregorio a raposinhos:
 Deve cheirar-nos mal, quem sempre cheira bem;
 Fugamos dos extremos, tudo seus meios tem:
 Mas quão poucos estimão o virtuoso meio!

De cabeças vazias o Mundo está bem cheio :
 Quem mais quer distinguir-se, não he quem mais repousa :
 Pois juizo entre loucos he perigosa cousa,

Nascido na provincia Ergasto ainda ignora
 Os affectados modos, que o vão casquilho adora :
 Doma hum feroz cavallo, e sabe posto em terra
 Repulsar n'um ataque todo o furor da guerra :
 He justo, he moderado ; mas vem servir de riso,
 Porque sobre o espelho não sabe ser Narciso ;
 — Ignoras (lhe diz hum), como se toma o chá — ;
 — Nem tem este ar de Côte — (diz outro d'acolá) :
 Ja cresce dos topétes a turba louca, e infame,
 A quem o bom mancebo pergunta em seu vexame :
 — Aristo, o sabio Aristo, que altos heroes imita,
 He Espartano fórte ou fraco Sybarita ? —
 Elles tornão á rir, mas sem saber porque,
 E o aldeão prudente, que afflicto, e só se vê,
 Deixa a Cidade foge do Luxo, e desconcerto,
 Para viver honrado no seu feliz deserto.



MADRIGAES.

Pelo mesmo Silva Alvarenga.

1.

Dryade, tu, que habitas amorosa
 Da Mangueira no tronco áspero, e duro,
 Ah! recebe piedosa
 A grinalda, que terno aqui penduro ;
 Pela tarde calmosa
 Glaura saudosa, e bella
 Te busca, e vem com ella mil amores ;
 Mil suspiros te deixo entre estas flores.

2.

Folha por folha, e cheio de ternura
 Beijarei esta Angelica mimosa,
 Beijarei esta Rosa,
 Que hão de adornar de Glaura a formosura.
 Ah! ventura! ventura,
 Comigo sempre esquiva!
 Mostra-te compassiva á meus amores.
 Beije Glaura estas flores,
 E os encontrados beijos
 Dêm novo, e puro ardor, á meus desejos.

3.

Neste áspero rochedo
 A quem imitas, Glaura sempre dura,
 Gravo o triste segredo
 D' hum amor extremoso e sem ventura.
 Os Faunos da espessura
 Com sentimento agreste
 Aqui meu nome cubrão de cypreste;
 Ornem o teu as Nimphas amorosas
 De goivos, de jasmins, lyrios, e rosas.

4.

O' sombra deleitosa,
 Onde Glaura se abriga pela sésta,
 Em quanto o ardor do Sol os prados crésta,
 Ah! defende estes lyrios, e esta rosa.
 E, se a Nimpha mimosa
 Perguntar quem colheo as lindas flores,
 O' sombra deleitosa,
 Dize-lhe que os amores
 E a tímida ternura
 Do Pastor namorado, e sem ventura.

5.

O' Mangueira feliz, verde, e sombria,
 Conserva estes de amor fieis tributos;
 Assim no sêcco Agosto a nevoa fria
 Não venha destruir teus novos fructos.

He este o fausto dia,
 Que vio nascer de Glaura a formosura:
 Chegue aos Ceos a ternura
 Deste voto sincero:
 E alegre eu ver espero
 Que triumphem da sorte, e de seus danos
 A belleza, o amor, a gloria, os annos.

6.

Copada Larangeira; onde os Amores
 Virão passar de Agosto os dias bellos,
 Então de brancas flores
 Adornaste risonha os seus cabellos.
 A fortuna propicia aos teus disvellos
 Annuncia feliz novos favores:
 Glaura torna: ah! conserva lisongeira,
 Copada Larangeira, por tributos
 Na rama verde escura os aureos fructos.

7.

Não desprezes, ó Glaura, entre estas flores,
 Com que os prados matiza a bella Flóra,
 O *Jambo*, que os Amores
 Colherão ao surgir a branca Aurora.
 A Dryade suspira, geme, e chora
 Afflita, e desgraçada.
 Ella foi despojada.... os ais lh'escuto....
 Verás neste tributo,
 Que por sorte feliz baseco primeiro,
 Ou fructo, que roubou da rosa o cheiro,
 Ou rosa transformada em doce fructo.

8.

Se eu conseguisse hum dia ser mudado
Em verde *Beija-flor*, oh! que ventura!

Despresára a ternura
Das bellas flores no risonho prado.

Alegre, e namorado
Me verias, ó Glaura, em novos gyros

Exhalar mil suspiros,
Roubando em tua face melindrosa
O doce nectar de purpurea rosa.

9.

Vês, Nymfa, em alva escuma o pégo irado
Que as penhas bate com furor medonho?

Inda o varás risonho, e namorado
Beijar da longa praia a ruiva arêa:

Doris, e Galatêa
Verás em concha azul sobre estas agoas.

Ah! Glaura! ai tristes magoas!
Socega o mar quando repousa o vento;
Mas quando terá fim o meu tormento?

10.

Mortal saudade, he esta a sepultura;

Ja Glaura não existe;
Ah! como vejo triste em sombra escura
O campo, que alegravão os seos olhos!
Duros espinhos, asperos abrólhos

Vejo em lugar das flores:
Chorai, ternos Amores,
Chorai commigo a infausta desventura:

He esta a sepultura:
Meu coração á magoa não resiste:
Glaura bella (ai de mim!) ja não existe!

Breve noticia sobre a vida de Alexandre de Gusmão.

Ainda que bem poucas Poesias se tenham publicadas de *Alexandre de Gusmão*, todavia sabe-se que não só por esta parte elle he digno de ser conhecido, como tambem por outras qualidades, que vamos expôr em quadro tão resumido, quanto consentem as noticias que delle podemos alcançar, e a tarefa que vamos desempenhando de escrever succintamente a vida dos Poetas Brasileiros.

Alexandre de Gusmão nasceo na Villa de Santos, da Provincia de S. Paulo, no anno de 1695. Aqui fez os seus estudos preliminares frequentando as Aulas no Collegio dos Jesuitas. Passou-se depois á Lisboa para a companhia de hum seo irmão, *Bartholomeu Lourenço*, Presbitero Secular, com quem aprendeu algumas linguas vivas, e hum Curso completo de Mathematicas.

Concluiu-se por esse tempo a guerra chamada da Successão; e o Conde da Ribeira Grande então nomeado pelo Rei D. João o V. para Embaixador Extraordinario á Corte de França, fez escolha de *Alexandre de Gusmão* para seu Secretario, attendendo antes aos seus conhecimentos, do que aos annos da sua idade. Hum theatro tão brilhante como era a Corte de Luiz XIV., não podia deixar de ser proficuo ao genio deste mancebo estudioso, na idade de 20 annos; elle aqui adquirio aquellas luzes, que mais abrilhantarão os seus primeiros conhecimentos, e que depois apparecerão com tanta gloria, sua e nossa, nessas excellentes produções Litterarias, que enriquecem a colleção da Real Academia da Historia Portugueza, e tambem nas correspondencias Officiaes e Notas Diplomaticas, em que a sua Politicall se deixa ver profunda, e firmada em boas idéas. Em Pariz elle se applicou mui particularmente ao estudo da Jurisprudencia, meditando sobre a marcha, em que esta

Sciencia se hia depurando das suas primeiras trevas, pelos trabalhos desses Sabios, que já então mettião hombros á huma reforma tão difficil, e cujas melhores idéas *Alexandre de Gusmão* aproveitou em beneficio da sua Nação.

Voltou a Lisboa, e no anno de 1720 foi de novo escolhido para assistir no Congresso de Cambray em companhia dos dous Embaixadores para ali mandados, e como por este tempo se tratassem tambem em Roma certos negocios Portuguezes, que parecião retardados, á pesar das diligencias do Padre *Bartholomeo Lourenço*, delles encarregado, recbeo *Alexandre de Gusmão* aviso do Governo para passar-se á aquella Corte, dando-se-lhe o prazo de 2 mezes para desembaraçar aquellas negociações; e foi tal a prudencia com que aplainou todas as difficuldades, adquirindo creditos e estimação, que foi demorado por 7 annos na Corte de Roma, conseguindo novos triumphos Diplomaticos.

Alexandre de Gusmão, á pesar dos seus bons serviços, vio com magoa retardar-se escandalosamente a carreira do seu adiantamento e fortuna, sobiudo em honras e vantagens, os que sendo empregados ao mesmo tempo que elle, não derão tão boa conta de si, sem que isto se possa attribuir á outro motivo, que não seja o haver nascido no Brasil. Todavia, elle proseguio á adquirir hum bom nome pelos seus serviços, e admittido ao Gabinete do Rei, nem foi lisongeiro, nem advogou os seus particulares interesses, antes sustentou com dignidade a discussão de negocios importantissimos em correspondencias com as Cortes Estrangeiras, como por exemplo com Madrid por occasião de se negociar o Tratado de limites do Brasil.

Em 1742 foi despachado Ministro do Conselho Ultramarino. O seu zelo neste emprego, onde esperava prestar bons serviços ao seu paiz natal, apparece em muitas consultas, em que *Alexandre de Gusmão* desenvolveo os conhecimentos bem aprofundados que tinha

deste vasto Imperio, á pesar de se haver delle anseado sem tão verdes annos. O estrago que o terremoto causára á Cidade de Lisboa extendeo-se á pequena fortuna deste honrado Brasileiro; e a sua alma sobranceira á taes golpes, por que se havia habituado á viver contente na mediocridade, não pôde resistir ao desgosto de ser privado de dous Filhos, que fazião as suas delicias; de huma Esposa, que lhe servia de conforto em tantas affeições; dos seus Livros, e de grande parte dos seus Manuscriptos, que forão devorados pelas chamas.

Alexandre de Gusmão foi de estatura ordinaria; de cabeça com menor proporção, do que se devia esperar na ordem da sua organisação; semblante redondo e respeitavel; olhos pequenos e brilhantes; côr, que degenerava para palida. No vestir foi polido sem affectação, respirando em seu trato huma dignidade, que unia o brilhante ao decoroso. Fallou a sua lingua com toda a pureza; explicava-se com propriedade em quasi todos os idiomas da Europa; soube com perfeição o Latino, e nelle havia escripto a Historia do Brasil de mandado da Academia. Foi dotado de grande eloquencia, e gozava de bons creditos como Poeta.

Morreo em Lisboa no dia 31 de Dezembro do anno de 1753.

EGLOGA

Por Alexandre de Gusmão.

Pastora a mais formosa, e deshumana,
 Que fazes de matar-me alarde e gosto,
 Como he possivel, que á hum tão lindo rosto
 Unisse o Ceo huma alma tão tyranna?

Cruel, que te fiz eu, que me aborreces?
 Tens duro coração mais que hum rochedo;
 Sou Tigre, sou Leão, que meta medo,
 Que a penas tu me vês desapareces?

Por ti tão esquecido ando de tudo,
 Que o gado no redil deixei faminto,
 O sol me fere á prumo e não, o sinto,
 A ovelha está a chamar-me, e não lhe acudo.

La vai o tempo já que em baile, e canto,
 Eu era no lugar o mais famoso;
 Agora sempre afficto, e pesaroso,
 Tudo o que sei he desfazer-me em pranto.

Ha pouco que encontrei alguns Pastores,
 Que vão commigo ao monte apoz o gado,
 E não me conhecerão de mudado,
 Que tal me tem parado os teus rigores!

Até o rebanho meu, que hum dia viste
 Tão nedio, antes que eu enloquecesse,
 Não côme ja, nem medra, e se emagrece,
 Por dó, que tem de ver-me andar tão triste,

Elle me guia a mim, não eu a elle,
 Que vou nos meus pesares elevado:
 Bem póde o Lobo vir matar-me o gado
 A' minha yista, sem que eu dê fé delle.

Não sei que nuvem trago neste peito
Que tudo quanto vejo me escurece;
A flor do campo parda me parece
E até o mesmo Sol acho imperfeito.

Do alegre prado fujo, e só no escuro
Da serra me retiro entre os rochedos,
Alí pergunto as feras, e aos penedos
Se alguém ha mais que tu cruel, e duro.

Ali ouço soar rompendo o mato
Dos Ribeirinhos as saudosas agoas,
E em competencia vão as minhas magoas
Dos olhos despedindo outro regato.

O mal, que me succede, eu o mereço,
Que ingrato desprezei quem me queria;
Agora se me vê faz zombaria,
Que bem vingada está no que eu padeço.

Então não conhecia o que amor era,
Tambem me ria do tormento alheio;
Quão cedo (ainda mal!) o tempo veio,
Que ja conheço mais do que eu queria!

Não me desprezes, não, gentil Pastora,
Que igual castigo Amor talvez te guarda,
Não sejas á piedade avêssa, e tarda
Tem dó de maltratar a quem te adora.

QUATRO ODES PINDARICAS

*Por José da Natividade Saldanha, natural
de Pernambuco.*

1.^a

*A' Andre Vidal de Negreiros, natural de
Pernambuco, e seu Restaurador em 1654.*

~~~~~  
Dos nascidos direi na nossa terra.

CAMÕES. Lus. Cant. 6.

~~~~~  
STROFE 1.

EU (mil graças ao Ceo!) se em largos campos
Não aro, não semeio
Com malhados bezerros trigo loiro,
Pedindo ao vate Argivo a lira d'oiro
Semeio nas campinas da memoria
Canções credoras de perpetua gloria

ANTISTROFE 1.

As redeas toma do cantor do Ismeno,
Musa canora, e bella,
Ignivomos Etontes atropella,
Guia a tua carroça luminosa
Ao bipartido cume;
Os Cantores do Pindo, que emudeção
Ao teu imperio os Astros obedeção,

EPÓDO 1.

E mais ligeiro
Do que o Ribeiro,
Que acelerado
Discorre o prado
Serpenteando,
Vai tu levando
O teu carro á azul esfêra
Onde Fébo só impéra.

STROFE 2.

Fuja o profano vulgo inepto, e rude
 Para ouvir os Misterios,
 Que o altiloquo Vate patentêa,
 Quando alegre bebendo a clara vêa,
 Da encantadora, diva Cabalina,
 Troca a vida mortal pela divina.

ANTISTROFE 2.

Oh monte! oh monte ao vulgo inacessivel,
 Onde florêa Apollo!
 Quem, do Etonte domando o bravo cóllo,
 No teu cume fuzila brando canto,
 Quem cinge a douta frente
 Póde afoito dispor da humana sorte,
 Dar vida ao sabio, dar ao necio morte.

EPÓDO 2.

Se o grande Homéro
 De Achilles séro,
 Que Heitor procura,
 A paixão dura
 Não arpejára,
 Na linfa amára
 Desse lago celebrado
 Jazeria sepultado.

STROFE 3.

Se tórvos sopesando invícta lança,
 O' Musa, não podemos
 No campo sanguinoso de Mavorte
 Espalhar de huma vez terror, e morte,
 Podemos, fulminando excelsos hymnos,
 Dos humanos mortaes fazer divinos.

ANTISTROFE 3.

Levemos dos Heróes Pernambucanos
 A rutilante gloria
 Ao Templo sacrosanto da Memoria;

Não deixemos em mudo esquecimento
 Tantos Varões famosos,
 Que da inveja a pesar em toda a idade
 Entregarão seu nome á Eternidade.

EPÓDO 3.

Assim de Roma
 A gloria assoma,
 Que do Latino
 Em som divino
 Relampeguêa
 De graça cheia,
 Quando fere a doce lira
 Por quem Orion suspira.

STROFE 4.

Porém, ó Musa bella, o carro volta
 Aos altos Guararâpes,
 Nêlles procura o forte Brasileiro,
 Tigres sedento, Lobo carniceiro,
 Que dardejando a espada em dura guerra
 Faz tremer ao seu nome o Mar, e a Terra.

ANTISTROFE 4.

Ante os muros de Troia fumegantes
 Pélides furioso
 Pela morte do amigo belicoso
 Mais estragos não vibra, nem ruinas;
 Nem o Aquilão fremente
 Que, o pégo marulhoso revolvendo;
 Vai montanhas de espuma ao Céu erguendo.

EPÓDO 4.

Brava procêla
 Tudo atropêla;
 Ao Belga forte
 Flumine a morte
 E o meu Negreiros
 C'os Brasileiros

Augúra cheio de gloria
Em seus brios a victoria.

STROFE 5.

Por cem bocas de fogo devorante
Volcão impetuoso,
Vomita o bronze atroador, e forte,
Por entre denso fumo a negra morte;
E o nitridor ginete atropelado
Respira fogo em sangue misturado.

ANTISTROFE 5.

O vibrado corisco tripartido
Pela dextra divina,
Ou subita estalando occulta mina,
Tão rapida não he, nem tão ligeira
Como o nosso Camillo,
Que leva enfurecido ao marcio jogo
Fogo no coração, nos olhos fogo.

EPÓDO 5.

Prova, ó tyranno,
Pernambucano
Valor preclaro;
Negreiros caro
Consegue o loiro
De Heróes thesouro,
Conservando a invicta espada
No teo sangue inda banhada.

STROFE 6.

Será preciso, ó Musa, que sigamos
O Heróe á toda a parte?
Que ao Rio Grande vamos, e á Bahia,
Onde calcou Vidal a força impía
Do tyranno Hollandez, que ao seu aspecto
Sente o sangue gelar no duro peito?

ANTISTROFE 6.

Descansemos do claro Paraíba
 Na margem abundante,
 Onde brinca favonio susurrante;
 Brilhe tambem na vasta redondeza
 Esta illustre Cidade,
 Patria feliz do impavido Negreiros,
 Terror do Belga, amor dos Brasileiros.

EPÓDO 6.

Porém em tanto
 Suspende o canto;
 Do teu auriga
 A' dextra amiga
 Confia o leme;
 O Cisne teme
 Que do Heróe cantando a gloria,
 Talvez lhe manche a memoria.

2.^a

A' D. Antonio Filippe Camarão, natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

STROFE 1.

DUlcisono instrumento,
 Que de claros Heróes levaste o nome
 Ao alto Firmamento,
 Quando o Cantor do Ismeno
 O Plectro audaz vibrava;
 Eléva agora ao Templo da Memoria
 Novo Heróe, que brilhou no Ceo da Gloria.

ANTISTROFE 1.

De sacro enthusiasmo arrebatado
 Além da humana esfêra,
 O Argivo Cisne em metro não ouvido
 Celebra o combatente,
 Que o bravo Corredor domou valente;
 Ou nos Pitios combates valeroso
 O triunfo colheo victorioso.

EPÓDO 1.

No Pégaso correndo o vasto campo
 Dos nobres feitos do Brasilio Marte,
 Vou colher sem demora
 Flores em toda a parte,
 E tecer-lhe depois em Dirce bella,
 Ao brilhar do meo canto, huma capella.

STROFE 2.

D'entre larga espessura,
 Ouvindo a voz da Patria, a quem opprime
 A tyrannia dura,
 Sai Viriato forte
 Invicto Lusitano,
 E clamando vingança, e liberdade,
 Ressôa a voz na etêria imensidade.

ANTISTROFE 2.

Qual da Sicilia o monte pavoroso,
 Que, chammas vomitando,
 Entre nuvens de fumo tudo abrasa;
 Qual Bóreas furibundo,
 Que, aberta a porta ao carcere profundo,
 Com estampido atroador soando,
 Vai as altas montanhas abalando.

EPÓDO 2.

Tal Viriato, a Patria defendendo,
 O Quirino soberbo desbarata;
 E, Tigre furioso,

Fere, atassalha, e mata.

O Imperio Quirinal ao vêl-o geme,
De susto cheio o Capitolio treme.

STROFE 3.

O Camarão potente,
Indio famoso, illustre Brasileiro,
Negro Aquillão fremente,
He dest'arte, que busca
O Batavo em Goianna;
E, hum dia inteiro em horrída batalha,
Chovendo mortes, o inimigo espalha.

ANTISTROFE 3.

Tanto valor não tem, constancia tanta,
O grande Heróe Troiano,
Quando montado no veloz ginete
Pela Patria peleja;
Troveja mortes, damnos mil troveja;
Brilha o ferreo pavez auribordado,
Açoita as ancas o cocár doirado.

EPÓDO 3.

Patrocolo denodado, que attrevido
Ante os muros Troianos apparece
Cedendo ao braço duro,
Sucumbe, desfallece;
E o bravo Heróe, inda a pezar dos annos,
Marcha na frente dos Heróes Troianos.

STROFE 4.

O Scipião famoso,
O Belga em Santo Amaro derrotando,
Cinge o loiro ditoso,
Seu aspeito anuncia
A fugida, ou a morte
De hum lado á outro qual peloiro vòa
Sôa a victoria quando o bronze sôa.

XV 59

*A' Henrique Dias natural de Pernambuco ,
e seu restaurador em 1654.*

STROFE 1.

NÃO posso, Egregio Henrique, em larga cópia
As lagrimas da Aurora offerecer-te;
Nem de marmor luzente
Padrões eternos contra o Tempo erguer-te;
Porém ao som do plectro, que desfiro,
Com aureo canto eternisar-te posso:
Dom de maior valia,
Que cem columnas do opulento Eñro.

ANTISTROFE 1.

Quando no Olimpico circo,
Nã mortal, todo Nume o Argivo Cisne
Da atropelada boca
Novos vibrava audaciosos Hymnos,
Quanto a rival Corina
Raivava de escutar-lhe a voz divina!
Quanto o mesmo ginete, que a victoria
Conseguiu ao Senhor, se encheo de gloria!

EPÓDO 1.

Nem só de Ilio bateu Neptunios muros
O indomavel Achilles,
Quando em torno correo do Argivo campo,
Largo ribeiro, o sangue de Patrocolo:
Nem o velho Nestor, que honrara Pílos,
Transpoz sómente á vida o curto espaço.

STROFE 2.

Oh! mil vezes ditoso, o que da lira
Tirando sons, milagres de harmonia,
Que o Pataréo inspira,

Rouba os Heróes do tempo á soice impia
 Ditoso, o que n'um frio esquecimento
 Não deixa sepultar a Patria gloria!
 Assim Canções divino
 Ergueo-te, ó Gama, eterno monumento.

ANTISTROFE 2.

Asim outr'ora Elpino,
 Atropellando os E'vos fugitivos,
 Da immensa Eternidade
 As bífores abrio formosas portas
 Quanta d'ali rutila
 Brilhante gloria em Azamor, e Arzila!
 Viste de novo Adamastor, ferrenho
 Sulcar teus mares Lusitano lenho.

EPÓDO 2.

Qual furor divinal de mim se apóssa!
 Que sacro entusiasmo
 Em grossos turbilhões me assalta á mente!
 Onde me elevas impeto divino!
 Oh Passado! Oh Futuro! Eu vejo tudo,
 Abrem-se os penetraes aos meus accentos.

STROFE 3.

Henrique! Lá me assoma em densa tréva
 Do féro Belga a alta trincheira invicta!
 Que clamor, que se eleva!
 Que terror nos cercados, que se excita!
 O bipene cutéllo a Parca afia
 No fuzilo dos elmos, das espadas;
 Trôa o bronze inflammado,
 Que em chuveiros a morte despedia.

ANTISTROFE 3.

Como de balde intentas,
 Belga soberbo, te esquivar ao raio!
 Como! .. Já se arremessão
 Altas escadas ás trincheiras altas;
 Já tremúla a primeira

Sobre as muralhas Portuguez bandeira;
 Já curvas, Hollandez, com Fado escasso,
 Altiva fronte do Africano ao braço:

EPÓDO 3.

Freme na Estancia o bellico Mavorte
 Fulminando ruinas.

Lá Dias apparece ... ah! quão azinha
 Foje ao vel-o a Batavia atrocidade,
 Assim de Heitor fugia o Grego imbélle,
 Que as muralhas de Troia accommettia.

STROFE 4.

Que confusão, ó Musa, que alarido!
 O Ceo se encobre de negrume horrendo!
 Que estrondo nunca ouvido!
 Que sangue pela terra vai correndo!
 Que he isto! .. Mas lá sôa... “ O Belga forte,
 “ Nas Salinas fugir em vão intenta;
 “ Henrique os atropella,
 “ E á seu lado se espraia a negra morte.,,

ANTISTROFE 4.

Tal do Heróe de Carthago
 Fugia á vista a Quirinal cohórte;
 Quando em Tresbia valente
 O Consul atrevido derrotára.
 Tal foge temeroso
 Do açor cruento á garra furibunda
 O aerio bando de mimosas pombas.
 Tanto do Heitôr Brasilio assusta o braço!

EPÓDO 4.

Como lá foge ao vel-o nas Tabocas
 O Batavo medroso!
 Como sem côr, sem vida, espavorido,
 De susto cheio, no Afogado foge!
 Como tresúa navegando os mortos
 Na fêa Barca o sordido Charonte!

STROFE 5.

Guararápes! abaixa o nobre cume ;
 O illustre Scipião lá vai sobindo,
 Que nunca visto lume
 Da fulgurante espada vem sahindo!
 Relincha o nitridor atropellado
 Sangue, e fogo no freio mastigando ;
 Lá sôa! .. lá começa
 Dos peloiros o estrondo repetido.

ANTISTROFE 5.

 Qual do cavallo vôa,
 Qual sem cabeça corpo vai rolando,
 Qual decepado braço,
 Inda tremendo aperta a quente espada,
 Qual sem dono ginete
 Pisa, e repisa galopando o campo..
 Lá dá costas o Belga lá procura...
 Nas densas matas o mesquinho abrigo.

EPÓDO 5.

Musa!.. porém ja basta descancemos
 Hum pouco a lira, d'ouro ;
 E entretanto conheça o Mundo todo,
 Que entre o remoto Povo Brasileiro
 Tambem se crião peitos mais que humanos,
 Que não invejão Gregos nem Romanos.

Ao Mestre de Campo Francisco Rebello, chamado pela pequenez de seu Corpo o Rebelinho, natural de Pernambuco, e seu Restaurador em 1654.

STROFE 1.

BRasileros! .. de novo afino a lira,

E o Nume de Patara,

Que os lisongeiros Vates não inspira

A' minha mente inflamma.

Tecei-me nova corôa,

Filhas do Ceo, Razão, Ingenuidade;

Pois agora acordando

A' lira Brasileira os sons Argivos,

Vou estampar o nome

De Rebello immortal na Eternidade.

ANTISTROFE 1.

Já da Apollinea chamma

Aceso turbilhão me desce ao peito!

Como hum tropel de idéas magestosas

A mente me confunde!

Eu vejo, en não me engano, o Delio Nume

Que aos ouvidos me entôa altivos Hymnos:

O' Pindaro! esmorece;

Tu já tens hum rival no amor da Patria,

No canto, que aos Heróes dá nome, e vida.

EPÓDO 1.

Longe de mim o vulgo boquiabêrta,

Que não pôde escutar os sons cadentes,

Que o Vate desencerra;

Longe de mim a turma aborrecida,

Que á Lirica não sóbe, e que derrama

Versos sem alma, e só no nome versos;

STROFE 3.

XVI

62

Rebello assim desfeito em chamma, em ira,

A' toda a parte vóa,

E onde assoma valor, audacia inspira.

Treme de ouvir-lhe o brado

O Belga esmorecido.

Tu, Santo Amaro, o viste, quando inerte

Provocando o inimigo,

C'a espada trovejou raios de mortes,

E, Hercules imitando,

Rouba a vida á hum Antheo c'os rijos braços.

ANTISTROFE 3.

Foge o Belga medroso,

Foge á vista do Heróe; porém aonde

Póde escapar ao raio? O Heróe o segue,

Assoberbando tudo.

Nada lhe embarga os passos, nada o prende;

Chameja, espuma, brama, e os campos tála,

Desmorona os redutos;

E de sangue, e de gloria, e pó cuberto,

Entre impios ossos caros ossos piza.

STROFE 3.

Mazurépe! Já vóa em teu soccorro,

Dos olhos sintilando fogo ardente,

Sedento do inimigo,

O Heroe á cuja fama he pouco o Mundo.

Ja!.. Que horror! entre fumo, entre alarido,

Chove o brônze mortifera granada;

Cruzão lanças, a hoste se derrama....

Exulta, ó Mazurépe! O Belga cede,

Ante o Brasilio raio

Tudo he pó, tudo he cinza, tudo he nada.

EPÓDO 4.

Novo campo de gloria se offerece

Ao Brasileiro Tigre:

Sigismundo a vingar-se lhe apparece.

O' Belga desgraçado!
 Porto Calvo famoso
 Por tres vezes te vio deixar-lhe o campo,
 Quando Rebello forte,
 A dextra o raio, o terrorismo á frente,
 Impavido assomando,
 Tudo era pouco a saciar-lhe a furia.

ANTISTROFE 4.

Assim o antigo Persa,
 No esquadrão numeroso confiando,
 Aos da Grecia guerreiros se apresenta;
 Assim Flaminio bravo
 A' gloria de Carthago, ao fero Annibal;
 Tal em Neméa os bravos Sicilianos
 A' Pericles se offerecem;
 Assim nas margens ferteis do Garona
 A aguia soberba foi lançada em terra.

EPÓDO 4.

Taparica infeliz em ti devia
 Com a morte coroar tantas victorias.
 Peloiro penetrante,
 Rompendo o peito forte, foi beber-lhe
 As fumantes entranhas inda quentes,
 E envolvido em troféos do seo triunfo
 Na campina Mavorcia teve a morte.
 Porém quando se chega ao Ceo da gloria
 A existencia he pesada:
 Assim Turena sobre o campo expira.

STROFE 5.

O' Patria minha, e delle! enxuga o pranto;
 Morreo; mas libertou-te,
 E de novo revive no meo canto.
 Inda hoje a sombra sua
 Te cerca a todo o instante,
 E c'os olhos em ti, assim te brada:
 " Exulta, ó Pernambuco,

“ Dei a vida por ti: foi doce a morte ;
 “ Não te falta o meo braço ,
 “ Tu genios inda tens, que me assemelhão. „

ANTISTROFE 5.

O' Jovens Brasileiros,
 Descendentes de Heróes, Heróes vós mesmos,
 Pois a raça de Heróes não degenera,
 Eis o vosso modelo ;
 O valor paternal em vós reviva ;
 A Patria, que habitaes, comprou seo sangue,
 Que em vossas véas pulsa ;
 Imitai-os, porque elles do sepulchro
 Vos chamem com prazer seos caros filhos.

EPÓDO 5.

Assim em Roma o brio dos Horacios
 Nos recém-nados filhos vegetava ;
 Assim o egregio sangue
 Em Termopilas dura derramado
 Antolhava em seos filhos vingadores :
 Tomai delles o brio, a força, a manha ;
 Sêde sempre fieis á Patria cara ;
 Vós sereis Brasileiros ;
 Sereis Pernambucanos verdadeiros.

SONETO

Por Braz Martins Pupo, enviado á Sebastião de Aguilar Sandenabo, (natural de Minas.) Deu motivo o chegarem duas Senhoras á janella, no largo da Lapa do Desterro ao mesmo tempo em que o Sol nascia, e succedeo esconder-se logo em huma nuvem.

Ja la vaidoso o Sol resplandecente
 No dourado horisonte apparecia,
 Donde dar com seus raios pretendia
 A costumada luz á mortal gente.

Eis que os olhos voltando de repente
 Humas formosas Nimphas descobria,
 De cujos rostos vê que lhes sabia
 Outra luz mais que a sua refulgente.

Suspende logo os passos, conhecendo
 Que devera ceder á luz mais pura,
 Foi pouco e pouco os raios escondendo:

E dentro em huma nuvem densa e escura
 Afrito e descontente o rosto tendo,
 Chora de ver tão rara formosura.

SONETO

*Por Sandenabo, em reposta
ao antecedente.*

○ Astro grande, autor e pai do dia,
Ja vibrava os seus raios luminosos,
E nos bravos Etontes furiosos
Pela esfera Celeste discorria.

Ora á hum, ora á outro sacudia
Os doirados cordões, porque animosos
Aureos freios mordendo de raivosos,
E nivea espuma os lombos lhe cobria.

Eis que os olhos á terra debruçando,
Qual o filho, por ver a Nimpha amada,
Com as luzes, que vio, se foi cegando;

E temendo seguir do filho a estrada,
Foi n'huma escura nuvem sepultando
A escassa luz, ja tremula e cançada.

SONETO

*Por José Basilio da Gama, á alma
Rei D. Sebastião entrando nos Céos*

Entrava aflita nos Celestes Paços

A magnanima sombra, envolta em lutos,
Do Rei, cujo valor deixou por fructos
Na Maura terra a Patria em duros laços.

Affonso a chama, e nos invictos braços

De seu paterno amor dando tributos,
Lhe beija a face e os olhos mal enxutos,
Consolando-o dos fados seus escassos.

Por preparar, lhe diz, á lusa Gente

A idade d'ouro, que os destinos regra,
Quer qu'este mais desastres exp'rimente.

E correndo huma nuvem densa e negra,

José mostrou á Portugal contente,
E a sombra rindo, do seu mal se alegra.

PARNASO BRASILEIRO. 65

XVII
OU

COLLECCÃO

DAS

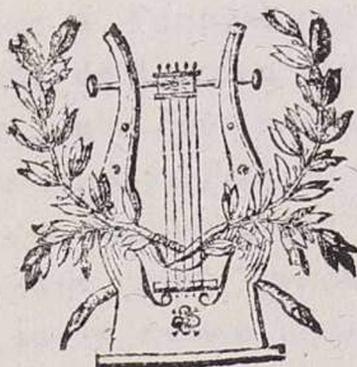
MELHORES POESIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INÉDITAS, COMO JA IMPRESSAS

.....
CADERNO 7.^o
.....



RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1832.

65X

COLLECCAO

MEMBROS POESIAS

POETAS DO BRASIL

TANTO INEBRITAS, COMO DE INTERESSAS



RIO DE JANEIRO.
NA TIPOGRAFIA NACIONAL



*Breve noticia sobre a vida de Ignacio
José de Alvarenga Peixoto.*

HE tal o descuido, que entre nós tem havido em escrever a vida dos Brasileiros, que honrão a nossa Literatura, que os nomes de muitos vagão como sem patria, e o que mais he, sem haver passado meio seculo sobre a sua desconhecida sepultura. Difficil tem sido por isso a empreza de darmos á luz as noticias biographicas dos nossos Poetas; mas apesar da escuridade dos passados annos, hiremos salvando do indiguo esquecimento aquelles, que podermos conhecer, ou por meio de seus parentes e amigos, ou por acções e circumstancias que nos dêem o fio dos seus dias.

No primeiro volume do nosso Parnaso publicámos algumas Poesias de *Ignacio José de Alvarenga Peixoto*, e então dissemos, mal informados, que elle era natural de *Minas Geraes*. Hoje reparamos este engano, declarando, fundados em boa auctoridade, que elle nascera na Cidade do *Rio de Janeiro*, e de huma familia decente, e abastada. Passados os seus mais verdes annos no estudo das Lettras, então florentes no Collegio dos Jesuitas, transportou-se á Portugal com estes preparatorios, e na Universidade de Coimbra seguiu a Faculdade de Direito Canonico, em que tomou o grão de Bacharel Formado. O seu estro sublime ali se fez por muitas vezes admirar, e a sua reputação como Poeta firmou-se em annos bem tenros, tanto que *Alvarenga Peixoto* apenas contava 14 annos da sua idade, quando improvisou o excellente Soneto sobre a nomeação de hum Bispo, que já publicámos no primeiro Tomo do Parnaso, cujo mote era.

Nomêu Vice Deos o grande Augusto.

Dotado de feliz engenho, rico de conhecimentos, e fallando com nobre eloquencia, que dava maior realce aos seus pensamentos, elle fez huma brilhante leitura no Desembargo do Paço, e assim por este acto, como pelo credito de seus estudos, foi logo despachado para Juiz de Fora de *Cintra*; e deste lugar, preenchido com honra, passou para o de Ouvidor da Comarca do *Rio das Mortes*, em Minas Geraes.

No anno de 1776 (talvez fosse o trigessimo da sua idade) chegou *Alvarenga Peixoto* ao Rio de Janeiro vindo de Lisboa para hir exercer a Magistratura, que lhe foi confiada; e aqui benignamente o acolherão, tanto o Vice-Rei Marquez de Lavradio, como aquelles de seus Patricios, que sabião presar as suas brilhantes qualidades. Nesta sua estada fez elle o Soneto, que acaba;

Compete a nova escola dos costumes.

(Parnaso B. T. 1.º) servindo de dedicatoria ao Marquez, da Tragedia — *Merope* —, por elle traduzida do Italiano, e que foi representada no Theatro então fundado sob os auspicios de tão polido Vice-Rei. Tambem á seu pedido compoz, e fez representar hum excellente Drama intitulado *Eneas no Lucio*.

Chegando á Comarca do *Rio das Mortes* começou a desempenhar os seus deveres de Ouvidor, com credito seu, e aprazimento dos povos; e tanto se embellezou da Provincia de Minas Geraes, que nella casou, e teve filhos. Concluido o tempo desta Magistratura, entregou a Vara ao seu Successor, renunciando a carreira tão felizmente começada, e contentando-se com a Patente de Coronel de Cavalleria de Milicias, que obtiveraem recompensa dos seus bons serviços, só para gozar tranquillo os commodos da vida privada, nos braços de huma Esposa, e nas doçuras de huma Famillia, que fazia todos os seus encantos, tendo assim mais oportunidade para se dar á communicação das Musas,

Mas o genio do mal estudava meios de infelicitar as mais distinctas Familias da Provincia de Minas Geraes; e folgou de os achar am huma calumniosa denuncia, que enlutou para sempre os praseres de *Alvarenga Peixoto*, e de alguns Mineiros, que então pelas suas luzes fazião o ornamento da sua Provincia. Elles por suas brilhantes qualidades parecião dar sombra á espiritos apoucados, que prontos tomarão baixa vingança por desavenças particulares, convertidas mui de proposito em offensas publicas, ou crimes de *lesa Magestade de primeira cabeça*. A intriga maquinou o laço á sombra da força; a desaperecebida innocencia não pôde escorar-se na probidade e boa fama; *Alvarenga Peixoto* denunciado como incurso no crime de huma rebelião, que só existia no odio, que lhe tinhão os seus baixos inimigos, foi posto á ferros, e regressou á sua Patria para ser sentenciado com outras victimas ds tão negra maquinação.

Depois de grandes, mas inuteis trabalhos dos seus amigos empenhados na sua defesa, *Alvarenga Peixoto* teve de ouvir a sentença da sua morte..... Mas esta pena lhe foi perdoada por Graça da Rainha D. Maria, cujo perdão foi apresentado em Relação pelo Vice-Rei, depois de condemnados todos os réos, ficando excluido desta Graça hum infeliz, que em breve subio ao patibullo; por se julgar principal cabeça da sonhada rebelião. *Alvarenga Peixoto* foi degradado perpetuamente para o Presidio de *Ambaca* nos sertões de *Angola*, e ahi poucos annos viveo.

A sublimidade do seu estro verdadeiramente Pindarico nunca foi rebaixado pelo pezo dos seus ferros; se a consciencia do crime pode abater o espirito do homem de Lettras, a certeza de que á injustiça he só quem o persegue, dá novo calor aos seus nobres sentimentos para se manifestarem em expressões dignas da sua gloria. Em suas cadeas *Alvarenga Peixoto* era mui pungido pela saudade da sua Esposa, e filhos, que nevão abismados nos horrores do seu infortunio, do que da lêm-

brança de huma desgraça, que encurtava os seus dias, parecendo denigrir a sua brilhante reputação. Elle deu provas deste seu nobre sentimento, quando sabida a noticia da sua primeira condemnação improvisou o Soneto, que principia :

Não me aflige do potro a viva quina,

Tão eloquente, e tão elevado Poeta em seus ferros, em tenebrosa masmorra, como no socego do seu gabinete, ou no circulo dos seus illustrados amigos, elle agradeceo de improviso a Graça da Rainha, dirigindo-lhe o *Sonho* e a *Ode*, que se publicarão no principio do 1.º Tomo deste Parnaso. Os nossos Leitores podem formar juizo da sublimidade do Poeta *Alvarenga Peixoto* lendo as suas boas produções, que ainda restão, sendo já muitas perdidas por se não terem estampado em tempo competente. Nós as hiremos publicando á proporção que nos chegarem ás mãos, e para isso de novo couvidamos os Parentes e Amigos dos nossos bons Poetas, que sem duvida não podem querer que hum injusto esquecimento os roube á gloria do mundo Litterario.

CARTA

DE

Leandro á Héro, traduzida do Francez, e dedicada á Senhora D. Delfina Benigna da Cunha, por D. Beatriz Francisca de Assiz Brandão.

DEDICATORIA.

Vê, Lucilia, no quadro lastimoso
 Que á tu' alma sensível apresento,
 De amor o fructo amargo, e a pena injusta
 Contra tristes amantes fulminada.
 E haverá coração duro, insensível
 Que a ouvir-lhe o éco não s'esgote em sangue?
 Leandro ja do mar despojo infausto
 Sobre as queridas margens arrojado,
 Seos desgraçados votos vê cumpridos!
 Tyrannos Ceos! só nisto os escutastes?
 Héro infeliz o vê, e o reconhece,
 E no extremo da dor que alma lhe occupa.
 Hum ai, hum só suspiro não lhe escapa.
 Perdido o acordo, e a razão perdida,
 D'essa torre fatal se precipita,
 E cingindo á seu peito o caro amante,
 Quanto hum resto de vida lhe permite,
 O primeiro suspiro o ultimo exala.
 A Natureza geme, Amor soluça!
 O' copia desditosa! Exemplo triste
 Da mais viva paixão, que o mundo vira!
 Ao pintar de seo fado o duro extremo,
 Quantas vezes no peito intercadente
 Senti faltar-me o alento.... assim tremendo
 Cabe a penna da mão, que enxuga o pranto,

Almas sensiveis, que o prazer e a magoa
 De Amor sabeis qual he, chorai commigo.
 Desta copia fiel a sorte amarga
 Vos arranque hum gemido doloroso!
 Chóra tambem, Lucilia, chorai troncos,
 Róchas de Abido, e vós praias de Sésto
 Onde repousão, n'hum só ponto, as cinzas,
 Que Amor talvez ainda aquece, e anima.

CARTA.

Do teu fiel recebe hum terno adeos.
 A ventura de ver-te, de abraçar-te
 Faria o seu prazer; mas agitado
 O mar tempestuoso não consente
 Que elle possa passar de Abido á Sésto.
 Se as Deidades piedosas s'interessão
 A favor de hum affecto verdadeiro,
 Tu sensivel serás aos desprazeres,
 Que turbão meu repouso, e pesarosa
 Lerás protestos de hum amor constante,
 Que tão doce te fôra o escutai-os!
 Mas que digo? Insensato! Os mesmos Deoses,
 Que reclamo, contrarios se declarão
 A minha pura chama; pois não sofrem,
 Turbando o mar, que eu possa para ver-te
 Empregar a destreza dos meus braços.
 Bem vês o Céu de nuvens carregado,
 Pronto á brotar horrisonas borrascas.
 Com medonho estampido os rijos ventos
 Se arrojào sobre as ondas inquietas
 Onde os Navios mal seguros jógão.
 Hum Piloto somente, (e esse mesmo
 De temerario e louco he arguido,)
 Os furores de Boreas desprezando
 O Porto deixa, e he por este meio
 Que posso a minha dor participar-te,

Eu lhe entrego esta Carta, ah! praça aos Deoses
Que podesse hir eu mesmo segurar-te
O meu amante extremo; mas correndo
A embarcar-me, contando em pouco o risco,
Eu vi que toda a gente me observava
N'esta partida; como eu ousaria
Impellido do meu ardor vehemente
Manifestar a chama, que me abraza?
Os meus, á meu pesar, descobririão,
Se me vissem partir, o doce trato
Do nosso occulto amor; e escaparia
O segredo, que tende á conserva-lo.
Eu te escrevo por tanto, e beijo, e invejo
Esta Carta feliz, que brevemente
Hirá gosar o bem, de que me privo.
Depois de ser por tuas mãos tocada
Julgo vel-a tão docemente unida
Aos labios teus, que os olhos cubiçosos
Farão que os dentes logo o sello arranquem.
Mas porque invejo o bem, que ceder devo?
Privar-me de te ver he mal sem cura,
E devo do meu barbaro destino
Sofrer a dura Lei: por tanto, ó cara,
Por minha voz a minha mão te falla.
Ah! porque não pode ella n'este instante,
Em lugar de traçar minhas idéas
Vencer nadando os alterosos mares,
E abrir-me hum caminho para Sésto,
Onde por tantas vezes me tem feito
Ver o terno amor? Bem que estas lettras
Possão provar-te o meu ardor intenso,
Que intreprete fiel de meus extremos
Seja esta mão, mais util me he seu uso
Quando fendendo as ondas me avizinha
Do meu unico bem, dos meus amores.
Ha sete noites, noites tormentosas!
Que o mar apenas franco aos navegantes

69X

Furioso espuma, e faz mugir as vagas.
 Ah! se em todo este tempo algum repouso
 Meu assustado amor tem conseguido,
 Possa tanto durar a tempestade
 Quanto por meo tormento tem durado.

Sentado em hum rochedo ao mar visinho,
 Abatida a minha alma de tristeza,
 Lanço, gemendo, as vistas para Sésto,
 E adorando hum lugar, que me he tão charo,
 Mando meu terno coração saudoso
 Onde desejo conduzir meu corpo.
 Na Torre onde te dignas esperar-me
 O lume vejo, que me guia e chama;
 Ou ja de meus desejos illudido
 No ardor de buscal-o julgo vel-o.
 N'este tormento a dor, que me transporta
 Me tem feito tres vezes resoluto
 Minhas vestes deixar sobr' esta margem;
 E tres vezes entregue ao mar em furia,
 Os meios procurar do meu repouso.
 Mas conseguil-o, em vão tenho tentado:
 As vagas á engolir-me sempre prontas,
 Contra a minha afoiteza embravecidas
 Tem-me á praia arrojado por tres vezes,
 Tu dos ventos o mais desapiadado
 Que os ares estrugindo, furiosas
 As ondas tornas, implacavel Boreas;
 Que te fiz eu? Porque com rigor fero
 O mar volvendo o coração me arrancas?
 O sopro impetuoso, que despedes
 Mais do que as ondas meos prazeres turba.
 Ah! que farias tu de mais tyranno,
 Contra hum misero amante, se em teo peito
 Nunca Amor dominasse? Se hoje cobren
 Os gellos tuas faces, ah! recorda
 Que houve tempo, em que foste ja de fogo,
 E que d'hum lindo objecto surprehendido

Seus amáveis encantos já fizeram
Tua razão ceder á teus sentidos.
Na paixão vivamente resentida,
Que á roubar Orithia te obrigara,
Que desesperação seria a tua
Se te fossem os ares interditos?
Por piedade condoe-te de hum amante,
Qu t'implóra favor; suspende a furia;
Assim Eólo, de seu poder altivo,
Jamais severas ordens ouse impor-te.
Mas em vão com meos ais busco mover-te,
Pois augmentas teu horrído murmurio,
E as aguas agitadas, implacáveis
Mugem, branqueão diffundindo horrores.
Ah! por que de meus males compassivo
Não me presta, ai de mim! Dedalo as azas?
Estes mares, que de Icaro conservão
O renome da sua fatal queda
Em vão minha razão avisarião,
De seu fado o espectaculo tremendo
Desmaiar não faria a minha audacia,
Se eu pudesse alcançar, que de meu corpo
Vencendo o pezo, aos ares me elevassem.
Ah! que em vez dos prazeres excessivos,
De que ha tanto me priva a tempestade,
Eu procuro acalmar a viva angustia
De meu peito agitado, memorando.
Os primeiros momentos preciosos
Da minha sem igual felicidade.
A noite.... Oh! quanto he doce esta lembrança!
Em suas gratas sombras preparava
O treptheo mais sublime á minha gloria;
Quando inflammado no maior transporte
Eu me ausentei de Abído, e fui á Sésto!
Ali, sem que o perigo balançasse
O meu valor, já prestes á arrojarme
A's salsas ondas, extendendo os braços

Corri afoito a humida planicie.
 N' esta marcha arriscada, e inconstante,
 Seos doces raios me emprestava a Lua,
 Como que condoida protegesse
 Quem por amor á morte se arriscava
 Em meu transporte erguendo á ella os olhos,
 O' Deosa encantadora, lhe dizia,
 Concede o teu soccorro á hum terno amante.
 Ah! lembre-te esse tempo, em que buscavas
 Nos rochedos de Latmo o Pastor bello,
 Que acendera em tua alma a doce chamma.
 Favoravel te mostra á este extremo,
 Que á tão extranhos riscos me abandona.
 Para guiar-me sobre mim derrama
 Os teus raios benignos. Quando amante
 Tu deixavas o Ceo, e demandavas
 Meigos encantos de hum amor tão terno,
 Era hum mortal quem te obrigava á tanto.
 No lindo objecto, que minh' alma enlêa
 Eu nada busco menos, que huma Deosa....
 De tão alto elogio não te offendas:
 O ciúme he forçado á confessa-lo.
 Que te direi dos sentimentos nobres
 Que regem de su' alma os movimentos?
 Que do sangue dos Deoses seja digna
 Sua excelsa belleza he testemunha,
 E de mil graças o gentil composto
 Bem deixa ver que só huma Deidade
 'Tantos encantos possuir podia.
 Excepto tu, e Venus, não se encontra
 Outra immortal, que vendo a minha amada
 A vantagem de bella ostentar possa.
 Se não crês a expressão de quem a adóra,
 Ah! digna-te de ve-la hum só momento.
 Bem como tu em plena luz offuscas
 O esplendor dos Astros, que te cercão,
 Tanto a sua belleza, os seus encantos

Fazem ceder a todas as beldades;
 Se da minha verdade iuda duvidas,
 Talvez zelosa este louvor te offende;
 Ou, temendo que á ti ouse igualal-a,
 Convencida em segredo, dissimulas.

He assim que vogando sobre as cudas
 A aspera fadiga eu consolava,
 E avançando-me á essa feliz margem,
 Que meu sensivel coração prendendo,
 Meus desejos, meus votos atrahia.
 Da Lua a bella imagem reflectida
 Sobre a agua em torno, a branqueava toda,
 Tal era o resplendor, que o mesmo dia
 Reproduziudo, as sombras desterrava.
 Sem ouvir mais rumor, que o brando ruido,
 Com que as ondas fendião os meus braços,
 Em via o mar em huma paz profunda,
 E o vento respeitando o seu repouso
 De algum sopro importuno o não turbava,
 So da triste Alcione a voz saudosa
 O seu caro Ceix chamar se ouvia.

Quando ja fatigado do trabalho
 Senti faltar-me a força, suspendido
 Sobre as ondas, busquei algum repouso.
 Foi então que de longe apercebendo
 O farol, que o caminho me traçava,
 E que de meus trabalhos era a méta,
 He la, disse eu, he n'essa chara Torre
 Que me espera a Belleza; qu' idolatro!
 De tão grata lembrança afervorado
 Em meos braços sentia hum vigor novo,
 E as ondas, que vencer ja mal podia,
 A atravessar me parecião doces.
 Sua extrema frieza bem podera
 Outrem gellar; mas eu levava hum fogo,
 Que a podia aquecer, nem era crível
 Que penetrar pudesse o ardor vehemente

De hum coração, que Amor por gloria habita.
 Mais eu me aproximava á feliz margem
 Onde do meu amor hia offercer-te
 O primeiro penhor, mais impaciente
 Minha ardente paixão me dava esforço
 Para avançar. Oh! quanto a minha audacia
 Se augmentou, quando tendo-te observado
 Eu pensei que podias tambem ver-me!
 Se de meus braços desconfiar pudesse,
 Tua presença forças lhes daria.
 Foi então que dobrando os meos disvellos
 Procuo agradar á minha amada,
 E buscando-a com ar victorioso
 Parecia ostentar-lhe o meu triumpho.

Ah! que doçura experimentou minh' alma
 Quando te vi solícita, extremosa,
 Vir ao mar receber tua conquista,
 E á meus braços correndo á grandes passos,
 Eu conheci, meu bem, que não fingias!
 Trabalha então Deamíra por deter-te;
 Tu vens satisfazer os teus transportes,
 E, vencendo este obstaculo vão e fraco,
 Para estender-me a mão n'agoa te metes.
 De teus braços então toda a doçura
 Me faz ver quanto em minha feliz sorte
 Teu coração amante se interessa.
 Por gozar tanto bem, Deoses Supremos,
 Que ondas atrevesar eu recusara?..
 O teu véo desatando cuidadosa,
 Com elle contra o frio me soccorres;
 E tuas bellas mãos, que transportado
 Eu pude então tocar, de meus cabellos
 Extrahem o falso humor, eu callo o resto:
 Os extases suaves, os transportes,
 Que empreza os nossos corações amantes
 Por mil ternos cuidados Amor liga....
 O' noite! O' Torre! Vós, que testemunhas

Fostes desta reciproca ventura,
Attestai vós, que o Ceo, e a Natureza,
Por nossos firmes votos respondia.
Tu me juraste fé: eu igualmente
Minha fé te jurei; fôra mais facil
As arêas contar do vasto Oceano,
Que todas as doçuras, que gozámos.
Menos tempo nós tínhamos de ver-nos,
De explicar nosso amor, nossa ternura;
Antes, meu Bem, quizeramos que todo
Se empregasse no gozo dos prazeres.
Eis raia emfim nos longos horizontes
D'Alva o clarão, e nossos doces risos,
Nossas ternuras dão lugar ás maguas.
Então ternos abraços repetindo,
Ceos! exclamámos nós, quanto são breves
Dos amantes as noites e os prazeres!
Eu me detinha sempre, e sempre, oh Deoses!
Minha alma infeitiçada em teus agrados
Procurava alongar estes momentos,
Quando Deamira em fim vem advertir-nos,
E de teus ternos braços arrancar-me.
Tristes suspiros tendo demonstrado
A nossa mutua dor, eu deixo a Torre,
E engolfado nas ondas busco ao menos
Ver-te, em quanto o permite a visinhança.
Eu deixei lentamente essa ribeira,
E quanto de mim mesmo então mudado!
Eu nadei para ti cheio de gosto,
E agora mil temores me aterravão
Temendo naufragar; quando contente
Intentei abordar á margem tua,
Parecia que o mar livre passagem
Por si mesmo me abria; mas no instante
De deixar-te, meu Bem, só vi de entorno
Huma montanha prompta á submergir-me
Por mais poder que sobre nós conserve

A lembrança da Patria, amortecido
 Vi no meu coração o amor da Patria.
 Eu a busquei com pena: ah! prasa aos Deoses
 Que os ventos irritados não tornassem
 Inuteis meus desejos anciosos!
 Ceos! e como he forçoso que ligados
 Por Amor, inda essa agua nos aparte?
 E que animados de huma só vontade
 Tão diversos lugares dêem motivo
 A' ternas ancias, á suspiros tristes?
 Ah! deixa que em seus muros para sempre
 Sésto me encerre, ou faze, doce amada,
 Que co'a minha se troque a Patria tua:
 Abído, que por mim tanto interessa
 Em tua estima, menos agradavel
 Não te hade ser, que Sésto ao teu amante.

Quanto eu sou desgraçado! Justos Deoses!
 A menor tempestade me horrorisa.
 Se se agitação as ondas, agitado
 Sinto o meu coração! Não sópra o vento
 Que minh' alma assustada não suspire!
 Não he nada esse sopro, e elle me perde!

Os Delfins, que vaguêão sobre as ondas
 Meus desejos conhecem, tantas vezes
 Já me virão sulcar essa passagem,
 Que seguem junto á mim no mesmo giro;
 Jamais algum dos mares transitado
 Tantas vezes tem sido: já traçada
 He a rota, que sigo, sobre as aguas,
 Como se vêem impressas sobre a terra
 Esses sulcos, que as rodas tem formado.
 Ah! quanto eu tenho-me doído sempre
 De não ter outros meios de buscar-te!
 E he para meu amor duro tormento
 Que inda esse mesmo á meus desejos falte.
 Todo o Helesponto branquejando freme
 Secos silvos bravamente retinindo

Abrir fazem voragens tragadoras
 Que até no porto os nautas ameação.
 Quando sobre este mar, *Hele* perdida
 Lhe deo por seu desastre o nome infausto,
 Taes, sem duvida, os ventos furibundos
 Revolvião o mar encapellado.

Ah! que ja este sitio memoravel
 Assaz he por seu fado lastimoso,
 Sem que o meu inda o faça mais funesto.
 Mas inda que por ti meus dias poupe,
 He sempre infausto o nome, que conserva.

Quanto a sorte de *Phrixo* invejar devo?
 Huma injusta *Madrasta* deshumana
 Sua innocente vida perseguia;
 Elle foge, e sobr' estas mesmas ondas
 Hum carneiro em seus hombros o sustenta.
 Mas ah! por ver o Bem, que terno aspiro,
 Eu não quero hum carneiro, ou hum navio,
 Nem me verãõ jamais para reger-me
 Fitar meus olhos n'huma, ou n'outra *Ursa*.
 Astros communs, que á todos tem servido
 Serião para mim fraco soccorro.

Que outro qualquer, se a precisão o ordena,
 Ancioso busque a *C'roa de Ariadne*:
 Que *Andromeda* procure cuidadoso,
 E o Pólo gelado de *Calisto*;
Calisto, o Pólo, *Areadne*, *Andromeda*
 Cedem á tua luz: e seu brilhante,
 A' tantos *Passageiros* necessario,
 De guia não me serve sobre as aguas.
 Ha huma luz mais viva, mais segura,
 Que não me deixa errar: nas mesmas trevas
 Meu amor esclarece, nem precisa
 Para mim he a luz d' hum fulgor vago.
 Com tanto que eu a veja, hirei seguro
 E cheio de valor, té onde estende
 Esse *Scitico* mar as margens frias,

E passarei sem susto, onde o famoso
 Herce de *Colchos*, d'outros escoltado
 Do aureo vélllo a conquista perpetrára.
 Em vão *Pulemon* sobre o mar se adextra;
 Desta estrella guiado hei de excedel-o,
 E farei que me ceda aquelle mesmo
 Que hum suco misterioso em Deos tornara.
 Se acaso ja da lida e do canção
 Meus braços desfallecem, e recusão
 A' meu ardor o esforço, que precisa,
 Eu para os animar n'esta fadiga
 Tão rude, tão penosa, lhes presento
 Qual he de seu trabalho o doce premio,
 E que hum feliz destino os recompensa,
 Dando-lhes á apertar teu niveo seio.
 Logo desta esperança reanimados
 Renovão seu vigor, recobráo forças,
 E essas margens demandão mais ligeiros
 Que o vencedor no jogo da careira.
 Tu hes a minha luz, meu Norte, e guia,
 O' Belleza incantavel, que te aprazes
 Para mim so luzir: inda na terra
 Digna de incensos, e de altares digna,
 E de sentar-te á par das Divindades.
 O Ceo, donde derivão tantos dotes,
 He só o digno assento, que te cumpre;
 Mas não te apresses, não, á bandonar-me,
 Ou com tigo, meu Bem, sofre que eu suba.
 Ah! que os Deoses na terra te conservão;
 E olhos, sem ser os meus, te vêem, te gozão!
 Tal he dos males meus o duro extremo,
 Que apenas me concede Amor tyranno,
 Hum momento de ver-te entre mil riscos!
 Ah! que vale ser pouca essa distancia,
 Que oppõe ao nosso amor fatal barreira,
 Se mostra á meus desejos anciosos
 Igual obstaculo á mais longinqua plaga?

Quantas vezes as ondas empoladas
Frustrando os gostos meus, cheio de furia,
Me fazem desejar que os dous extremos
Do Universo, ou dos mares nos apartem!
Este obstaculo invencivel, moderando
O ardor de te ver, não agitara
De huma esperança inutil a minha alma.
Mas visinho de ti, sempre inflammado
Sinto crescer o ardor de meus desejos,
A esperança me mata, e não se extingue:
Tão visinhos, meu Bem, tão perto estamos,
Que da minha ribeira a tua avisto,
A pequena distancia lisongea
Meus ávidos desejos, e isto mesmo
Redobra a minha dor e o meu tormento.
Que tem de mais cruel a pena infanda
De *Tantalo* infeliz? Aguas, que fogem
Dos labios á avidez, não representam
De meu prazer a privação severa.
Que? Não poderei ver-te, ó minha amada,
Senão quando tranquillo o mar consinta
Que possão os meus braços transitá-lo?
E em quanto irado os votos meus assusta,
He forçoso que eu viva desgraçado?
Nada sendo mais vario que a ventura,
Que se funda nos ventos, e nas ondas,
Sou condemnado á ver frequentemente
Pender meu bem das ondas e dos ventos?
Tremendo escuto o seu murmurio horrendo,
E se hoje seus debates me desólão,
Como não tremerei nos crueis tempos,
Em que o mar he sugeito á astros chuvosos?
Ah! que o meu coração não soube nunca,
Antes de amar, quanto hum amor sincero
Faz emprehender pelo querido objecto!
Abrazado em desejos, e ancioso
Por gozar teus encantos, não ha risco

Que eu não queira afrontar por conseguil-o
 Não julgues, não, amada, que fingido
 Seja o valor, que ostento, ou que illudindo
 Deixe para mais longe o seu effeito.
 Eu saberei mostrar-te promptamente
 Que faltar nunca soube ao que prometto.
 Poucas noites que dure a tempestade,
 A' afrontar o perigo ja se apresta
 Minha ardente paixão, e o vento em furia
 O mar bramindo, e as nuvens inflammadas,
 Não poderão sustar os meus esforços.
 Ou c'rôe hum fim ditoso a minha audacia,
 Unico bem por que minli'alma anhela,
 Ou a Parca inflexivel corte o fio
 Desta vida, e termine os meus martirios.
 Tudo o que ousou pedir neste naufragio,
 He, que as ondas piedosas me conduzão
 A' essa praia feliz, onde abraçado
 Seja meu corpo frio por aquella,
 Que faz doces os dias, que respiro;
 Pois tu, meu Bem, nesse momento extremo.
 Não poderás calar a magua tua.
 Tu patente farás o misterioso
 Segredo de hum amor tão desgraçado.
 Mas á este passo estremecer te vejo:
 Tu não podes sofrer que hum vão pressagio
 Do caro amante a perda te apresente;
 Esperemos melhor do Ceo piedoso:
 Eu o approvo, meu Bem, por teu respeito;
 Mas ah! que aplaque o mar os seus furores,
 Procura por teus votos, doce amada,
 O que em vão lhe supplico: eu não pretendo
 Que de todo serene a tempestade;
 Basta só que huma calma me permitta
 Ganhar nadando essa feliz ribeira.
 Quando a tiver tocado, aos bravos ventos
 Sejam em preza ás ondas agitadas:

Para o mar revolver, toda a violencia
Empreguem de seus sopros bramidores:
Esse feliz lugar aos meus desejos
Fôra o mais bello, o mais seguro porto
Que para demorar-me o infesto Boreas
Faça ao mar huma guerra duradora.
Então tímido, e froxo, em face ao risco,
Eu mesmo farei gloria de assustar-me.
Não me hão de ver jamais triste, e ancioso,
As ondas accusar de inexoraveis;
E verei succeder a noite ao dia.
Sem temor que a tormenta me detenha....
Mas he pouco que o vento embravecido
Me suspenda: procura tu deter-me
Por mais doces prisões: sejam teus braços,
Teus agrados, meu Bem, rémoras sejam,
Que o meu regresso privem para sempre.
Tão depressa suspenda o vento irado
Os furores do mar, me verás prompto
Tudo arriscar por ti, por teus encantos.
Toma tu só cuidado, ó minha amada,
De acender esse lume bem fazejo,
Que á teus braços fieis deve guiar-me.
Por acalmar com tudo os teus cuidados,
Minha Carta por mim vai explicar-te
O meu ardente amor; e praza aos Deoses
Conceder-me, apezar do cruel fado,
Que perturba, e combate os meus dezejos,
Que eu a siga, e te veja brevemente.

CARTA

DE

*Héro a Leandro, pela mesma Senhora
D. B. F. de A. Brandão.*

Tantas noites sem ver-te tem corrido!
 Ah! querido Leandro! torna, torna
 A calma á meus sentidos desolados!
 Que novo obstac'lo te suspende agora?
 Tudo me assusta... eu tremo! ah! quanto he fraca,
 Quanto digna de lastima huma Amante!
 Tu podes por mil jógos diferentes
 Variar teu prazer; e desterrando
 A tristeza, enganar o longo tempo.
 Tu podes sem ouvir os meus suspiros,
 No ardor que te arrebatá, sobre a arena
 Conduzir, e fazer vôar hum carro;
 Ou armado de dardos passadores,
 Qual Endemion errar pelas florestas.
 Mas eu de longo tempo á amor sugeito,
 A' esse Deos consagrei a minha vida;
 Suas chammas crepitão em meu peito:
 Eu não sei, eu não quero, eu não desejo,
 Eu não posso, meu bem, senão amar-te.
 Apenas luz o dia, est'alma cheia
 Da tua bella imagem, fujo ao sono,
 E voando á ribeira, com transporte
 Vistas feroces sobre os mares lanço
 E os ventos accusando, e os mesmos Deoses,
 Eu tremo, e julgo ver em meu dilirio
 Cada onda, que se eleva submirgir-te
 Mas logo que huma calma sobre as agoas
 Eu vejo renascer, grito gemendo,
 A travez de suspiros, e soluços
 Porque não vem? que faz? quem o suspende?

Talvez espera que a ferós borrasca
 De novo agite o mar? Ceos! que tormento!
 Onde existe, cruel, aquelle tempo
 Em que o teu coração terno, amoroso,
 Parecia nos riscos acender-se
 De novo ardor? ah! quantas vezes, quantas
 Mesmo á pesar das ondas irritadas,
 A' despeito dos sustos de huma Amante,
 Sob hum Ceo corruscante, e irados ventos,
 Eu te vi temerario, audacioso
 Desafiar as horridas tormentas,
 E correr á meus braços triunfantes?
 A' caso teme amor algum perigo?
 Não tem os seus Heróes como Mavorte?
 Ah! que amor te guiava nesse tempo!
 Que funesta mudança? tu receas
 Té no seio da calma vãos perigos,
 E ás queixas de hum' Amante hes duro, hes surdo.
 Nesta praia onde sei que não existes,
 Eu procuro os vestigios dos teus passos;
 Se acaso chega alguém dessa ribeira
 Em vão busca fugir á minha instancia,
 Já não vê, não encontra, não escuta,
 Senão á mim: desse universo inteiro
 Eu quizera inquirir noticias tuas.
 Inda he pouco: os teus habitos que guardo,
 Quando o dia te chama á opposta margem,
 De hum caro Amante véos encantadores,
 Cingindo-os á meu seio, transportada,
 Eu os cubro de lagrimas, e beijos....
 Desculpa o meu transporte, elle te pinta
 Minha viva ternura, e amor não sabe
 Nunca desta fraqueza envergonhar-se.
 Mas se a noite á meus fôgos favoravel
 Extende o manto seu sobre o Orizonte,
 Minha fiel Deamira a mim chamando,
 Com ella subo a Torre: tremebunda.

Acendendo o farol, ao Deos das Ondas
 Te imploro lacrimosa; e contemplando
 A medonha profunda escuridade
 Que tolda o vasto mar, eu quereria
 Qu'esse Deos cujos ferros arrastamos
 Hum astro novo para ti criasse.
 O' tu, de meus pesares confidente,
 Companheira querida, falla, torna
 A esperança á miuh'alma esmorecida.
 Virá elle? tu pensas que partido
 Elle terá talvez? Ceos! enganado
 Ter-se-ha meu coração? não, não me engano;
 Eu o ouço, eu o vejo, elle ja chega:
 Eu vou ver, e abraçar o bem que adoro.
 Entrai em vossos carcereos sombrios,
 O' negros Aquillões, he Amor, he hum Nume
 Que vedes transitar o Pego undoso.
 Neste momento applico attento o ouvido,
 E sempre minhas vistas estão firmes
 Sobre as praias: o ruído mais distante,
 O mais leve rumor me sobresalta,
 Me agita, me annuncia o Amante charo.
 Se em fim succumbo ao sono, que me abate,
 Hum sonho á meus desejos te figura;
 Creio abraçar-te, e não hes ja culpado.
 Ornada a frente de viçosas canas,
 Ver-te sahir das Ondas me parece
 E á meus braços voar em hum momento.
 Fugi prestigios vãos que o susto, seguem;
 As illusões de amor não tem encantos
 Sobre os sentidos meus: gostos, prazeres,
 Que tu não gozas, eu gozar não quero;
 Eu só creio a ventura quando unidos,
 Sobre meu coração, palpitar sinto
 Teo terno coração.... Que então os ventos
 Com horrido estampido as ondas volvão:
 Que e raio crepitante a terra abále:

Que o universo inteiro se confunda,
 E o mar lançando-se á Celleste esfera,
 Por eternas barreiras impossivel
 Torne tua partida: os seus furores
 Eu despresára placida, e tranquilla:
 Fôra teu seio meu seguro asilo.
 Que digo? separada do Universo,
 Pensando em ti sómente, poderia
 Essa horrivel desordem enquietar-me?
 Porque me deixas pois triste, anciosa
 Desfallecer distante de teus olhos?
 Vem acalmar desejos de hum' Amante,
 De hum coração por ti sempre agitado.
 Tantas noites, meu bem correr devião
 Em lagrimas, e dor? falla, responde,
 Quem te detém? que queres que eu presuma?
 Temes por teu regresso? eis-me aqui prompta:
 Eu hirei, charo bem, lançar-me ás ondas;
 Não duvides, Amor ha de ensinar-me
 A atravessar os mares, despresando
 Perigos que o meu sexo tanto teme.
 Para voar á ti, meus debeis braços
 Hum caminho hão de abrir: e á meu encontro
 Temerás tu voar? os bravos mares,
 Os ventos poderãõ inda turbar-te?
 Eu me unirei a ti no centro frio
 Do liquido elemento, e Amor piedoso
 As ondas inflammando a nós d'entorno
 Com seu brilhante véo, aos invejosos
 Occultos tornará nossos prazeres.
 Desgraçada! que digo? o amor infausto
 Deve de gosto embriagar-se tanto?
 Hum coração em presa ao sentimento
 De Imagens de prazer deve occupar-se?
 Ah! que da tua ausencia eu vejo a causa.
 Huma rival se opõe á minha dita,
 E teos culpaveis votos inconstantes
 Te aterião mais que as ondas, e que os ventos.

Tu trahido me tens Ceos! eu deliro!
 Eu não o posso crer: á tua gloria
 Esta afronta não faz minha ternura...
 Por premio de hum amor tão excessivo
 Quererias traçar a minha morte?
 Victima desgraçada Héro seria
 Da tua ingratição? tu me tens dito
 Que he hum crime a inconstancia: os teus discursos
 Recorda, e esses momentos preciosos,
 Em que o mesmo prazer, teus juramentos
 Tem dictado: são esses, que tremendo
 Hoje reclamo, sim, sobre tu'alma
 Meus atractivos tem justos direitos.
 Se ostental-os eu ousou, permittido
 Me he este orgulho, eu só de ti os tenho
 Tu hes quem me embellésa; semelhante
 A essa flor, que parece inda sensível
 Ao astro que a cólera; assim meus olhos
 Sobre ti fitos, d'esses teus recebem
 O esplendor, e as graças: tu penetras
 A minh'alma, e qual astro me alumias;
 Hes o Nume que adoro, a luz que sigo.
 Que agradavel desordem! que harmonia
 Encantadora! huma secreta calma
 Torna ao meu coração! Já despojada
 A feia noite de seus véos sombrios,
 Estende o manto azul, e o oiro brilha
 Das estrelas: Morfeo tem suspendido
 Os malles do Universo: Como, oh Deoses!
 Huma calma, hum prazer voluptuoso
 Sobre os ares se espalha! estes carvalhos,
 Que tão frequentemente se agitavão,
 Aos Céos elevão sua sombra immovel!
 A terra exala ao longe hum doce aroma:
 O álito do zefiro, os perfumes
 Das flores, este mar tão socegado,
 Esta calma profunda, este silencio,

Esta noite mais bella, mais brilhante
 Que hum bello dia, tudo aos meus amores
 Annuncia o praser; caro Leandro!
 Eu aceito por ti tão grato agouro:
 He tua visinhança que embelêce
 A Natureza: vem, vóa á meus braços,
 Meu doce bem.... mas que funesto ruido
 Tem o silencio, e a noite perturbado!
 Armado o Ceo de funebres fulgores
 Hum dia ameaçador rasga nas trevas.
 Esta nuvem opáca, que impelida
 Do Tyranno do Norte, furibunda
 Dos inflammados flancos raios vibra
 Me traz talvez a morte! Os elementos
 Se tem reunido para confundir-me!
 O' tu, que o Scetro impunhas do Oceano,
 Que odio funesto contra nós te anima?
 A Laumedonte foi Leandro conjuncto,
 Ou nas fraudes de Ullisses teve parte?
 D'onde vêm teu rancor? Tu, que amor punes
 Acaso nunca amaste? Ou porque causa
 O crime poupas? A ambição altiva,
 O interesse; os projectos dos Tyrannos,
 Cujas leis tuas ondas tem calcado,
 Contr'estes arma o mar, o vento, o raio;
 Mas ah! salva hum mortal cheio de encantos,
 Salva o meu bem, e a minha dor respeita.
 Teme ultrajar Amor, e sobre tudo
 Pensa que o mesmo Amor póde vingar-se:
 Ah! guarda-te, Leandro, Héro te roga:
 Minha esperança ás endas não confies:
 Fica, eu to ordeno; e tu, Filha das aguas,
 Do prazer produzida, para encanto
 Do Universo, tu qu'entre o horror da guerra
 Do Tyranno de Tracia o furor domas:
 Tu, que em teu coração o ardor sentiste
 Das chammas de teu filho, e ao bello Adonis:

Cedeste de tu'alma o livre imperio,
 Condôe-te de meu barbaro tormento.
 He commum nossa causa: ambos ardemos
 No mesmo fogo: o meu amor protege
 Contra Eólo, e Neptuno: destes Numes
 Tão altivos, as furias ja domaste;
 Manda, O' Deosa, e serás obedecida.
 Mas se Leandro... O' Deoses! illudido
 De huma perfida calma...se animoso
 As ondas se arrojou.... que dia horrivel!
 Se o raio.... O' Ceos! que luz sanguinea, obscura
 Rasga a nuvem espessa, que me cerca!
 Eu ouço, ou penso ouvir, sobre a ribeira
 Os tristes écos de huma vós em pranto....
 De que horror meus sentidos estão cheios!
 Quem me chama? He Leandro? eu ja te sigo
 Ah! neste mesmo instante submergido
 Elle expira, e he meu crime a morte sua!
 Tumulo do meu bem, jazigo horrendo!
 Restitue-me o meu bem qual o roubaste:
 Os meus beijos ardentes, meus afagos
 Lhe hão de restituir da vida os germes,
 Ou ligados n'um doce, e eterno abraço
 Expirar, e seguil-o ao fundo abismo.
 Onde estou? eu sucumbo á imagem triste...
 Foge o Ceo...a ribeira...o mar não vejo...
 Leandro, eu morro...as forças me abandonão,
 E da tremula mão...me foge a penna.

*Breve noticia sobre a vida de Claudio
Manoel da Costa.*

NASCEO este nosso Poeta na Cidade de Marianna, de huma illustre Familia Paulista, das que descobrirão e povoarão em principio a Provincia de Minas Geraes. Feitos os seus estudos preliminares com Mestres Jesuitas, como era então costume, e distinguindo-se por seus raros talentos entre os seus condiscipulos, passou á Portugal, e na Universidade de Coimbra formou-se na Faculdade de Leis, em que se matriculára, fazendo rapidos progressos, tanto nas sciencias positivas, como em Litteratura, á que era arrastrado por hum genio favorecido das Musas. Voltando ao Brasil com bem fundados creditos de Litterato, de que dera na Europa provas sufficientes em muitas composições, que ainda correm impressas, e de que faz honrosa menção o *Abbate Barboza*, em sua *Bibliotheca Lusitana*, *Claudio Manoel da Costa*, foi empregado no exercicio de Secretario do Governo de Minas Geraes, e advogou com grande reputação na Villa do Ouro Preto, ou Villa Rica, assento do Governo. O seu estro poetico sem nunca esfriar em meio dos fastidiosos trabalhos da sua occupação principal, deixou-se ver sempre sublime em muitas composições Portuguezas, Italianas, e Latinas, que ainda nos restão impressas, ou manuscritas, para eternos monumentos da sua gloria Litteraria. *Claudio Manoel* foi hum Philologo de vastissima erudição, tanto na Litteratura antiga, como na moderna. Encontrão-se em seus Manuscritos citações de *Voltaire*, *Rousseau*, e outros Autores, a penas no Brasil conhecidos naquelle tempo pelos seus nomes, e sempre perseguidos pelos que nem ao menos delles havião lido huma só linha; tal era o prejuizo que então reinava! mas as suas sombras servem de realçar a gloria dos nossos Litteratos, que ainda hum injusto indiferentismo deixa sepultados em vergonhoso esquecimento. *Claudio Manoel* foi talvez o primeiro

Brasileiro, que em Minas leu, e citou doutrinas de A. Smith bebidas na sua obra *sobre a Riqueza das Nações*; e esta circumstancia não he de pequena monta em época de tanta obscuridade, e perigosa, pela novidade dos conhecimentos, que não se querião propagados no Brasil.

O resentimento de algumas pessoas, á quem ou ferira com as suas satiras, ou assombrára com o merito das suas luzes, não se esqueceo de o involver na mesma horrorosa intriga, de que foi victima *Alvarenga Peixoto*, como em seo lugar explicámos. Preso por isso no anno de 1789, contando ja mais de 60 annos de sua idade, se não passou pelo desgosto de ouvir huma sentença de morte, expirou em seos ferros na prisão da mesma Capital, em que fôra Secretario do Governo, e Advogado de muito conceito. Ha quem diga que os seos dias forão abreviados com violencia, por que *Claudio Manoel* em sua oppressão clamava contra a injustiça, e ameaçava os seus calumniadores; mas quem póde penetrar os arcanos dos seus rancorosos perseguidores, e em tempo de tanto terror!

Claudio Manoel foi Arcade mui distinto com o nome de *Glauceste Saturnio*, que se acha em muitas das suas Poesias; dellas existe hum tomo impresso em Coimbra no anno de 1751, donde extrahimos algumas das que forão ja publicadas no 1.º Tomo deste Parnaso. Tambem corre em seu nome hum Poema intitulado *Villa Rica*, que merece a estima dos Litteratos, não só pelos excellentes episodios, que nelles se encontrão, como tambem pelas requissimas Notas historicas, que lhe fizera, e nas quaes prova o nosso Poeta quanto estava senhor da historia do descobrimento, e progressos da civilisação da sua Provincia; e isto nos merece grande credito, porque á auctoridade de hum Litterato como *Claudio Manoel da Costa*, acrescenta-se a certeza de que escreve em razão dos documentos, que examinára como Secretario do Governo.

VIDA DO CAMPO.

EGLOGA XIX.

Por Claudio Manoel da Costa.

OH doce soledade!
 Oh patria do descanso!
 Da paz, e da concordia
 Grosseira habitação, tosco palacio!
 Quantos a meus dilirios
 Tu dictas desenganos,
 Oraculos fazendo
 Das arvores, dos troncos dos penhascos!
 Não fere os meus ouvidos
 O estrondo cançado,
 Que levanta a lisonja!
 Junto aos porticos d'ouro em regio Paço:
 A macilenta inveja
 Não derrama o contagio
 Nas innocentes almas,
 Que são de seu furor misero estrago
 Dos olhos se retira
 O objecto sempre ingrato
 Dos que suspirão mudos,
 Em vez do premio, as sem razões do damno.
 Aqui tem a virtude
 Erguido o seu theatro;
 E nas rusticas scenas
 Aqui mostra a pobreza os aparatos.
 As mal seguras canas,
 Que move o vento brando,
 Da pobre rede tecem
 Ao misero Pastor o abrigo caro.

Colhida a tenra fruta
 Vem de seu proprio ramo,
 A adornar a choupana,
 Em vez dos altos capiteis dourados.

Oh sitio venturoso!

Quanto te invejo, quanto!

Ditoso quem possue

O suave prazer de teu descanso!

Se tu bem alcançaras,

Pastor, hum bem tão raro,

Não cessára o teu culto

De consagrar obsequios á teu fado.

Infeliz, o que envolto

No trafego humano

Da aborrecida côrte,

Só vê da confusão o rosto infausto!

Imagina do amigo

Seguir os doces laços;

E a torpe aleivosia

Lhe abre o sepulchro, onde buscou o amparo.

Se o valimento encontra,

Teme com justo espanto,

Quanto he grande a subida,

Que o despenho tambem seja mais alto.

Não ha frente segura,

Que em fim dissimulando

Não veja os seus affectos;

Como a flor entre os aspides ingratos.

Ah! mede, Pastor bello,

O bem, que alcanças: tanto

Dar-te não pôde a côrte;

Só pôde a soledade deste campo.

A LIRA.

ECLOGA XX.

A Qui deste salgueiro
 Pendente ficarás, ó lira minha!
 Tu que foste primeiro,
 Em quanto á Amor convinha,
 Allivio de meus males,
 Ferindo os montes, abalando os valles,

De todo ja deixada,
 Nem se quer nas imagens da memoria
 Vivirás retratada;
 De tanta antiga gloria
 Se consultada fores,
 As dilicias aponta nos horrores.

Será lingua eloquente
 A mesma face macilenta : o rosto
 De meu mal inclemente,
 Pela voz do disgosto,
 Com a muda harmonia
 Poderá declarar minha agonia.

De Arachne o enredo escuro,
 Em ti as debeis linhas estendendo,
 Cubra teu centro impuro,
 Que acorde respondendo
 Do verso ás consonancias,
 Tantas vezes ouvio as minhas uncias.

Genio funesto inspire
Sempre em teu damno, por maior tristeza
De ti não se retire
A funebre aspereza,
Daquelle horror malino,
Que os passos acompanha a meu destino.

Ludibrio sejas feio
De todos os Pastores deste monte:
O meu infausto enleio
Teu mudo gesto conte,
De hum triste, e desgraçado
Tosco instrumento, inutil, desprezado.

E se lá quando o dia
Desmaiando-se o Sol ao mar se ausenta,
Lá na tarde sombria,
Lizarda, que se ostenta
Destes campos senhora,
Baixar acaso, dando inveja á Flóra;

Seu vestigio dourado,
Mais bello do que os goivos, e açucenas,
Se inclinar seu cuidado
A' este centro de penas;
E aqui te achar pendente,
Triste lira, deixada e descontente;

Quando chegue curiosa,
Sem horror de te ver, ao tronco duro
A Ninfa mais formosa,
Lêa o epitafio escuro
Que em funebre letreiro
Guardará para sempre este salgueiro,

Breves vozes a historia
 Explicarãõ da minha desventura,
 Quanto empenhe a memoria
 Dessa tão impia, e dura
 Belleza em vão amada,
 Em vão de meus extremos contrastada.

Aqui vivo (este o lema,
 Que no funebre tronco fique escrito)
 Para que sempre gema
 O tormento infinito
 De perder huma ingrata,
 Que perjura, e cruel me offende, e mata.

A' LIRA

DESPREZO.

I.

QUE busco infausta Lira,
Que busco no teu canto,
Se ao mal, que cresce tanto
Allivio me não dás?
A alma, que suspira,
Já foge de escutar-te:
Que tu também hês parte
De meu saudoso mal

II.

Tu foste (eu não o nego)
Tu foste em outra idade
Aquella suavidade,
Que amor soube adorar ;
De meu perdido emprego
Tu foste o engano amado :
Deixou-me o meu cuidado ;
Tambem te hei de deixar.

III.

Ah ! De minha ancia ardente
Perdeste o caro imperio ;
Que já n'outro emisferio
Me vejo respirar.
O peito já não sente
Aquelle ardor antigo :
Porque outro norte sigo,
Que fino Amor me dá.

A' LIRA

PALINODIA.

I.

VEM, adorada Lira,
 Inspira-me o teu canto:
 Só tu á impulso tanto
 Todo o prazer me dás.

Já a alma não suspira
 Pois chega a escutar-te:
 De todo, ou já em parte
 Vai-se ausentando o mal.

II.

Não cuides, que te nego
 Tributos de outra idade:
 A tua suavidade
 Eu sei inda adorar;
 Desse perdido emprego
 Eu busco o encanto amado:
 Amando o meu cuidado,
 Já mais te hei de deixar,

III.

Vê, de meu fogo ardente,
 Qual he o activo imperio:
 Que em todo este emisferio
 Se attende respirar.
 O coração, que sente
 Aquelle incendio antigo,
 No mesmo mal, que sigo
Todo o favor me dá.

IV.

Amei-te (eu o confesso)
 E fosse noite, ou dia,
 Jámais tua harmonia
 Me viste abandonar.

Qualquer penoso excesso,
 Que atormentasse esta alma,
 A' teu obsequio em calma
 Eu pude serenar.

V.

Ah! Quantas vezes, quantas
 Do somno despertando,
 Doce instrumento brando,
 Te pude temperar!

Só tu (disse) me encantas;
 Tu só, bello instrumento,
 Tu és o meu alento,
 Tu o meu bem serás.

VI.

Vai-te; que ja não quero;
 Que devas á meu peito
 Aquelle doce effeito,
 Que me deveste já.

Comtigo já mais féro
 Só trato de quebrar-te:
 Tambem has de ter parte
 No estrago do meu mal.

VII.

Não saberás desta alma
 Segredos, que sabias,
 Naquelles doces dias,
 Que Amor soube alentar.

Se aquella ingrata calma
 Foi só tormenta escura,
 Na minha desventura
 Tambem naufragarás.

IV.

Se tanto bem confesso,
Ou seja noite, ou dia,
Já mais essa harmonia
Espero abandonar.

Não hade, a tanto excesso,
Não hade, não, minha alma
Desta amorosa calma
Meus olhos serenar.

V.

Ah! Quantas ancias, quantas
Agora despertando,
A teu impulso brando
Eu venho atemperar!

No gosto, em que me encantas
Suavissimo instrumento,
Em ti só busco o alento;
Que eterno me serás.

VI:

Comtigo partir quero
As magoas de meu peito;
Quanto diverso effeito,
Do que provaste já!

Não cuides, que sou féro;
Porque já quiz quebrar-te:
No meu delirio em parte
Desculpa tem meu mal.

VII.

Se tu só de minha alma
O caro amor sabias,
Comigo só meus dias
Eterno hei de alentar.

Bem que ameaça a calma
Fatal tormenta escura,
Na minha desventura
Já mais naufragarás.

VIII.

Nize, que á cada instante
 Teus numeros ouvia,
 Ou fosse noite; ou dia,
 Já mais não te ouvirá.

Cançado o peito amante
 Sómente ao desengano
 O culto soberano
 Pretende tributar.

IX.

De todo em fim deixada
 No horror deste arvoredado,
 Em ti seu toco enredo
 Arachne tecerá.

Em paz se fique a amada
 Por quem teu canto inspiras;
 E tu, que a paz me tiras,
 Também te fica em paz.

Clamar a cada instante

O nome, que me ouvia,
Ou seja noite, ou dia,
O bosque me ouvirá.

Bem, que a meu culto amante
Resista o desengano,
O voto soberano
Te espero tributar.

IX.

Não temas, que deixada
Te ocupe este arvoredor,
Onde meu triste enredo
O fado tecerá;

Conhece, ó Lira amada
O affecto, que me inspiras;
Na mesma paz, que tiras,
Me dás a melhor paz.

FILENO A' NIZE.

Despedida de Glauceste Saturnio, Pastor Arcade, Romano, Ultramarino.

I.

A DEOS, Idolo amado,
 Adeos; que o meu destino
 Me leva peregrino
 A não te ver já mais.
 Sei, que he tormento ingrato
 Deixar teu fino trato :
 Mas quando he, que tu vistes
 Hum triste
 Respirar !

II.

Tu ficas; eu me ausento ;
 E nesta despedida
 Se não se acaba a vida,
 He só por mais penar.
 De tanto mal, e tanto
 Alivio he só o pranto :
 Mas quando he, que tu viste
 Hum triste
 Respirar !

III.

Quantas memorias, quantas
 Agora despertando,
 Me vem acompanhando
 Por mais me atormentar !
 Faria o esquecimento
 Menor o meu tormento :
 Mas quando, he que tu viste
 Hum triste,
 Respirar !

NIZE A' FILENO.

*Reposta de Eureste Fenicio, Pastor
Arcade, Romano, Ultramarino.*

I.

EM vão, Fileno amado,
Accusas teu destino;
Se fojes peregrino
Por me não ver já mais.
Viste-me, falso, ingrato,
Presa á teu doce trato:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

II.

Dizias: eu me ausento.
Foi esta a despedida,
Que toda a minha vida
Me ha de fazer penar.
Entre martyrio tanto
Eu me desfiz em pranto;
E tu, que assim me viste,
Partiste
A Respirar!

III

Oh quantas vezes, quantas
Do somno despertando,
Te vou acompanhando,
Por não me atormentar!
Não ha esquecimento,
Que abrande o meu tormento:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A Respirar!

Girando esta montanha,
Os sitios estou vendo,
Aonde Amor tecendo
Seu doce enredo está.

Aqui me occorre a fonte,
Alli me lembra o monte:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste,
Respirar!

V.

Sentado junto ao rio,
Me lembro, fiel Pastora,
Daquella feliz hora,
Que n'alma impressa está.

Que triste eu tinha estado,
Ao ver teu rosto irado!
Mas quando he, que tu viste,
Hum triste
Respirar!

VI.

De Filis, de Lisarda
Aqui entre disvelos,
Me pede amantes zelos
A causa de meu mal.

Alegre o seu semblante
Se muda á cada instante:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

No prado, e na montanha,
 Saudosa hoje estou vendo
 O engano, que tecendo
 A minha idéa está.

Baixei contigo á fonte;
 Subí contigo ao monte:
 E tu, que assim me viste,

Partiste

A Respirar

V.

Ao som do manso rio,
 Nise, fiel Pastora,
 Chorando á toda a hora
 A tua ausencia está

Afflicta neste estado

Accuso o Ceo irado:

E tu, que assim me viste,

Partiste

A respirar.

VI.

Nem Filis, nem Lisarda,
 Que forão teus disvelos,
 Me pódem já dar zelos,
 Nem já me fazem mal.

Só teu cruel semblante

Me lembra á cada instante:

E tu, que assim me viste,

Partiste

A respirar.

40
VII.

Aqui colhendo flores
Mimosa a Ninfa cara,
Hum ramo me prepara,
Talvez por me agradar:
Anarda alli se agasta;
Dalizo aqui se afasta:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

VIII.

Tudo isto na memoria
(Oh barbara crueldade!)
A' força da saudade
Amor me pinta já.
Rendido desfaleço
De tanta dor no excesso:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

IX.

O mais, que augmenta a magoa,
He ter sempre o receio,
De que outro amado enleio
Teu peito encontrará.
Amante nos teus braços,
Quem sabe, se outros laços...!
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

VII.

Fileno as bellas flores
 A' Nize amada, e chara,
 Já agora não prepara;
 Já não quer agradar,
 Commigo Amor se agasta;
 O meu Pastor se afasta:
 E tu, que assim me viste,
 Partiste
 A respirar!

VIII.

Conservo na memoria
 A tua crueldade;
 Nem sei, como a saudade
 Me não tem morta já.
 Mas ah! que desfaleço,
 Chorando em tal excesso:
 E tu, que assim me viste,
 Partiste
 A respirar!

IX.

Crescendo a minha magoa;
 Se augmenta o meu receio;
 Que entregue á novo enleio
 Talvez te encontrará.
 Que vezes nos meus braços
 Eu te formei os laços!
 E tu, que assim me viste,
 Partiste
 A respirar!

X.

Por onde quer , que gires ,
 Desta alma , que te adora ,
 Ah lembra-te Pastora ,
 Que já te soube amar.

Verás em meu tormento
 Perpetuo o sentimento.
 Mas quando he , que tu viste
 Hum triste
 Respirar !

XI.

Lá desde o meu desterro ,
 Verás , que esta corrente
 Te vem fazer presente
 A ancia de meu mal.

Verás , que em meu retiro
 Só gemo , só suspiro :
 Mas quando he , que tu viste
 Hum triste
 Respirar !

XII.

As Ninfas , que te escondem
 Lá dentro do seu seio ,
 De meu querido enleio
 O nome hão de escutar.

No bem desta lembrança
 Allivio a alma alcança :
 Mas quando he , que tu viste
 Hum triste
 Respirar !

X.

Por mais, que ausente gires
De Nise, que te adora,
Não has de achar Pastora,
Que mais te saiba amar.

Ve bem, á que tormento
Me obriga o sentimento:

E tu, que assim me viste,

Partiste

A respirar!

XI.

Aqui posta em desterro,

Ao som desta corrente,

Sempre terei presente

A causa de meu mal.

E tu nesse retiro

Desprezas meu suspiro:

E tu, que assim me vistes,

Partiste

A respirar!

XII.

Até de mim se escondem

As Ninfas no seu seio;

Fois teu fugido en'eio

Não querem escutar.

E nem esta lembrança

Se quer minha alma alcançar:

E tu, que assim me viste,

Partiste

A respirar!

XIII.

Ah! Deya-te meu pranto
Em tão fatal delirio,
Que pagues meu martyrio
Em premio de amor tal.
Mereça hum mal sem cura
Lograr esta ventura:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

XIV.

E se por fim, Pastora,
Duvidas de minha ancia,
Se em ti não ha constancia,
Minha alma o vingará.
Farei, que o Céu se abrande
Aos ais de huma ancia grande:
Mas quando he, que tu viste,
Hum iriste
Respirar!

XV.

Terás em minha pena,
Com passo vigilante,
A minha sombra errante,
Sem nunca te deixar.
Terás.... ah bello emprego!
Não temas: eu socégo:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

XIII.

Conheço, que o meu pranto
 Passou á ser delirio :
 Pois meu cruel martyrio
 Chega á extremo tal.

Mas como ha de ter cura,
 Quem nasce sem ventura!
 E tu, que assim me viste,
 Partiste
 A respirar!

XIV.

Talvez outra Pastora,
 Zombando da tua ancia,
 Da falta de constancia
 Em ti me vingará.

Mal feito, que se abrande,
 Vendo rigor tão grande:
 E tu, que assim me viste,
 Partiste
 A respirar!

XV.

Verás na minha pena,
 Que sempre vigilante,
 Por todo o campo errante,
 Jámais te hei de deixar.

E tu... ah louco emprego
 De quem não tem socego!
 E tu, que assim me viste,
 Partiste
 A respirar!

NISE.

CANTATA V.

NÃO vejas, Nise amada,
 A tua gentileza
 No cristal dessa fonte. Ella te engana:
 Pois retrata o suave,
 E encobre o rigoroso. Os olhos bellos
 Volta, volta á meu peito:
 Verás, tyranna, em mil pedaços feito
 Gemer hum coração: verás hum alma
 Anciosa suspirar: verás hum rosto
 Cheio de pena, cheio de desgosto.
 Observa bem, contempla
 Toda a misera estampa. Retratada
 Em huma copia viva
 Verás distincta, e pura,
 Nise cruel, a tua formosura.

Não te engane, ó bella Nise,
 O cristal da fonte amena:
 Que essa fonte he mui serena,
 He mui brando esse cristal.
 Se assim como vês teu rosto,
 Viras, Nise, os seus effeitos,
 Póde ser, que em nossos peitos
 O tormento fosse igual.

PALEMO, E NISE.

CANTATA VI.

Epythalamica.

O II quanto , Nise , oh quanto ,
 Quanto alentão teus olhos
 Ao misero Palemo ! Já tres dias
 O mar anda girando. Em tua ausencia
 Saudoso tem movido as bravas ondas.
 Aos peixes tem chegado
 O clamor de seus ais. Ah ! Se tu viras ,
 Qual foi o seu lamento ,
 Não fôras mais cruel , que o mar , que o vento.
 Eu o vi (não te engano)
 Sem acordo entregar o fragil barco
 Ao arbitrio das ondas. Poucos passos
 De huma rocha fatal já se apartava ;
 A' morrer se apressava ;
 Quando eu , que no seu rumo hia seguindo ,
 Palemo ? (lhe gritei) olha Palemo ;
 Desvia dessa penha a vela o remo.
 Mas fosse providencia , acaso fosse ,
 A outra parte a onda
 O seu barco voltou. Já perguntando
 Me torna o Pastor caro : eu entendia ;
 Que a penha , em que Nicandro me fallava ,
 Era Nise sómente , que eu buscava.

Nise a rocha deshumana ,
 Nise o bem , que tanto adoro ;
 Por quem vivo , por quem choro ;
 Por quem ando a suspiar.

Ah! Se corro a morrer nella,
 Venha a barbara ferida;
 Que esta morte só he vida;
 Porque he Lise, quem a dá.

Mas não he isto engano! O inafusto agouro
 De todo se apartou. Tornou-se em calma
 O mar tempestuoso: o vento irado
 Já suave respira: esta ribeira
 De alegria se veste: hum doce encanto
 Nos álamos, nos freixos,
 Que estão fazendo sombra ás verdes ondas
 Communica a harmonia
 Dos passaros, que cantão. Que gostosa
 Marêa as brandas folhas
 A aura lisongeira! D'entre as ramas
 Ah como fere o raio sobre as aguas,
 Tornando prateadas
 As cristallinas vêas! Finge a sombra
 Outro bosque nas ondas; e parece;
 Que outras aves no mar em competencia
 Formando estão suavissima cadencia.
 E que alegre entre tanto
 Esta praia se vê! Que grande copia
 De redes se derrama! Em cada parte
 Se senta hum Pescador: bailes e jogos
 Se attendem na ribeira: ao doce aviso
 Das visinhas Aldêas
 Vem o povo chegando. He grande o dia;
 Grande annuncio he de gosto. Mas que muito,
 Se neste feliz dia
 De Lise, e de Palemo
 Se premea a virtude! Hum terno laço
 Ao Pescador amante
 A Ninfa delicada

Neste dia assegura. Ah! queira o Fado
Propicio queira o Ceo
A chama fecundar deste hymeneo.

Forme das almas bellas
Amor o seu thesouro;
E com as settas d'ouro,
Se veja triunfar.
De perolas tributo
Lhe renda a fertil onda;
O mar lhe não esconda
A rama do coral.

Breve noticia sobre a vida do Padre Miguel Eugenio, (natural de Minas Geraes.)

O Padre Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas, nasceu em S. Luzia do Sabará; a natureza o dotou de grandes talentos, como acontece á quasi todos os filhos de Amor. Fez seus primeiros estudos com o famoso Professor de Latinidade José Felis, e os de Philosophia, e Rhetorica na Cidade de Marianna, e nesta do Rio de Janeiro, admirando em toda a parte a sublimidade de seu genio. Paulo Fernandes Vianna, que esteve em Sábará 9 annos por Intendente do Ouro, o agasalhou, como fazia a todas as pessoas de talentos, lhe facilitou, e annunciou a lição dos melhores livros, com os quaes no seu gabinete o Padre Miguel Eugenio se fez consummado em Bellas Letras Latinas, Portuguezas, Francezas, e Italianas; apresentando admiraveis traducções em verso, de lugares escolhidos dos Poetas Latinos, Corneille, Racine, Voltaire, Ariosto, Tasso, e Methastasio. O sobredito Paulo Fernandes, e o Ouvidor, que então era, Francisco de Souza Guerra Araujo Godinho, o persuadirão, e quasi obrigarão á ser Orador sagrado, sendo o primeiro Sermão que fez o das grandes Festas celebradas em Sabará pelo nascimento do Principe D. Antonio; e com tanto desempenho, que desde então se acreditou pelo primeiro Orador da Provincia. Teve a desgraça de perder a cabeça, e acabou no fim de 3 annos de demencia; enfermidade que causou a perda de seus manuscriptos com grande lastima de seus admiradores.

SEQUENCIA DA MISSA DE DEFUNTOS

PARAFRASEADA

PELO

*Padre Miguel Eugenio (natural
de Minas Geraes.)*

I.

Deos Sancto, Deos immortal!

A' tua presença vem
Quem deixou do Ceo o bem,
Quem deixou do Inferno o mal.
Esqueceo-me que o final
Dies iræ, dies illa
Solvat seculum in favilla,
Dia pela fé dictado,
Dia em fim prophetisado
Teste David cum sibilla:

II.

Lembrou-me, fiquei rendido,
Pois este dia lembrado
Faz d'hum peito obstinado
Hum coração compungido.
Qual será o alarido
Quantus tremor est futurus
Quando iudex est venturus!
Com o livro da lembrança,
Com espada, e com balança
Cuncta stricte discussurus.

III.

Se este dia faz horror
 Ainda ao homem mais justo,
 Como não causará susto
 A' mim, que sou peccador?
 Ouvirei, e com terror
Tuba mira spargens sonum
Per sepulchra regionum:
 E que esta voz quando sóa,
 Sem excepção de pessoa,
Coget omnes ante Thronum.

IV.

O Ceo, com sinal de magoa,
 E a terra em desafogo,
 Mudaráõ a agua em fogo,
 Mudaráõ o fogo em agua,
 Entre tão terrivel fragoa
Mors stupebit et Natura
Cum resurget creatura;
 Pois nessa hora temida
 Trocar-se-ha a morte em vida
Judicanti responsura.

V.

Tu verás em esta acção
 Deos Supremo, e verdadeiro,
 Não como manso cordeiro,
 Mas como bravo Leão.
 Logo sem mais dilação
Liber scriptus proferetur
In quo totum continetur;
 E neste todo acharás
 As obras boas, e más,
Unde mundus judicetur.

VI.

O Anjo com voz fatal
 Dessa trombeta tremenda,
 Não me proporá emenda,
 Mas juizo universal.
 Nesse Throno de christal
Judex ergo cum sedebit
Quidquid latet apparebit,
 Seja do Rei, ou do escravo,
 Sem apello nem aggravo
Nil inultum remanebit.

VII.

Perderá em termos taes
 A natureza os seus trilhos;
 Não haverão paes por filhos,
 Nem tambem filhos por paes.
 Eu espalhando mil ais
Qui sum miser tum dicturus
Quem patronum rogaturus,
 Se não á ti, Deos Supremo,
 Pois como peccador tremo
Cum vix justus sit securus.

VIII.

Das culpas a multidão
 Alguma desculpa leva,
 Por eu ter nascido d'Eva
 E por ser filho de Adão.
 Tem tu de mim compaixão
Rex tremendæ magistatis
Qui salvandos salvas gratis;
 Feixa-me as portas do Inferno,
 E desse naufragio eterno
Salva me fons pietatis.

IX.

Tu, meu Deos, tens por officio
 Pagares por compaixão
 As afrontas com perdão,
 Offensas com beneficio.
 D'este costume propicio
Recordare, Jesu pie,
Quod sum causa tuæ viæ;
 Vê que esta expressão he fórte,
 Se por mim sofreste a morte,
Ne me perdas illa die

X.

Sejão meus crimes riscados
 Desse livro tão temido,
 Pois que o teu sangue esparsido
 Vale mais que os meus peccados.
 Para serem perdoados
Quærens me sedisti lissus,
Redemisti crucem passus;
 Por isso, Senhor, agora
 Em chegando a final hora
Tantus labor non sit cassus

XI.

Tu, meu Redemptor, bem vês
 Que cheio de confusão
 Te estou pedindo o perdão
 Todo prostrado aos teus pés;
 Esquece-te, Senhor, qu'hes
Justus judex ultionis,
Donum fac remissionis:
 Lembra-te que hes piedoso,
 E que te busco choroso
Ante diem rationis,

XII.

Nesse dia do juizo
 Tudo se ha de acabar;
 E nem eu devo esperar
 Mais qu' Inferno, ou Paraizo.
 Movido pois deste aviso
Ingemisco tanquam reus,
Culpa rubet vultus meus;
 Eu só devo supplicar,
 E se tu só perdoar,
Supplicianti parce Deus.

XIII.

Este pedido favor
 Não he primeiro ou segundo;
 Outros maiores no mundo
 Teve qualquer peccador.
 Sim, tu hes o Salvador,
Qui Mariam absolvisti
Et latronem exaudisti:
 Com gostos eu os contemplo,
 Pois, meu Deos, com este exemp!
Mihi quoque spem dedisti.

XIV.

Se valia necessito
 P'ra esta supplica minha,
 A tua Mãi por madrinha
 Tomo por estar contricto.
 A' vista do meu delicto
Preces meæ non sunt dignæ,
Bone Jesu, fac benigne:
 Que por ser tal afilhado
 Seja de ti perdcado
Ne perenni cremer igne,

XV.

Tu nos mereces mais palmas
 Que o Santo Pastor Moisés,
 Por seres só como hes
 Benigno Pastor das almas.
 Livra-me de tantas calmas,
Inter oves locum præsta
Et ex hædis me sequestra.
 Faze qu'entre taes gemidos
 Eu seja dos escolhidos
Statuens in parte dextra.

XVI.

Eu imploro o teu perdão
 Com toda ancia, meu Deos,
 Para qu'esteja entre os teos
 No dia da selecção.
 Da-me a tua dextra mão,
Confutatis maledictis
Flammis acribus addictis,
 Sendo tu minha defenza
 Quando deres a sentença
Voca me cum benedictis.

XVII.

Os meus olhos são huns mares,
 Vesuvios meus pensamentos;
 Eu derramo ais aos centos,
 Dou suspiros á milhares;
 Para tu me perdoares
Oro supplex et acclinis
Cor contrictum, quasi cinis.
 Emfim, Senhor, isto baste:
 Se o meu principio causaste
Gere curam mei finis.

XVIII.

Vestido do teu amor
 Santo, Divino, e Supremo,
 Confortado estou, nem temo
 Todo o infernal clamor
 Naquelle dia de horror
 Quando o mais forte vacilla;
Lacrimosa dies illa,
 Pois tendo-te a ti por guia
 Não posso temer o dia
Qua resurget ex favilla.

XIX.

Nessa final audiencia,
 Nessa hora tão remissa,
 Os máos acharão justiça
 Os bons acharão clemencia.
 Sem duvida, sem falencia
 Serás tu Juiz, *Deus meus,*
Judicandus homo reus,
 Se eu entre os réos for mettido,
 Vê que estou arrependido,
Huic ergo parce Deus.

XX.

Rasga, Senhor, esse véo,
 Que o teu esplendor encerra;
 Tira-me da amarga terra,
 E leva-me ao doce Ceo.
 Concede-me por tropheo
 Cujó outro igual não tem,
 Que passando, como he bem,
 Desta vida transitoria,
 Eu te vá louvar na Gloria,
Pie Jesu Domine Amen.

PARNASO BRASILEIRO,

OU

COLLECCÃO

DAS

MELHORES POESIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INÉDITAS, COMO JA IMPRESSAS

.....
CADERNO 8.º
.....



RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1832.

CANTO SEGUNDO

DE

TASSO,

QUE CONTEM A HISTORIA

DE

SOFRONIA, E OLINDO.

(Traduzido, oitava por oitava, do Original Italiano, pelo Padre Luiz Antonio da Silva e Souza, natural de Minas Novas, e offerecido ao Excellentissimo D. Francisco de Assis Mascarenhas, hoje Marquez de S. João da Palma, e então Capitão General de Goyaz.)

1.

A Tempo, em que o Tyranno aprompta a guerra,
 Ante elle se apresenta Ismeno hum dia,
 Ismeno, que animado desenterra
 O Cadaver, que jaz na campa fria:
 Ismeno, que a Plutão assusta, e aterra
 No seo throno, dos filtros co' a magia:
 Que a seo mando fatal, quando pretende,
 As Furias infernaes desata, e prende.

2.

Este, que foi Christão, e he Mahometano.
 As cerimoniaes sabe antes ouvidas,
 E mil vezes em uso impio, e profano
 Confunde as duas Leis mal percebidas:
 Da gruta, onde se esconde ao tracto humano,
 Sabe á exercer as artes fementidas:
 O que he peor, aconselhar pretende
 Ao cruel Rei, que a seo conselho attende.

- “ Senhor, lhe diz, já vem, já vem chegando
“ A formidavel, victoriosa armada :
“ Do Ceo, da terra auxilios esperando
“ Prosigamos na impresa meditada :
“ Bom Rei, bom Capitão desempenhando
“ Teo dever, tua gloria he dilatada :
“ Se seguir teo exemplo se procura,
“ Aqui os teos rivaes tem sepultura.

4.

- “ No mal, que te ameaça, trazer venho
“ O soccorro, que está da minha parte :
“ A prudencia, que dão as cãs, eu tenho,
“ Tenho todo o poder da infernal arte :
“ Os Anjos, que das nuvens no despenho
“ Calirão, forçarei para ajudar-te :
“ Das traças, dos encantos, que medito,
“ Antes que tudo a ordem te repito.

5.

- “ No templo dos Christãos existe occulto
“ Hum subterraneo altar, que he consagrado
“ A' que Mãi intitula o povo inculto,
“ Do Deos nascido, morto, e sepultado :
“ Sem cessar arde hum cirio ao sacro vulto,
“ Que he do véo, que o rodêa, resguardado ;
“ Em torno ao Simulachro os votos pendem,
“ Que os credulos devotos lhe suspendem,

6.

- “ Ora, esta Imagem delles respeitada
“ Por tua propria mão roubada quero
“ Dentro em tua Mesquita collocada :
“ Taes encantos depois fazer espero,
“ Que em quanto ella estiver ali guardada,
“ Illesas estas portas considero,
“ E pelos meos misterios, e conjuros,
“ Ficarão sempre intactos os teos muros.

7.

Disse , e persuadio : logo impaciente
 Ao templo corre o Rei acelerado
 Violenta os Sacerdotes imprudente,
 E o casto simulachro foi roubado :
 Colloca-se em lugar menos decente ,
 Onde impio culto irrita o Ceo sagrado ;
 Põe-se na ara profana a Imagem pura ,
 Mil blasfemias o Mago então murmura.

8.

Porem mal resurgio o novo dia
 Observando de hum lado, e de outro lado
 O Ministro do templo, que o vigia,
 Vio o sacro deposito roubado :
 A pressa corre ao Rei, que se angustia
 Mostrando o rosto tristemente irado,
 Suppondo nesta acção em seo conceito,
 Que algum Christão o roubo lhe tem feito.

9.

Ou fosse que isto obrasse mão piedosa,
 Ou que o Ceo, a que offende a gente insana
 Quizesse separar de huma ara odiosa
 Aquella, que he dos Anjos soberana :
 A fama ainda fica duvidosa,
 Se mão celeste o fez, se força humana :
 Inda que mais piedoso se imagina,
 Que esta mudança foi obra divina.

10.

Casas, e templos inquirir ordena
 O Rei com importuna diligencia ;
 Destina ao roubador terrivel pena,
 E premio ao que accusar tanta imprudencia.
 O Mago, a que temor tambem condemna,
 Em vão emprega a força da sciencia,
 Que o Ceo, ou seja, ou não participante
 Encobre tudo á Ismeno delirante.

11.

E vendo então o Rei, que em vão se cansa,
 Ser crime dos fieis logo presume:
 Conjura-se contr' elles, não descança,
 Sentindo aceso na alma infernal lume:
 Ultrajado se julga, quer vingança
 Solta o freio á paixão, que he de costume
 “ Não ficaráõ impunes, diz raivoso,
 “ Morrendo todos, morre o criminoso.

12.

Com tanto que o Reo morra, o innocente
 Pereça muito embora. Mas que digo?
 Innocente! Qual he da infame gente
 Que se deve julgar de nós amigo?
 Bem que do crime novo algum se isente,
 He justo pague agora o crime antigo:
 Ferro, e fogo trazei, amigos, logo
 Esta Nação acabe a ferro, e fogo.

13.

Assim a turba falla, e em continente
 Aos fieis he notoria esta desgraça,
 Que se confundem vendo já pendente
 Duro ferro, que as vidas ameaça:
 Sem que a defesa, e a fuga tente,
 Espera que o furor se satisfaça
 Quando neste momento atribulado
 Hum socorro lhe chega inopinado.

14.

Huma donzella então perfeita havia
 De alma sublime, e rara gentileza,
 Que só com a modestia se atavia,
 E que os outros encantos menospreza:
 Que entre os muros da estancia, em que vivia,
 Esconde os atractivos da belleza,
 Occultando-se ás vistas, aos louvores,
 E furtando-se ás settas dos amores.

Mas como huma belleza se defende,
 Que attrahe a vista, os corações captiva,
 Amor não o consente, antes pretende
 N'hum mancebo acender a chamma activa:
 Amor he cego, he Argos: ora estende
 A vista ao longe, e ora a vista esquiva,
 Toda a cautella vence, e tem sciencia
 De penetrar o asilo da innocencia.

16.

Este Olindo se diz, Sofronia aquella
 Na mesma patria, e lei delle criada:
 Elle tão modesto he, quanto a vê bella,
 Ama assaz, pouco espera, e pede nada:
 Elle amor nem encobre, nem revella:
 Ella vive sem vel-o socegada:
 Assim serve este amante desgraçado,
 Ou não visto, ou bem mal recompensado.

17.

Então se escuta a voz formidolosa,
 Que a mortandade proxima annuncia;
 Sofronia tão honesta, quão briosa
 Quer seo povo livrar da tyrannia;
 Virginal pejo a prende receosa,
 Seo valor ao projecto a desafia,
 E triunfa o valor esclarecido
 Ficando ao mesmo tempo ao pejo unido.

18.

Ao Campo a Virgem sahe, e os seos descobre:
 Nem occulta, nem mostra que he formosa:
 A vista inclina, hum denso véo a cobre
 De huma maneira esquiva, e generosa:
 Se se vê no seo rosto hum garbo nobre,
 He do acaso? Ou he de arte industriosa?
 Ceo, natureza, amor, da sua parte
 Aos seos descuidos dão a força d'arte.

19.

Por entre o povo, que a contempla attento,
 Indifferente vai, chega ao Tyranno:
 Nem por lhe ver o rosto truculento
 Suspende o passo, nem receia o damno:
 “ Perdoa ao povo, diz neste momento,
 “ Senhor, suspende o teu furor insano:
 “ Minha mão entregar-te já pretende
 “ O que buscas cruel, o que te offende.

20.

Ao repentino assalto da belleza,
 Que a vista fere a hum tempo honesta, e altiva,
 Confuso fica o Rei, deixa a braveza,
 Modera o rosto, que o furor aviva:
 N'alma elle, ella no rosto sem fereza:
 Elle ama, porque a julga nada esquivã;
 Porem as graças fogem dos rigores,
 E só ternuras nutrem os amores.

21.

Quer fosse de prazer, quer de ternura
 O coração do impio se vê prezo;
 “ Nada me ocultes, diz, e está segura,
 “ Que esse povo, que estimas fica illezo:
 “ Aqui tens, lhe diz ella, a quem procura
 “ Para o supplicio o teu furor acezo:
 “ Esta mão, que aqui vez, foi a culpada,
 “ Eu sómente ser devo a castigada,

22.

Assim quer libertar da crueldade
 O seu povo, e sofrer todo o castigo:
 (Generosa mentira, que verdade
 Ha tão bella, que iguale hoje, contigo!)
 Ao Tyranno confunde a heroicidade,
 Não cobra logo o seu furor antigo:
 Quaes forão do delicto os companheiros
 Saber pretende, quaes os concelleiros.

23.

“ Do projecto, que occulto n'alma tinha
 “ A gloria só me toca, lhe diz ella;
 “ De outrem força, e conselho não convinha:
 “ Tudo deve occultar sabia cautella:,,
 “ Logo em ti só recaia a furia minha,
 Torna o Tiranno, á quem o pasmo gella;
 “ Sim, diz ella tranquilla no perigo,
 “ Foi minha a gloria, meu seja o castigo.

24.

Inquire ainda o Rei enfurecido,
 Aonde aquelle roubo está guardado;
 Mas ella diz, que á cinzas reduzido
 Ja fora pelos ventos espalhado
 Que com prazer o tinha assim remido
 De hum sacrilego povo exasperado;
 Que se o roubo procura, em vão procura,
 Se quem o fez ser ella lhe assegura.

25.

“ Não fui na acção, que fiz, usurpadora,
 “ Que he justiça cobrar o que he roubado:,,
 Mal isto ouve o Tiranno, na mesma hora
 Solta o freio ao rancor desatinado:
 Nem mais, virtude, graça encantadora,
 Vós podeis ver o impio subjugado;
 Pois em vão contra hum peito assim sanhudo
 Os encantos de amor fazem escudo.

26.

Sofronia bella he presa, e o Tyranno
 Quer que no fogo morra atormentada;
 Nos braços põe cadêas deshumano,
 Do casto corpo a roupa lhe he tirada:
 Ella emudece, e mostra hum ar ufano,
 Bem que de ideias tristes perturbada,
 Do rosto vai fugindo a formusura
 Fica não palidez, mas neve pura,

27.

Este acto heroico em toda a parte sôa :
Em confusão o povo ali concorre ;
He certo o facto, incerta he a pessoa
E vacillando Olindo tambem corre :
Mal vio , que inapia cadêas as mãos magôa,
Da bella prisioneira , por quem morre ,
Vendo que a execução o algoz intenta ,
A multidão , que a cerca , violenta ,

28.

“ Esta , diz elle ao Rei , não he culpada
“ Do crime , que se arroga por loucura :
“ Não emprehende Virgem delicada ,
“ Não executa só tanta aventura.
“ Como enganou a guarda acautellada !
“ Como roubou no altar a Imagem pura !
“ Diga se o fez. Eu fui o delinquente. ,,
“ Tanto ama aquella que ainda amor não sente. .

29.

Inda diz mais — “ Por onde o ar , e o dia
“ Na soberda Mesquita tem entrada ,
“ No silencio descí da noite fria
“ Pella abertura estreita , e não tocada :
“ Da morte a honra , que me competia ,
“ Em vão Sofronia quer lhe seja da ja :
“ Se eu commetti o crime , meus são logo
“ Estes ferros que a prendem , este fogo. ,,

30.

Sofronia , que isto escuta brandamente
Ergue o rosto , e tão nobre esforço admira ;
“ Que fazes lhe diz , misero innocente !
“ Quem tal conselho , ou tal furor te inspira ?
“ Julgas , que só não sou sufficiente
“ Para sofrer do meu Tyranno a ira ?
“ Eu tenho para a morte que ja vejo ,
“ Sem teu exemplo coração subejo.

Assim falla ao amante, que brioso
 Perziste no projecto concebido
 Que espetaculo heroico, e generoso,
 Onde amor, onde o esforço he combatido!
 Onde a morte he coroa ao victorioso,
 Onde a vida he a pena do vencido!
 Mas o Rei tanto mais se desatina,
 Quanto mais elle, e ella se crimina.

No desprezo da morte, e do tormento
 Julga o Rei seu decóro injuriado:
 “ De ambos se creia, diz, o atrevimento:
 “ Ambos terão o premio desejado: ,,
 Aos Ministros acena, e n'um momento
 Na columna hum, e outro he maniatado:
 Ao seu furor a idéa corresponde;
 As costas une, o rosto ao rosto esconde.

Ja se vê fumegar a pira ardente,
 Que extinga tão heroicos sentimentos:
 Quando o amante preso juntamente
 Estas vozes soltou entre lamentos:
 “ São estas as prisões, em que eu contente
 “ Esperava gosar doces momentos!
 “ Acaso he esta a chama appetecida,
 “ Que devia abrasar-nos toda a vida!

“ Outras chamas amor nos promettia,
 “ Outras prisões; mas estas quiz a sorte,
 “ Que até agora cruel nos dividia,
 “ E que agora nos une em dura morte:
 “ Ah! pois debes sofrer a tyrannia,
 “ Se no Leito não fui o teu consorte,
 “ Sobre a pira o serei. Sinto o teu fado,
 “ Não o meu; pois feliz morro a teu lado.

35.

“ E fico em meu tormento satisfeito,
 “ E por certo feliz acabo a vida,
 “ Se ao expirar, unidos peito á peito
 “ For minha alma em teus labios recolhida?
 “ Feliz se for na minha boca aceito
 “ O teu suspiro extremo interrompida
 A voz lhe foi então da magoa forte
 E ella o aconselha desta sorte.

36.

“ Não te podem convir na fatal hora,
 “ Oh! claro, taes idéas, taes lamentos;
 “ Temos seguro premio: os erros chora,
 “ A Deos dirige só teus pensamentos:
 “ Suporta por aquelle, que avigóra
 “ A nossa alma no meio dos tormentos:
 “ Vê do Sol, e do Ceo a formosura,
 “ Que alivio á tanto mal nos assecura.

37.

Nisto o povo pagão todo suspira,
 O fiel tambem geme occultamente:
 Ao Rei no fuudo da alma contra a ira
 Não sei que voz lhe falla, e elle sente:
 Luta contra si mesmo, e se retira
 Não cedendo ao estímulo pungente:
 Só tu, Sufonia, a dor commum, supéras.
 E chorada de todos não te alteras.

38.

Neste instante fatal chega hum guerreiro
 (Que o parece) de bello alto semblante:
 Nas armas, nos vestidos estrangeiro,
 Que se crê de hum paiz chega distante:
 O Tigre, que sustenta liſongeiro,
 Como insigêia, no alto do turbante,
 Inculca ser Clorinda sempre ufana,
 E quem assim presume não se engana.

39.

Esta, desde a primeira idade, altiva
 Cuidados, e usos feminis despresa:
 Da agulha, e fuso a mão soberba esquiva,
 Aos Lavores de Arachnes não se avésa;
 Quer que entre as armas seu decoro viva:
 Aborrece os ornatos da molleza:
 Arma de ira o semblante, que defende,
 Que ainda armado, e severo as almas rende.

40.

A mão tem desd'a infancia costumada
 A' dobrar o ginete bravo ao freio:
 Sabe a lança brandir, mover a espada,
 Foi a luta, a carreira seu recreio:
 Corre no monte, e selva emaranhada,
 Onde feras crueis á domar veio:
 Como homem aos Leões primeiro aterra,
 Faz depois qual Leão aos homens guerra.

41.

Contra os Christãos da Persia vem chegando,
 A quem mais de huma vez tem perseguido,
 Os campos de cadaveres juncando,
 Tendo as aguas em sangue convertido.
 As victimas ligadas encontrando,
 Que o furor tem á morte conduzido,
 O cavallo contem, saber querendo
 A causa de castigo tão horrendo.

42.

Chega perto, (e o povo se retira,)
 A' ver os dons, que prendem juntamente:
 Hum dissimula a dor, outro suspira,
 Sem que o sexo mais fragil se lamente:
 Olindo chora, não que tema a ira,
 Chora sobre esta victima innocente;
 Ella muda observa o Ceo sereno,
 Como quem ja deixou quanto he terreno.

43.

Clorinda se internece, e chora, em quanto
 Dos dous observa a scena, á que se aballa;
 Mas o silencio a move mais que o pranto,
 E mais se compadece de quem calla:
 Sem que muito a demore o seu espanto,
 Assim á hum ancião, que encontra, falla: —
 “ Ah! dize-me quem são estes, que a sorte,
 “ Ou que o crime conduz á cruel morte?

44.

Mal escuta esta tragica aventura,
 De que o velho deu clara intelligencia,
 Pasma de ouvir, e logo conjectura
 De ambos os presoneiros a innocencia:
 Liberta-los da morte ja procura
 (Ou o rógó o consiga, ou a violencia)
 Depressa corre, e faz conter a chamma,
 Que ja se apronta, e aos Ministro clama.

45.

“ Que nenhum d'entre vós emprehenda duro
 “ Dar á triste sentença cumprimento,
 “ Sem que eu ao Rei procure, vos conjuro:
 “ Nem será crime a falta de hum momento.,
 Tudo obedece, e admira o ar seguro,
 Com que falla, e gentil comportamento:
 Volta logo, e veloz ao Rei caminha,
 Que a seu encontro ao mesmo tempo vinha.

46.

“ Clorinda eu sou lhe diz (se tem chegado
 “ O nome de Clorinda ao teu ouvido,)
 “ Que defender, Senhor, junto á teu lado
 “ A fé comum, e o throno não duvido:
 “ Manda, e prompta me tens ao teu mandado,
 “ Ou seja em livre campo, ou muro erguido;
 “ Não temo altas empresas, e as pequenas
 “ Não as desprezarei, se tu me ordenas.

47.

XXVI

“ Que terra (o Rei lhe diz) tão apartada
 “ D’Asia está, e de donde Febo gira,
 “ Em que teu nome, Virgem celebrada,
 “ Sobre as azas da gloria inda não gira?
 “ E pois se ajunta a minha á tua espada,
 “ Todo o temor, toda a incerteza tira:
 “ Se grande armada em meu favor viera
 “ Huma esperança igual eu não tivera.

48.

“ E quanto ja Gofredo se demora!....
 “ E tu queres aqui ser empregada?
 “ Conheço, que só digna de ti fôra
 “ Impresa memoravel, e arriscada:
 “ General te nomeio desd’agora,
 “ E tu podes mandar a minha armada.
 “ Clorinda este louvor agradecia,
 “ E depois respeitosa lhe dizia. —

49.

Pedir, sem merecer, premio, conheço
 “ Não convem; mas he tal tua bondade,
 “ Que em refém de serviços, que offereço,
 “ Destes presos supplico a liberdade:
 “ Como graça, e mercê isto te peço,
 “ Sem lembrar do castigo a crueldade,
 “ Nem do crime a incerteza, e claro indicio
 “ De sofrer a innocencia este suplicio.

50.

“ Bem que todos concordem firmemente,
 “ Que dos Christãos a Imagem foi roubada,
 “ A minha opinião he differente,
 “ Que sem razão não deve ser mudada:
 “ A’ Lei de Mahomet não foi decente
 “ Esta acção por Ismeno aconselhada:
 “ Não convinha á Mesquita sacro vulto,
 “ Muito menos de differente culto.

51.

“ He pois esse prodigio, que admiramos
 “ Obra de Mahomet: elle o tem feito,
 “ Por condemnar o insulto, que observamos
 “ E para regular nosso respeito:
 “ As impresas de Ismeno, em que esperamos
 “ São inuteis, e vãs, em meu conceito:
 “ Só defende aos Guerreiros forte espada,
 “ Esta só lhe convem, só esta agrada.

52.

Disse, e callou. O Rei bem que a piedade
 O coração difficilmente inclina,
 Annuir á razão, e auctoridade
 De tal Intercessor logo imagina:
 “ Devão-te (diz) a vida, e liberdade:
 “ A graça, ou a justiça o determina:
 “ Ou sejam innocentes, ou culpados,
 “ Absolvidos estão, e perdoados.

53.

Das prisões ficão livres. Venturoso
 Por certo vem á ser de Olindo o fado,
 E mostra, que o amor, que he generoso
 Vem á ser cedo, ou tarde compensado:
 Da pira ao Leito vai, e vê-se esposo
 O que era Réo, o que era amante amado.
 Quiz com ella morrer: e ella consente,
 Pois não morrem, que vivão juntamente

*Breve noticia sobre a vida de Domingos
Caldas Barboza.*

“**M**EU Tio (assim nos informou hum parente ainda vivo deste nosso Poeta) nem era Preto nem branco, nem d’Africa nem d’America; mas era hum homem de muitos talentos e de virtudes sociaes,, Expliquemos estes ditos. O Pai de *Domingos Caldas Barboza*, depois de muitos annos de residencia em Angola, retirava-se para o Rio de Janeiro, e em sua familia vinha hum preta grávida, que na viagem deu á luz o nosso *Caldas*; seu Pai apenas desembarcado o reconheceu, e o fez baptisar, não desprezando a sua educação litteraria, por isso que lhe reconhecia hum viveza e penetração, que lhe auguravão bons resultados dos estudos, á que o fez applicar. Nas Aulas Jesuitas começou o moço *Caldas* a desenvolver os seus talentos, hombraando com os melhores estudantes; mas o seu genio desinquietao e picante brilhava sobremaneira em algumas satiras, que, como era natural, lhe grangeavão inimigos. O Poeta *Caldas* soffeo por isso, alem de outros desgostos, hum golpe da arbitrariedade, bem usual no tempo do Governo antigo. O Conde de Bobadella, então Capitão General no Rio de Janeiro, quiz dar hum satisfação á algumas pessoas poderosas offendidas pelas satiras do moço *Caldas Barboza*. Constrangeo-o á ser soldado, e o fez destacar para a Praça da Colonia, em cujo serviço esteve até ser invadida pelos Hespanhoes no anno de 1762. *Caldas Barboza* regressou á Patria com o resto da Guarnição ali destacada; mas conhecendo que não progrediria na carreira Militar, apesar dos seus bons creditos litterarios, por que o accidente da sua cor era então hum embaraço ainda mais forte, do que o haver nascido fora de Portugal, deu baixa, e passou-se á Europa. Aqui correo diversas fortunas, faltando-lhe ja os au-

105x
 xilios de seu Pai; até que por felicidade sua succedeo ser apreciado no Porto pelos dois Amantes da litteratura José, e Luiz de Vasconcellos, então Desembargadores na Relação daquella Cidade, os quaes fazendo justiça aos seus talentos Poeticos e Musicos, o acolherão em sua casa, e o fizeram entrar no conhecimento e estimação das pessoas mais gradas daquella Cidade,

Caldas Barboza passou-se do Porto á Lisboa em companhia dos seus Protectores, e os seus talentos se fizeram logo conhecidos em muitas sociedades, á que fora admitido. Na Casa de Vasconcellos encontrou sempre o arrimo, que lhe faltara na morte de seu Pai, e até foi provido em hum beneficio de sua apresentação, tomando para isso Ordens Menores. O seu genio era admirado principalmente quando improvisava com muito acerto e graça, tangendo huma viola, e cantando as glosas que fazia á qualquer assumpto lirico, que se lhe dava. Já no I.º Tomo deste *Parnaso* expuzemos alguns dos seus bellos improvisos para assim darmos huma ligeira ideia de seu merito nesta parte; agora continuaremos á publicar aquellas de suas poesias, que nos parecem mais dignas desta Collecção. Elle foi socio da *Arcadia Lisbonense*, e nella algumas vezes lauréado pelas suas composições Poeticas. Conservou sempre a reputação de litterato, e por isso gozou de muita estimação entre os Grandes de Portugal; e o que mais he, nunca abusou da protecção que encontrava, antes foi agradecido quanto pôde aos beneficios, que recebera dos Vasconcellos, fazendo-os, não poucas vezes, rccahir tambem sobre alguns litteratos desvalidos, por quem intercedia confiado na bondade dos seus patronos.

Domingos Caldas Barboza morreo com mais de 60 annos; existem delle muitas Poesias Impressas e a sua Memoria em honra das Musas Brasileiras,

A FEIRA DA LUZ

CANTO.

Librado sobre as azas
O Deos de Amor eu vi girar tres dias :
Desce ao Campo da Luz entra nas Casas ;
Com elle as inquietas Alegrias ,
Os traveços Prazeres ,
Desasocegão homens, e mulheres,

Ora pousava em ouriçadas tranças ,
Ora se vê á furto em olhos bellos
Semeando esperanças ,
Que dão por triste fruto horriveis zelos ;
Ora em peitos se esconde ,
E ali existe , e não se sabe aonde.

No lugar em que o Povo compra e vende ,
Ali pretende Amor ter lucro grande ,
Subtís laços extende ,
Nem algum ha que alli seguro ande ,
Dão-se arriscados passos ,
E eu vi a mais de cem cahir nos laços.

Destra belleza ufana passeava ,
Turba immensa a seguia :
Com estudados gestos captivava ,
E nunca se rendia ,
A' seus grilhões já presos ,
Vi muitos corações em vão acesos.

Martezia, que de livre assim blasona,
 E que tantos captiva
 Por entre as ruas de baeta, e lona,
 Faz rabear a escrava comitiva,
 E vai ao torpe bando
 Desgraçados rivaes accrescentando.

Pendem d'hum lado matizadas fitas,
 Bordadas coifas, lenços mil galantes,
 Varias plumas bonitas
 Lindas caixas, anneis extravagantes,
 Com que o déstro caixeiro
 Faz do que pouco val muito dinheiro.

De preparada concha á hum lado alveião
 Pequenos corações com letras d'oiro
 Lem-se ali expressões, que se desejão.
 Hum acha o seu agoiro;
 E numero infinito
 Poupa em curto letreiro hum longo escrito

De hum amfibio animal malhada casca
 Dera os subtis anneis, que vende aos fios
 Graciosa tarasca,
 E os grosseiros bonecos d'assobios,
 E as azues, e encarnadas chamarelas,
 E os mólhos de perpetuas amarellas.

Ja Martezia lá vai á recostar-se
 Em certo mostrador, defronte eu fico:
 Basta ella chegar-se,
 O pobre vendedor se torna rico:
 Qual virtude eu conheço
 Do que á ella lhe agrade sóbe o preço.

Vãos peraltas lá vão em competencia,
 Qual offerar-lhe a fita primorosa,
 Q' aceita por decencia:
 Qual leva por offrenda graciosa
 Hum coração bem feito,
 Tão fragil como o que lh'esconde o peito.

Esta volante, e frouxa bateria
 Não póde inda rendel-a;
 E he falso amor, amor de zombaria,
 O que se lê nos lindos olhos della:
 E já Cupido irado
 Tem digno vencimento destinado.

As magras bolsas dão o ultimo alento,
 E esta belleza invicta
 Bem livre canta o proprio vencimento:
 Fria isenção terriveis leis lhe dita,
 E astuta resistindo
 Os deixou hir chorando, e ficou rindo.

Mas não zombes, cruel, que pouco tarda
 A vingança d' Amor,
 A' quem tua isenção não acobarda;
 Teme o teu vencedor,
 Mil settas despontaste, mas espera
 A que de Acrizio a prole já rendera.

Fogosos brutos entr'espuma envoltos
 Duro freio raivosos mastigando
 Parão onde os Amoriuhos soltos
 Os virtuosos corações tentando
 Escrivião attentos
 A lista de futuros casamentos.

Desce o moço Frondelio, então retine
 O som das algibeiras
 Não tarda que Martezia não se encline
 A's vozes lisongeiras
 D'ouro sempre suave,
 Que ao peito sem virtude he propria chave.

Venceste, astuto Amor, em fim venceste;
 Já Martezia delira,
 Não fazem todos o que fez só este,
 A cruel já suspira;
 Mas seu vil interesse he desprezado
 Alviçaras, Amor, estás vingado.

Incautos moços, conheci o engano,
 E nelle contemplai o que eu contemplo,
 E para o outro anno,
 Lembrando o conto, que vos dou d' exemplo,
 Ninguem fiar se queira
 Em achadiços corações da feira.

Breve noticia sobre a vida de João Pereira da Silva (natural do Rio de Janeiro)

JOÃO Pereira da Silva, filho de pais pobres, naturaes desta Cidade, estudou Grammatica, e Latinidade com os Jesuitas, onde passou por hum dos melhores estudantes na intelligência dos classicos, fazendo muito bons Versos, tanto Latinos como Portuguezes, e muito boas traducções em prosa e verso: sentou praça de soldado no Regimento Novo, quando sentarão praça outros muitos estudantes das aulas Jesuiticas: servio de balisa no dito Regimento, e desgostando-se com o chefe do mesmo desertou com seis vintens na algibeira. Esteve omisiado no Convento da Penha, da Capitania, onde era Guardião Fr. João Pinto, Frade Franciscano desta Provincia, com quem tinha estreita amisade: passou-se para a Cidade da Bahia, e foi acolhido pelo Governador daquella Cidade, que o teve no seu Palacio, fazendo delle muita estimação pelos seus talentos em Poesia, e o levou com sigo para Portugul: passou de Lisboa para Coimbra, onde estudou Rhetorica, Philosophia, Grego: Matriculou-se para se formar em Theologia: e no fim de dous annos tornou para Lisboa, por falta de meios para a continuação dos estudos: fez na Univercidade excellentes Versos, a Satira aos Vicios, e a Procissão dos Nús, que naquella Cidade se fazia pela Quaresma, a qual Satira corre impressa: foi na vinda de Coimbra acolhido em casa do Almotacel mór, onde viveo algum tempo sempre estimado, a pesar do acidente da côr, que entre os Fidalgos não era estimada: communicou-se em Lisboa com todos os Poetas daquelle tempo, como v. g. Diniz, Garção, Azedo, &c. Era socio de huma Academia particular de Bellas Letras em casa do Marquez de Nisa, onde produzio excellentes obras em Poesia, que girão manuscriptas por nunca querer imprimir obras.

1084
 suas : passou á Ilha da Madeira , e desta Ilha tornou á Lisboa ; foi á Roma ordenar-se , e vindo ordenado , tornou para aquella Ilha com a Cadeira de Mestre Regio de Grammatica Latina ; e depois de ensinar alguns annos passou para a Cadeira de Rhetorica ; em huma e outra Cadeira esteve ensinando quasi trinta annos : manejou com perfeição a lingoa Portugueza , por haver feito nella particular estudo : foi hum bom Orador Sagrado : tinha hum grande fundo em bellas Letras. Deitou muitos bons Discipulos , e muitos bons Poetas. Teve muita estima do Bispo da Madeira o Vilares , e de todos os homens de talentos , que ali vivião , assim como dos Governadores. Largou a Cadeira de Rhetorica veio a Lisboa , em tempo do Visconde de Anadia , requereo a sua Jubilação , e quando a esperava , hindo ao Pateo das Vaccas (Secretaria de Estado) achou-se Despachado Conego da Sé desta Cidade.

Os seus excellentes Versos , e traducções das Lingoas Latina , Franceza , Italianna , e Inglesa , perderão-se por sua morte em mãos de quem as não sabia apreciar assim como os seus Sermões pregados na Ilha da Madeira , na Capella da Ajuda em Lisboa pela paz Geral , e os desta Cidade , e a penas nos resta algum como o da chegada da Familia Real. Foi nesta Cidade Pregador Regio , e Juiz Theologo da Nunciatura ; morreo com perto de 70 annos no dia 7 de Março de 1818 , e estava despachado Monsenhor da Imperial Capella , de que não tomou posse , por enfermo.

PROBLEMA

Qual deixa o gosto mais satisfeito: se o beber pelo *Porongo* de huma India, ou: se comer o *Inhame* de huma Ilhõa.

Defende-se a primeira parte nas seguintes

DECIMAS.

Por João Pereira da Silva, natural do Rio de Janeiro.

I.

Meus Senhores Academicos,
 Que estes assumptos doutissimos
 Defendeis sapientissimos
 Nestes discursos poemicos ;
 Bem sei que os ditos problemicos
 De vossa idea allegorica ;
 São de mais sutil Rhetorica ,
 Mas eu sempre não mui serio
 Neste assumpto jocosorio
 Quero expor minha theorica.

2.

Essa comida Ilhoatica,
 Esse Inhame celeberrimo,
 Em que com discurso acerrimo
 Se dá questão problematica,
 Parece sarna boubatica,
 Casuda, viscosa, esqualida,
 He raiz de todo invalida,
 Em tudo he fructa pestifera,
 E só comida porquifera,
 Malefica, rustica, e palida.

3.

He para coser-se indomito,
He para assar-se diabolico,
Para enxugar-se estrambolico,
E só aos Ilhéos he domito:
A' outro qualquer faz vomito,
E o forma thisico ou ethico;
Tem amargor tão acético
Que este sustento tyrannico
Cuido usou algum Britannico
Silvano, Satyro ou Getico.

4.

Sempre barbado espectaculo,
Sempre estafermo venereo,
Foje das luzes do ethereo,
Busca da lama o cenaculo:
Não lhe faz o sujo obstaculo
Nem o fedor mais acerrimo,
Porque no pantano asperrimo,
E no lameiro horrorifico,
He que se sustenta magnifico
E se faz mais celeberrimo.

5.

Tem tal caraca horrendissima
Tem tal esterco podrifero,
Que póde em tempo frutifero
Ter huma hórta belissima,
Em fim a forma he feissima,
A materia assas ridicula:
E como não tem particula,
Que não seja em tudo asnatica!
Não tem da mais gente pratica,
Só tem dos Ilhéos matricula.

Pelo contrario benefico
 He o Porongo especifico
 Sumptuoso e magnifico,
 Limpo, formoso, e espanefico;
 Nada tem em si malefico
 Na Primavera frutifero
 Se ostenta, e todo odorifero,
 Todo na vista pulcherrimo,
 Sendo no aceio integerrimo
 Lustroso, liso, e lucifero.

7.

Purango he nome generico,
 Cabaça entre nós he pratico,
 Cuja fruta ou fruto ovatico
 Honra a todo o Orbe esferico,
 He louça do mundo Americo,
 Bulle do paiz Brasilico:
 Nelle se bebe o melifico,
 Nelle se come o mais placido,
 Que he pucaro e cantaro flacido,
 He prato, e vaso gentilico.

8.

Na cor he ouro honorifico;
 Na forma hum globo geometrico,
 Que com esplendor phebético
 Luz como espelho clarifico;
 Ja com pinturas magnifico
 Se ostenta cuia matatica,
 Merecendo assim magnatica
 Louvor em obra elogiaca
 Por ser fazenda Chiniaca
 Tetéa, ou cousa Indiatica.

Por toda a Nação he pratico
 Por toda a gente politica,
 E assim não merece a critica.
 De algum nescio problematico;
 Que o mesmo Ilhéo sorombatico,
 Todo de calças breaticas,
 Tem nas palhoças brutaticas
 Muitos Porongos clarificos,
 Muitos cabaços magnificos,
 Muitas cuias esquipaticas.

10

Se pois o Inhame ridiculo
 Que para nada tem prestimo,
 Implora ao Porongo emprestimo,
 Não deve ser offendiculo;
 Não deve por-se em articulo
 Com elle hum porco feissimo,
 Pois he o dizer certissimo,
 Que para o gosto especifico,
 Porongo he vaso honorifico,
 Inhame he fructo vilissimo.

PROBLEMA.

Qual causa mais afflicção : se o desprezo de quem ama , se o amor de quem despreza.

Defende-se a primeira parte nas seguintes.

OUTAVAS.

Pelo mesmo Autor.

1.

Doutos Heróes, Varões esclarecidos,
Se acaso em vossos peitos esforçados
São os éccos de Amor tristes ouvidos,
São os golpes da guerra experimentados :
Ouvi daquelle effeitos resentidos,
Que são as forças desta comparados,
Pois tem o coração, que Amor enserra,
Peleja mais cruel, mais dura guerra.

2.

Valoroso guerreiro, igual Mavorte
He hum peito, que ama o que despreza,
Que contra o seu amor se ostenta forte,
E do querido bem contra a firmeza ;
No desprezo porem encontra a morte,
Porque tem de Cupido a vida presa,
Vindo á ser, quando cuida que está vivo,
Mais morto, mais amante, e mais cativo.

3.

Não experimenta assim tão forte damno
O que querendo bem he despresado,
Que o remedio efficaz de hum desengano
He destroço ás fadigas de hum cuidado.
A' aquelle que conhece o alheio engano
Não he proprio querer ser enganado,
Antes se vê em fim que nada alcança,
Perde o bem, perde o amor, perde a esperança.

4.

Pelo contrario o que ama desprezando
 Não póde em si caber, e em seo tormento,
 Ja no bem, ja no mal imaginando,
 Tem funesto pesar, triste lamento.
 Como louco insensato anda banzando,
 Sem alivio encontrar ao sentimento,
 E na dor, que experimenta a cada instante
 Se vê confuso, afflicto, e delirante.

5.

Incitado de amor procura a dama:
 Mas lembrado da offensa não lhe falla,
 O incendio se augmenta, cresce a chamma,
 O sentimento encobre, a angustia cála;
 E quanto mais no féro ardor se inflamma,
 Mais morre de paixão, com dor estála,
 Porque deve com grande desafôgo
 Mostrar que não se abraza ardendo em fogo.

6.

Quantas vezes por serras levantadas,
 Por tremedaes crucis, lagos estigios,
 De seu amado bem busca as pisadas,
 De seu querido mal segue os vistigios?
 Quantas vezes por selvas intrincadas,
 Cantos, bêcos, buracos, escondrigios,
 Examina, modéra, e alivia
 O ciume, a saudade, e a agonia?

7.

Ja presumido acaso que o caminho
 De seu amor á outro está agradando,
 Logo diz: que fará o meu bemzinho,
 E com quem estará hoje brincando?
 Finalmente de amer tão forte alinhado
 Marterisa ao que ama desprezando,
 Que eu julgo, que motiva com certeza
 Maior damno ao amor de quem despreza.

Tenho dito, Senhores Problematicos,
Mavortinos Heróes, Varões scientes;

Agora disfarçai erros provaticos,

Dizer tosco, e conceitos negligentes;

Vós que nesses discursos sois mais praticos,

Direis melhor em métros excellentes,

Que cada huma qui dizer pretende

Pelo menos, que sabe o mais, que entende.

Breve noticia sobre a vida de Thomaz Antonio Gonzaga, (natural de Pernambuco.)

JOÃO Bernardo Gonzaga, filho do Rio de Janeiro, servia o lugar de Ouvidor em Pernambuco, quando lhe nasceo o nosso Poeta. Passando-se á Bahia como Desembargador da Relação, começou alli a educação Litteraria de seu filho, em mui verdes annos. A desgraça, em que encorrera implicando-se com seos collegas em hum desacato feito ao Chanceller, por occasião de vagar o Governo, morrendo quem o exercia, foi causa de suspender-se por algum tempo a carreira dos estudos do joven *Thomaz Antonio Gonzaga*; mas isto só durou em quanto o Desembargador *João Bernardo*, seu Pae se justificava para proseguir na mesma carreira da Magistratura, á que foi restituído. *Gonzaga* pôde então seguir os estudos Academicos na Universidade de Coimbra; doctorou-se em Direito Civil, e foi logo despachado Ouvidor para *Villa-Rica*, hoje Cidade do *Ouro-Preto*.

Passou-se então de Lisboa ao Rio de Janeiro, e daqui á sua Comarca, onde administrou boa justiça. Recebeo o Despacho de Desembargador para a Relação da Bahia, e não se deo pressa, por esperar concluir o seo casamento com huma Sra. Mineira de muita honestidade e formosura, á quem *Gonzaga*, apellidando-se *Dirceo* a chamou *Marilia*, e lhe consagrou muitas Liras, que correm impressas com grande nomeada. Mas o nosso Poeta esperando o complemento de tão nobres desejos, deu motivo á desgraça em que foi abismado; a intriga interpretou esta sua demora como cumplicidade na sonhada conspiração, em que soube implicar *Alvarenga Peixoto*, e *Claudio Manoel*, como em proprio lugar dissemos. *Gonzaga* foi preso, remettido ao Rio de Janeiro, e sentenciado para o degredo de Moçambique, onde terminou os seos dias.

A collecção dos seus Poemas Eroticos, que correm impressos debaixo do titulo *Marilia de Dirceo* convenceo-nos do seu merecimento em Poesia; e a pesar de que mão extranha em alguns pontos os tenha alterado, e mesmo acrescentado novas Liras, como he facil de notar-se, principalmente na segunda parte da sua obra, todavia, a sua gloria como hum dos melhores Poetas Brasisleiros não fica obscurecida por essa temeridade.

LIRA XXIV.

ENcheo, minha Marilia, o grande Jove
 De immensos animaes de toda a especie
 As terras, e os ares,
 O grande espaço dos salóbres rios,
 Dos negros fundos mares.
 Para sua defesa
 A' todos dêo as armas, que convinha
 A' sabia Natureza.

Dêo as azas aos passaros ligeiros;
 Dêo ao peixe escamoso as barbatanas;
 Dêo veneno á serpente,
 Ao membrudo elefante a enorme tromba,
 E ao javali o dente.
 Conbe ao leão a garra:
 Com leve pé saltando o cervo foge:
 E o bravo touro marra.

Ao homem deo as armas do discurso,
 Que valem muito mais que as outras armas;
 Dêo-lhe dedos ligeiros,
 Que pôdem converter em seu serviço
 Os ferros e os madeiros;
 Que tecem fortes laços,
 E forjão raios, com que aos brutos córtão
 Os vãos, mais os passos.

A's timidas donzellas pertencerão
Outras armas, que tem dobrada força :

Dêo-lhes a Natureza
Além de entendimento, aiêem das graças,
As armas da belleza.

Só ella ao Ceo se atreve ;
Só ella mudar pôde o gello em fogo,
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura,
Quem arrancou da mão de Coriolano
A cortadora espada.

Vejo que foi de Helena o lindo rosto,
Quem pôz em campo armada
Toda a força da Grecia.

E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,
Só foi só foi Lucrecia.

Se pôdem lindos rostos, mal suspirão,
O braço desarmar do mesmo Achilles ;
Se estes rostos irados ;

Pôdem soprar o fogo da discordia
Em povos alliados ;

Hes árbitra da terra ;

Tu pôdes dar, Marilia, a todo mundo
A paz, e a dura guerra.

LYRA XXVI.

TU não verás, Marilia cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudolos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pesado esmeril a grossa area,
E já brilharem as granetas de oiro
Nofundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeira ainda novas,
Servir de adubo á terra fertil cinza,
Lançar os grãos nas côva.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo:
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o çumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredabos feitos;
Vêrme-ás folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus consulto,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sabia historia,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella;
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cançado processo.

Se encontrares louvada huma belleza,
Marilia, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade,
A tua formosura,

LYRA XXVIII

Alexandre, Marilia, qual o rio,
 Que, engrossando no Inverno, tudo arrasta,
 Na frente das cohortes
 Cérca, vence, abraza
 As Cidades mais fortes.

Foi na gloria das armas o primeiro,
 Morreo na flor dos annos, e já tinha
 Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
 Não ha poder algum, que não abata,
 Foi, Marilia, sómente
 Hum ditoso pirata,
 Hum salteador valente;

Se não tem huma fama baixa, e escura,
 Foi por se pôr ao lado da injustiça
 A insolente ventura,

O grande Cesar, cujo nome vòu,
 A sua mesma patria a fé quebranta,
 Na mão a espada tóma,
 Opprimi-lhe a garganta,
 Dá Senhores a Roma.

Consegue ser heróe por hum delicto;
 Se acaso não vencesse, então seria
 Hum vil traidor proscripto,

O ser heróe, Marilia, não consiste
 Em queimar os Imperios: move a guerra,
 Espalha o sangue humano,
 E despovòu a terra
 Tambem o máo tyranno.

Consiste o ser heróe em viver justo;
 E tanto póde ser heróe o pobre,
 Como o maior Augusto,

Eu he que sou heróe, Marilia bella,
Seguindo da virtude a hourosa estrada.

Ganhei, ganhei hum throno,
Ah! não manchei a espada,
Não o roubei ao dono.

Ergui-o no teu peito, e nos tens braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Huns tão ditosos laços.

Aos bárbaros, injustos vencedores
Atormentão remorsos, e cuidados;
Nem descançaço seguros
Nos palacios cercados
De tropa, e de altos muros.

E a quantos nos não mostra a sabia historia;
A quem mudou o fado em negro opprobrio
A mal ganhada gloria!

Eu vivo, minha bella, sim, eu vivo
Nos braços do descançaço, e mais do gosto:
Quando estou acordado,
Contemplo no teu rosto
De graças adornado;
Se durmo, logo sonho, e alli te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo sóbe
A mais o meu desejo.

LYRA III.

Esprema a vil calumnia muito embora
Entre as mãos denegridas, e insolentes,
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios: no meu rosto
 Não has dever, Marilia, o medo escrito:
 O medo perturbado,
 Que infunde o vil delicto.

Pódem muito, conheço, pódem muito,
 As furias infernaes, que Pluto move;
 Mais póde mais que todas
 Hum só dedo de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa,
 A quem seu nome derão, a Narciso:
 Fez de muitos os Astros,
 Qu'inda no Ceo diviso.

Elle póde livrar-me das injurias
 Do nescio, do atrevido ingrato povo;
 Em nova flor mudar-me,
 Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Ceos por fins occultos
 Em tão, tyranno mal me não socorrem,
 Verás então, que os sabios,
 Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.
 Tu, formosa Marilia, bem o sabes:
 Hum coração, e basta,
 Onde tu mesma cabes.

LYRA XII.

SE acaso não estou no fundo Averno,
 Padece, ó minha bella, sim padece
 O peito amante, e terno,
 As afflicções tyrannas, que aos Precitos.
 Arbitra Rhadamantho em justa pena
 Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes; rangendo os dentes.
 Com a mão descarnada não me applicão
 As raivosas serpentes.

Mas cercão-me outros monstros mais irados:

Mordem-me sem cessar as bravas serpes
 De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda

Em lançar o penedo da montanha;

Ou em mover a roda;

Mas tenho ainda mais cruel tormento:

Por cousas que affligem, roda, e gira,

Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado

A's tépidas entranhas não me come

Hum abutre esfaimado;

Mas sinto de outro monstro a crueldade:

Devora o coração, que mal palpita,

O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,

Que de mim se retirão, quando busco

Fartar o meu desejo:

Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato

Que lograr-te não possa, estando vendo

Nesta alma o teu retrato.

Estou no inferno, estou, Marilia bella;

E n'humã cousa só he mais humana

A minha dura estrella.

Huns não pôdem mover do inferno os passos:

Eu pretendo vôar, e vôar cedo

A' gloria de teus braços.

LYRA XVI.

Alma digna de mil Avós Augustos!

Tu sentes, tu soluças,
Ao vêr cahir os justos;
Honras as santas leis da humanidade:
E os teus exemplos deve
Gravar com letras de oiro no seu templo
A candida amisade.

Não he, não he de Heróe huma alma forte,
Que vê com rosto enxuto
No seu igual a morte:
Não he tambem de Heróe hum peito duro,
Que a sua gloria firma,
Em que lhe não resiste o ferro, fogo
Nem legião nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo, e chora!
He grande para mim, quem move os passos
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar podera,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, Capitão piedoso,
Entre os Heróes do Mundo
Hum nome glorioso,
Não he, porque levanta huma Cidade;
He sim, porque nos hombros
Salvou do incendio ao Pai, a quem detinha
A mão da longa idade.

Ah! se ao meu contrario entre as chammas vira,
 Eu mesmo, sim, da morte
 Aos hombros o remira:
 Inda por elle muito mais obrára:
 E se nada servisse,
 Fizera então, Amigo, o que fizeste,
 Gêmera e suspirára,

Oh! quanto são duraveis as cadêas
 De huma amizade, quando,
 Se dão iguaes idéias!

Se apesar dos estorvos se sustinha
 Nossa união sincera,
 Foi por ser a minha alma igual á tua,
 E a tua igual á minha

Se o cháro amigo te merece tanto,
 Lá lhe fica a sua alma,
 Limpa-lhe o terno pranto.
 De quem eu fallo, hês tu, Marilia bella.
 Ah! sim, hourado Amigo,
 Se enxugar não poderes os seus olhos,
 Prantêa então com ella.

LYRA XX.

Dirceo te deixa, ó bella,
 De padecer cançado:
 Frio suor já banha
 Seo rosto descorado:
 O sangue já não gyra pela vêa;
 Seos pulsos já não batem,
 E a clara luz dos olhos se bacêa:
 A lagrima sentida já lhe corre;
 Já pára a convulsão, suspira, e morre.

117*

Seo espirito chega
 Onde se pune o erro:
 Late o cão, e se lhe abrem
 Grossos portões de ferro.

Aos severos Juizes se apresenta,
 E com sentidas vozes
 Toda a sua tragedia representa:
 Enche-se de ternura, e novo espanto
 O mesmo inexoravel Rhadamantho,

Abre hum pasmado a hôca,
 E a pedra não despêde;
 Outro já não se lembra
 Da fome, e mais da sêde:

Descança o curvo bico, e a garra impia
 Negro abutre esfaimado:
 Nem na róca medonha a Parca fia.
 Até as mesmas Furias inclementes
 Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes:
 E o Rei Plutão lhe ordena
 Deixe o sitio, em que ficão
 Almas dignas de pena.

Já sahe do escuro Reino, e da memoria
 Lhe passa tudo quanto
 Ou póde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria.
 Só, bem que o gôsto as turvas agoas tome,
 Inda, Marilia, inda diz teo nome.

Entra já nos Elysios,
 Campinas venturosas,
 Que mansos rios cortão,
 Que cobrem sempre rozas.

Escuta o canto das sonoras aves,
 E bebe as agoas puras,

Que o mel, e do que o leite mais suaves.

Aqui, diz elle, espero a minha bella;

Aqui contente viverei com ella.

Aqui... porém aonde

Me leva a dôr activa?

He illusão desta alma;

Jove inda quer que eu viva:

Eu devo sim gozar teos doces laços;

E em paga dos meos males

Devo morrer, Marilia, nos teos braços.

Então eu passarei ao Reino amigo,

E tu hirás depois lá ter comigo.

LYRA XXVII.

EU vou, Marilia, vou brigar co' as feras?

Huma soltárão, eu lhe sinto os passos;

Aqui, aqui a espero

Nestes despidos braços.

He hum malhado tigre; á mim já corre,

Ao peito o aperto, estallão-lhe as costelas,

Desfallece, cahe, urra, treme, e morre.

Vem agora hum Leão: sacode a grenha,

Com faminta paixão á mim se lança;

Venha embora; que o pulso

Ainda não se cança.

Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira,

O corpo lhe fraquêa, os olhos inchão,

Açoita o chão convulso, arqueja, e espira.

Mas que vejo, Marilia! Tu te assustas?

Entendes que os destinos inhumanos

Expoem a minha vida

No cêrco dos Ramanos?

Com ursos, e com onças eu não luto.
Luto c'o bravo monstro, que me accusa,
Que os tigres, e leões mais féro, e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calumnia a cortadora espada;
Huma alma, qual eu tenho,
Não se rêcea á nada.

Eu hei de, sim, punir-lhe a insolencia,
Pizar-lhe o negro còllo, abrir-lhe o peito
C' as armas invenciveis da innocencia.

Ah! quando imaginar, que vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo,
Hei de com mão honrada
Ergue-lhe o corpo immundo.

Eu então lhe direi: *Infame, indino,*
Obras como costuma o vil humano;
Faço, o que faz hum coração divino.

LYRA XXXVIII.

EU vejo aquella Deosa,
Astréa pelos Sabios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança n'uma mão, na outra espada:
O vél-a não me causa hum leve aballo
Mas antes atrevido,
Eu a vou procurar, e assim lhe fallo:

Qual he o povo, diz,
Que comigo concorre no attentado?
O Americano Povo!
O Povo mais fiel, e mais honrado!

Tira as Praças das mãos do injusto dono,
 Elle mesmo as submette
 De novo á sujeição do Luso Throno.

Eu vejo nas historias
 Rendido Pernambuco aos Hollandezes;
 Eu vejo saqueada
 Esta illustre Cidade, dos Francezes;
 Lá se derrama o sangue Brasileiro;
 Aqui não basta, supre
 Das roubadas familias o dinheiro...

Em quanto assim fallava,
 Mostrava a Deosa não me ouvir com gosto;
 Punha-me a vista teza,
 Enrugava o severo, e acceso rosto:
 Não suspendo com tudo no que digo,
 Sem o menor receio,
 Faço que a não entendo, e assim prosigo.

Acabou-se, tyranna,
 A honra, o zelo deste nobre Povo?
 Não he aquelle mesmo,
 Que estas acções obrou: he outro novo?
 E póde naver direito, que te mova
 A suppor-nos culpados,
 Quando em nosso favor conspira a prova?

Ha em Minas hum homem,
 Ou por seo nascimento, ou seo thesouro,
 Que aos outros mover possa
 A' força de respeito, á força d'ouro?
 Os bens, de quantos julgas rebelados,
 Podem manter na guerra,
 Por hum anno se quer, a cem Soldados?

Ama a gente assisada
 A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
 Que ponha huma acção destas
 Nas mãos d'hum pobre, sem respeito, e louco?
 E quando a commissão lhe confiasse,
 Não tinha pobre somma,
 Que por paga, ou esmola lhe mandasse?

Nos limites de Minas,
 A quem se convidasse não havia;
 Hir-se-hião buscar socios
 Na Colonia tambem, ou na Bahia?
 Está voltada a Côrte Brasileira
 Na terra dos Suissos,
 Onde as Potencias vão erguer bandeira?

O mesmo autor do insulto
 Mais á riso, do que á terror me move;
 Deo-lhe nesta loucura,
 Podia-se fazer Neptuno, ou Jove.
 A prudencia he tratál-o por demente;
 Ou prendel-o, e entregal-o,
 Para delle zombar a moça gente.

Aqui, aqui a Deosa,
 Hum extenso suspiro aos ares sólta;
 Repete outro suspiro,
 E sem palavra dar as costas volta:
 Tu te irritas! Lhe digo; quem te offende?
 Ainda nada ouviste
 Do que respeita á mim, socega, attende.

E tinha que offertar-me
 Hum pequeno abatido, e novo Estado,
 Com as armas de fóra,
 Co' as suas proprias armas consternado!

Achas também, que sou tão pouco esperto,
 Que hum bem tão contingente
 Me obrigasse á perder hum bem já certo?

Não sou aquelle mesmo,
 Que a extinção do debito pedia?
 Já viste levantado
 Quem á sombra da paz alegre ria?
 Hum direito arriscado eu busco, e feio,
 E quero que se evite
 Toda a razão do insulto, e todo o meio?

Não sabes quanto apréso
 Os vagarosos dias da partida?
 Que a fortuna risonha,
 A' mais formosos campos me convida?
 Não me uníra, se houvesse, aos vís traidores:
 Daqui nem oiro quero;
 Quero levar sómente os meos amores.

Eu, ó céga, não tenho
 Hum grosso cabedal dos pais herdados;
 Não recebi no emprêgo,
 Nem tenho as intrucções d'hum bom Soldado.
 Far-me-hião os rebeldes o primeiro
 No Imperio, que se erguia
 A' custa do seo sangue, e seo dinheiro?

Aqui, aqui de todo
 A Deosa se perturba, e mais se altera;
 Morde o seo proprio beijo;
 O sitio deixa, nada mais espera.
 Ah! vai-te, então lhe digo, vai-te embora:
 Melhor, minha Marilia,
 Eu gastasse contigo mais est' hora.

SONETO.

POR

GONZAGA,

*Despedindo-se para a Bahia, quando foi
despachado Desembargador daquella
Relação.*



OBREI quanto o discurso me ditava;
Ouvia aos Sabios, quando errar temeia;
Aos bons no gabinete o peito abria;
Na rua á todos; como iguaes, honrava.

Julgando crimes, nunca o voto dava
Mais pio, ou duro, do que a Lei pedia;
Devendo de salvar ao justo, ria;
Devendo de punir ao réo, chorava.

Não forão, Villa-Rica, os meos projectos
Metèr no férreo cofre copia d'oiro;
Que sóbre aos filhos, e que chegue aos nétos:

São outras as fortunas, que me agoiro;
Ganhar saudade, adquirir affectos,
E fazer destes bens melhor thesoiro.

EPISTOLA

ESCRITA PELO SR. PAULO JOSE' DE MELLO , A' DOMINGOS
BORGES DE BARROS. AMBOS BAHIANOS.

Lisboa 1. de Outubro de 1805.

Ah! vem deliciosa variedade
Acode-me co' teu risonho enleio,
E borrifa de agrado estas rabiscas.

PHILINTO, á Variedade.

TOCA á patronear, amigo Barros,
Solte-se fio á lingua, e semiemos
No argenteo campo descosidas vozes,
Taes quaes as for mandando Mnemosyne
Ao vão da testa d'onde á penna desção.

Assim plantava innumeradas herdades
Amplas herdades de opulenta margem,
O filho de Francisco antes de Ignacio;
Esse que as Theses alcunhou. — Rugidos,
Do Liã de São Marcos, litterarios.

Não ser prometto na extensão Macedo,
Mas tal vez na intenção Macedo seja.
Vá d'Historia, Bandarra dos Bandarras;
Fita as orelhas, escancára a bocca,
Encrusa os braços, e calado, e attento
Ouve quanto narrar te quer a Musa.

Era o anno meiado, e o loiro Phebo,
Da cupula azulada ardentes raios
A' pino contra a terra dardejava;

Quando se escuta do atabale o echo.
Casar-se ao som da rouca charamella:
Alvorçado o povo corre em barba,
Guapas moçoilas as janelas pêvão,
E o foguete arrojado, que se embébe
Do ár pela planice, e lá rebenta,
Abre nos corações stadio largo,
Por onde almo prazer entra de golpe.

Que seria, meo rico, que seria?
Certo o não adivinhas, e o aposto.
Era o cirio, que a mui miraculosa
Imagem da Senhora Santa Martha,
He costume offertar de anno em anno.

Não pára aqui: affixão-se cartazes,
Voão todos á lél-os, oh! ventura!
Mascaradas, e Toiros se annuncião,
Para a banda d'além se muda a Côte;
Herma fica Lisboa, e de Eva eu filho,
Pelo vicio primeiro aguilhoado,
Vou tambem na criança tomar parte.

Eis-me novo Argonauta demandando,
Não o reino de Colchos mas Cacilhas;
Cacilhas, em que muitos vellocinos
Descoucado Jason roubar podera.

Não tinham os carolas, oh! descuido!
Fropiciado Eólo, e nem das aves
Nos agoteiros vóos reparado.

Mansamente rasgava o curvo barco
O seio ao Padre Tejo, eis de improvisoi,
Rugindo rompem da Cimeria gruta
Os Tufões, as Rajadas, as Refegas,

Trazendo á testa o furibundo Eólo :
 Aqui arrancão, acolá derribão.
 Esporéão Neptuno em seos dominios,
 E raivosos, e féros nada poupão
 Em vingança do chefe estimulado.
 Fóge do rosto a côr, e quasi fóge
 A esperança dos peitos mais seguros :
 Serras e serras s'erguem pavorosas,
 E o atribulado lenho em cova enórme,
 Breve presume ser acapelado.
 Então de todo exangues, invocámos
 Da festejada santa o patrocínio,
 E subito, oh prodigio! oh pasmo! oh gosto!
 Vemos fugir o desabrido Eólo,
 Do turbido cortejo acompanhado,
 A' sumir-se nos antros tenebrosos,
 Onde he seo uso arrebanhar os ventos.
 Desde o Tejo a aspereza dos vestidos,
 E azulado setim sereno traja :
 Volve aos nautas a côr, e vem com ella,
 Aos inanidos peitos a esperança :
 Surde o batel veloz, e dentro em pouco,
 No pontal nos achámos saons, e salvos.
 Bem não tinhamos posto o pé em terra,
 Eis- os já rodeados de Garotos,
 Que á porfia ornejantes creaturas,
 Impingir-nos querião mui lampeiros :
 Aqui á cotovélo, ali á empurro :
 Té que da rapazia gralhadôra
 De todo livre, os passos endereço,
 A' pousada d'hum jarra de seiscentos.
 Donosas moças me aguardavão lestes,
 Para o festivo burrical passeio,
 Que á modo de romagem pretendião,
 Fazer á boa Santa no seo dia.
 Apenas me lobrigão correm todas,

Ao tôpo da escada , á receber-me ;
 E mesmo ali , por que esperar não podem ,
 Nem a curiosidade lho consente ,
 Inquirem de tropel : como chegára
 Que tal fôra a maré , se houvera susto ,
 Quantas pessoas vinhão , e se era em bote
 Se em fragata , ou falúa , em fim tal grita.
 Tal azoinada em torno me fizerão ,
 Que victima quizera antes ter sido
 Dos ventos irritados , que atural-as.
 Sim , sim , maré de rosas , lhes respondo ,
 E sim á tudo mais foi quanto disse .

Entrámos para a sala , vem licôres ,
 Querem todas beber , porque os sobejos
 Bebendo-os eu , bebessc-lhe os segredos .
 Oh fineza inaudita ! ou regosijo !
 Sempre o diabo as tente , que os taes restos
 Deitarão para la d'hum bom quartilho .

São n'este entrementes quatro horas ,
 E sôa voz geral : — Que dos burrinhos ! —
 Salto eu como hum gamo , saltão outros ,
 Fis-nos no pateo serviçaes Quichotes ;
 Cada qual para sua Dulcenéa ,
 Procura descobrir cavalgadura ,
 Que leve as lampas as de mais do rancho :
 Em tanto ferve a Santa la por cima :
 Antonia da-me as luvas , ouves ? olha ,
 As verdes ; percebeste ? vem de pressa .
 Joaquina o meo leque , apre co' a sorna !
 Não achas ? Forte peste ! eu vou buscal-o .
 Anda Rosina , diz a Mae gaiteira
 A' filha qu'inda busca certo dixc ;
 As mais estão montadas , vê se perdes
 O favor destes guapos cavalheiros
 I elas tuas molezas do costume .

XXXI

N'isto vinha descendo huma, que os trinta
 A' seis verões fizera n'este sitio,
 Preciosa do toque das que pinta
 O Terencio Francez, com tanta graça.
 Havia-lhe esquecido o chicotinho,
 Ou antes de proposito o deixára,
 Para ostentar linguagem d'alto bordo.
 Descida meia escada se envieza,
 E diz para a criada, em voz mui clara:
 "Traz da guarda-roupa o meo flagicio,
 Aliás este ebrio animalejo
 Tem de ficar atrás dos mais quadrupios."
 Bravo! bravo! senhora Dona A...
 Acudo eu, acodem os demais,
 Isso he que he remontar-se! e ella ufana
 Desce os degrãos restantes, e presenta
 Da albarda no coxim nafadas bebas.
 Vamos que he tarde, clama em vão o jarra,
 Da casa dono, sem que tal pareça,
 Apesar das sangrias, que na burra,
 Por estas brinoadeiras dá frequentes.
 Aperta este silhão, huma dizia,
 Outra amanhar os factos ordenava,
 Té que em fim sôa a voz. — Estamos promptas. —
 E sobre o jumento me escarrancho,
 Encarapitão-se os demais Adonis,
 E do pateo, á calçada nos passamos.

Como do tezo arco parte a seta
 E do ár nas campinas rarefeitas,
 O incola ferir vai n'um momento,
 Tal o burrimontante secio bando,
 Mais depressa que o demo esfrega hum olho,
 No sitio do folguedo se apresenta.
 Investem logo co' a Hermida as Moças.
 E vão rogar á Virgem Santa Martha

Que do peso virgineo as alivie,
 Que hum tal ou qual marido lhes depare,
 Porque o caso não he ter bom marido,
 Mas ter marido, que no dia de hoje,
 He hum traste de laxo, em suma hum traste.
 Concluida esta scena surdem fóra,
 E nós os campiãoes no adro á lerta,
 Vamos ligeiros enganchar o braço
 Na do que para nós os tem abertos.

Era o tempo em que os fervidos Etontes
 Tocado haviam já do accaso as portas,
 E Thetis no regaço cristalino
 Fresco repouso aos incalmados corpos
 Com semblante fagueiro lhe offertava.
 Do opposto lado o rosto alevantando
 Vinha moi mansamente a meiga Phebe;
 Macias virações brincavão lédas,
 Do visinho Pereiro co' as madeixas;
 E os corações no peito embrandecidos
 Aos de Amor féros golpes se entregavão.

Assim dispostos enfiámos p. tes
 O que á feira conduz curto caminho,
 Não tão curto que tempo não houvesse
 Para vir á memoria dos amantes
 A prenda, que á Parceira dar devião.
 Maldito seja o que inventou primeiro
 Prendar Senhoras por diversa guiza
 Da que os nossos maiores praticavão!
 Felpudo, historiado ramalhete,
 Hum joelho por terra, huma fineza,
 E outras pinharias deste lote
 Era quanto expendia a boa gente:
 Oh costumes! oh tempos venturosos!
 Que tão azinha d'entre nós partistes?

Quem vos não chorará? Quem não quizera
 Picar-se antes das rosas nos espinhos,
 Que d'uma mina tressuar na cava
 Para extrahir ensanguentadas barras,
 Com que do toucador em nossos dias
 Compramos os tarécos corruptores!
 Ah! meu caro Doutor, como são parvos
 Os namorados d'esta ferrea idade?
 Que Amor he liberal dizer ouvirão,
 Mas não sabem que Amor não faz Quintilhas.

Episodios porém abandonando,
 Emendemos o fio á historia nossa,
 E os coitados amantes contemplemos
 Metendo mãos ás engelhadadas bolças.
 Esta escolhe hum anel, aquella hum pente
 Huma quer hum tocado, est'outra hum leque,
 Em fim tanto apetecem, tanto seirão,
 Que as bolças, quasi, quasi escorropichão.
 Aliviados pois do aureo peso,
 Volvemos os mesquinhos Namorados,
 Em demanda da recua Zurradoura;
 Mais leves que huma penna nos lançámos
 Das podres alimarias sobre o dórso;
 E nos do sitio esconjurando
 Hora, que ao tal sitio nos trouxera;
 Calados, cabisbaxos, e sombrios
 Trilhamos a estrada que nos vira
 Ha pouco alegres, folgasões, ativos.
 Em tanto as Raparigas, que não sabem
 A causa do silencio desusado,
 Poltrões nos chamão, fracalhões, marícas,
 E com chufas nos tirão á terreiro.
 Necias que não atinão co' motivo!
 Mas em fim taes chalaças nos disserão,
 Desenvolverão pieguices tantas

Que nós mais distrahidos da massada,
 Na liça das graçolas nos mettemos.
 Jucundo foi o resto do passeio,
 E convinha que o fosse, porque á limpo
 A despeza tirassemos da Feira.
 Eis-nos chegados ao portão da quinta
 Onde outra rede nos estava armada:
 Quiçá não adevinhas! Era a paga
 Dos malditos burrinhos e gurgétas:
 De novo los coçámos, e com magea
 Dos ultimos tostões nos despedimos

Era já tarde; e a calada noite
 Propicia á Venus convidava os pares
 A' luta com que outr'ora povoarão
 Pirrha, e Deucalionte a herma terra,
 E... Mas chiton Senhora Dona Clio!
 Attenda que o Doutor he chocalheiro,
 Embetesque no bucho o seo segredo,
 Alias tem devel-o assoalhado.
 Bóia laia de Musa! Ei-la já moita,
 E eu moita com ella: Adeos meo rico.

A SAUDADE PATERNA.

VERSOS OFFERECIDOS AOS QUE SABEM SER
PAES CARINHOSOS.

POR

João Gualberto Ferreira Santos Reis.

NATURAL DA BAHIA.

.....
Dum tot moliris pectore, vita fugit.

(Cardoso.)
.....

FADO da humana Especie! Que ha de o Gosto,
Entre as sombras teimosas das Desgraças,
Entre o crebro lidar, que vem co' a vida,
Relampago fugaz, luzir, sumir-se!
Illudido Mortal! Inda te emprégas
Em sonhadas venturas?! Porque as velas
Tão amplas sóltas á desejos tantos:
Do meio dos projectos mais pomposos,
Dos traços mais risinhos nasce o pranto!
No campo, em que vegetão as Grandezas,
Em que as Honras vegetão, surge o Nada;
E da vida no chão pullúla a Morte!
Ai! Esperanças vans! Sem que cheguemos
As delicias gozar, que ou d'atra noite
Nunca rompem de incognitos futuros,
Ou rebentando apenas, pêcas morrem,
Apoz das dores e ais: que nos rodeão,
Asperrimo apparece o Desengano!

Suspira-se o ser Pae: completo o voto,
Vem o thoro enfeitar prole querida:
Eis infante gentil aos si nos braços;

E ao passo mesmo, em que os mimosos dias
Manso e manso lhe vai abrindo o Tempo,
Encantos novos no paterno peito
Vão as doces raizes penetrando,
Que poder nenhum ha, que as desafêrre.

Quem bem exprimirá o terno enlevo
Com que os primeiros sons *Páe, Mãe*, lhe ouvimos?
Quem o deleite, em que se arraza o peito,
Quando os molles bracinhos extendendo,
Aos braços nossos galhofeiro corre?

Brincos travessos,
Gratas loucuras,
Faceis arrufos,
Que breve acabão;

Innocente des-siso,
Character da viveza e da candura;

Mal-explicadas vozes
De que preço não são, quanto não valem

No Coração paterno?

Que consolo não he, que desenfado
Aceitar-lhe os festejos carinhosos,
O fagueiro alvoroço, o brado amigo,
Quando aos lares chegamos, quando exige
A esperada frutinha, o usado mimo,
Que o paterno disvelo insomne estuda?

O genio agudo, a perspicacia, o tino;
Que vai aos poucos desfiando a Idade,
Que lustroso por-vir não afañça?
Que gloria inexplicavel.... Mas emtanto
Que tão doce prazer nos embriaga,
Não longe está o desgostoso morbo,
A' cujo bafo e peste

Tem de em breve murchar a Flor mimosa!
Ei-lo perto negreja, e chega, e ataca!

A febre chammojante

As medullas ao Triste inflamma e torra!
 O corpo he brazza, o pulso lhe galôpa,
 Ardem-lhe as faces, e delira, e geme!
 Tosse arquejante a maquina tenrinha
 Despiedada a sacode,
 E como que pretende
 O anhelito final cortar-lhe á instantes!
 Sequazes de Chirón, filhos de Apollo,
 Apurai, apurai as artes vossas!
 Ah! rapidos correi! Expertos olhos
 Leião a queixa! Perspicazes dedos
 O progresso fatal na arteria indaguem!
 A's ancias lhe acudi! Porque tão froxos
 As horas dilataes da vinda vossa?
 A idade pueril talvez cuidados
 Vos não merece tantos! Insensiveis
 Sereis talvez ao magoador gemido,
 Que no tenro Innocente a dor indica!
 Não sois Páes? A afflicção, que o dilacera,
 O duro coração vos não abala?
 Quando mais cuidadosa a Ave observamos,
 Que quando implumes os filhinhos chorão!?
 Quando extremoso mais ha de o Colono
 A pluma ha zelar, que quando molle
 As primas folhas vai mostrando ás auras?
 Co' as promessas pomposas da Esperança
 Vezes não poucas mais se estende o gosto,
 Que c'os chegados bens, que já se gozão.

Sequazes de Chirón! Eia, inspirados
 Do loiro Deos, que a Medicina achára,
 A Prenda soccorrei, em cujos dias
 Vive dos dias meos toda a ventura!
 Mas..... ferrea lei do Fado! inexoravel
 O Decreto firmou, que ha de esta Rosa

126X

Inda em tenro botão voltar ao nada?
 Exacerba-se o mal de dia em dia,
 E cresce co' perigo a desesperança!
 E ou porque cega o casual acêrto
 A Arte Peónia então o não achasse,

Ou antes porque cheio

Ficar devêra o Aresto irrevogavel;

Nullos de todo os vividos esforços,

Inuteis os disvélos,

A' Victima inculpada

Já mortal pallidez lhe occupa as faces..

A Tristeza as possue, fogem os risos,

A ancia recresce, as forças esmorecem!

Contra o misero estame,

Que inda tão curto começado havia,

As tesoiras fataes aguça Atrópos,

A frega o corta, e sempiterna sombra.

A luz roubando aos desmaiados olhos,

Para não mais abrir-se os cerra a Morte!

Attractivos pueris, vozes mimosas,

Innocentes encantos, ai! Voastes!

O adorado composto, em que pulaveis,

Já fria quietação, mudez eterna,

E a cinza primitiva o occupão todo!

No silencio jazer vão do sepulcro,

Para não mais surgir, tão doces graças!

Desse funereo, pranteado leito

Sómente surge a dor, surge a Saudade!

Poucos instantes ai! Poucos instantes

Restar podem, que avistem nossos olhos.

Este despojo exanime do Nada!

Affectos paternaes! Eia, regai-o

Com saúdosas lagrimas! Do peito

Em ais involta se allivie a magoa!

Que com este dever do amor mais puro

Folga desabafar-se a Natureza!

E pôde, ó caro Filho! O Céu, e pôde
Vida tão verde.... O' Céu! E os seus designios
Sujeitos são talvez ao desacerto?!

Os olhos seus agudos não penetrão
A travez la das eras mais longiquas
A ordem dos successos?! Não regula
Seo pródigo Querer terno e benigno
Sempre para o melhor nossos destinos?!

Vida tão verde! Murmurar te atreves,
Indiscreto Mortal! Das sabias Ordens
Que lavra, por bem teu, a Mão do Immenso?!
Do filho a vida, despontada apenas,
Cortada choras por indigna Parca!
E sabes que desgraças, que flagícios,
Que nódoas, que deshonras, que máos fados
O immaturo morrer vedou-lhe agora?

N'um feretro entre flores,
Onde revoão eternaes venturas,
Que certas gozão inculpadas almas,
Zombando o vês da morte; e em suas faces,
Inda que exangues, a innocencia rindo.

E sabes se de crimes denegrido
Ou reaes, ou inventados da Calumnia,
De máoções coberto e de ignominia,
Este opprobrio dos Seos, injuria á Patria,

N'um cadafalso infame,
(Scena de horror!) daria o arranco extremo?

Quem sómente por si salvar-se pôde
De pégo das Desditas, que na Terra
Contra os Humanos sem cessar braveja?
Quem seguro estará de ruins azares?
Indiscreto Mortal! E inda prantêas?

A' mágoa inconsolavel
Inda abandonas o imprudente peito?!

Gema, sim, a saudade;

Sentimentos paternos

Aos olhos tragão a ternura d'alma;

Que o coração de penha

He dos Humanos odio, odio he dos Numes:

E nem o Céu se offende

Do modesto sentir da natureza,

Que a meta do Dever não ultrapassa.

Mas de hum Deos aos Decretos Venerandos,

Que sempre justos vem do Solio ethereo,

Submettida a Razão, que gniar-nos cumpre,

Curva os respeite, e com louvor adore.

AO SABER-SE NO RIO DE JANEIRO,
 QUE ERA RENDIDO O VICE-REI CONDE DE RESENDE
 FEZ JOSE' IGNACIO DA COSTA (O CAPACHO)
 O SEGUINTE.

SONETO.

PARABENS, que se vai Dom Marisapulã ;
 Esse herdeiro da Casa Resendecula,
 A' quem a Fama ao som da negra tecula
 Canta as acções, que prende em torta escapula.

Creio hirã demandar a Corte Napula
 Onde dos dotes seus bem mostre a recula,
 Pois hum Heróe de seculorum secula
 He justo admire a mesma Curia Papula.

Nasceo para reger povo Meotico,
 Porém lançando a sorte o marfim cubico,
 Deste mal nos livrou Astro Bectico.

Fôra bem, que o gozasse o Imperio Nubico
 Porque quem nos regeu por modo gotico
 Só na Negricia deve andar em publico.

POR OCCASIAO EM QUE SAHIO A' LUZ

O POEMA QUITUBIA, COMPOSIÇÃO DE JOSE' BASILIO
DA GAMA, FEZ JOSE' IGNACIO DA SILVA COSTA,
O SEGUINTE.

SONETO.

QUANDO louvas com penna tão discreta,
Estilo assaz grandiloquo, e corrente,
O maior Nacional da Africa ardente
O forte Capitão da guerra preta:

Creio ver desenhado o Heróe, que a méta
A vida pôz no cerco armipotente,
Pela divina Lyra alticanente,
Que sete Patrias honra, e chora Creta.

O igneo nome, que lhe presta a fama
Tambem a ti, Termindo, pertencia
Pelo Apollineo raio que te inflamma.

Tu exaltas como ella, a Monarchia,
Pois quando Heróe da guerra o Mundo o acclama,
Tú dás lustre maior á Poesia.

INDICE.

Do 5.^o Numero. 129
xxxiii

Breve noticia sobre o Doutor Fr. José de Santa Rita Durão (Minas Geraes).....	Pag. 3
Extractos do Poema Caramurú.....	7
Breve noticia sobre a Sr. ^a D. Beatriz Francisca de Assiz Brandão (Minas Geraes).....	25
Sonetos da mesma Senhora.....	27
Epigrammas dito.....	30
Quadras dito.....	32
Discripção de hum Naufragio por Luiz Paulino (Bahia).....	39
Soneto pelo mesmo desarmando-se os Portuguezes, por ordem do General Junot.....	41
Dito de Alvarenga Peixoto, no dia em que sua filha completou sete annos.....	41
Discripção extrahida do vida Maritima composta pelo Padre José Gomes Gadelha (Pernambuco).....	42
Quadro resumido da vida de Gregorio de Mattos Guerra (Bahia).....	47
Decima á tres enforcados, pelo mesmo.....	53
Retrato de huma Personagem, pelo mesmo....	56
Satira aos Costumes da Bahia, pelo mesmo...	60
Dois Sonetos do mesmo Auctor.....	62
Decimas do mesmo.....	68

INDICE.

Do 7.º Numero.

Breve noticia sobre a vida de Ignacio José de Alvarenga Peixoto (Rio de Janeiro).....	Pag. 3
Carta de Leandro á Hero, traduzida do Francez, e dedicada á Sr.ª D. Delfina Benigna da Cunha (Rio Grande do Sul) por D. Beatriz Francisca de Assiz Brandão (Minas Geraes).....	7
Dita de Hero á Leandro pela mesma Senhora.	22
Breve noticia sobre a vida de Claudio Manoel da Costa (Minas Geraes).....	29
A vida do Campo, Egloga pelo mesmo.....	31
A Lira, dita, dito.....	33
O Desprezo, Palinodia, pelo mesmo.....	36 e 37
Fileno á Nize, Nize á Fileno, pelo mesmo...	42 e
Palemo e Nize, Cantata Epythalamica.....	3
Breve noticia sobre a vida do Padre Miguel Eugenio (Minas Geraes).....	56
Sequencia da Missa de Defuntos parafraseada, pelo mesmo.....	57

INDICE.

Do 8.º Numero.

Canto 2.º de Taço traduzido oitava por oitava do Original Italiano, por Luiz Antonio da Silva e Souza (Minas Novas).....	Pag. 3
Breve noticia sobre a vida de Domingos Caldas Barboza (Rio de Janeiro).....	17
A Feira da Luz, Canto, pelo mesmo.....	19
Breve noticia sobre a vida de João Pereira da Silva (Rio de Janeiro).....	23
Problema resolvido em Decimas, pelo mesmo...	25
Dito dito em Oitavas, pelo mesmo.....	29
Breve noticia sobre a vida de Thomaz Antonio Gonzaga (Pernambuco).....	32
Liras, pelo mesmo.....	33
Soneto em despedida, pelo mesmo.....	48
Epistola de Paulo José de Mello, a Domingos Borges de Barros (Bahia).....	49
A Saudade Paterna, por João Gualberto Ferreira Santos Reis (Bahia).....	57
Soneto, por José Ignacio da Costa (Rio de Janeiro).....	63
Dito, ao Poema Quitubia, pelo mesmo.....	64

ADVERTENCIA.

Com este Numero termina o 2.º Volume do Paraso Brasileiro, cuja continuação se annunciará ao Publico em tempo opportuno.

F I M.





